



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

Criada em 2003, na presidência de F. Leal de Queiroz

APOIO CULTURAL



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA E DIRIGIDA



REVISTA

da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

N. 25

Julho de 2014

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

Copyright © 2014
Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

25ª Edição - Julho de 2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras/
- Campo Grande, MS: Life Editora, 2014.

240p.

ISSN 2178-5511

1. Literatura Sul-Mato-Grossense

CDD - 869

Projeto Gráfico: Endrigo Valadão
Capa (criação e finalização): Valter Jeronymo
Coordenação Geral: Rubenio Marcelo
Diagramação: André da Silva Cerqueira
Supervisão Editorial: Valter Jeronymo
Revisão: Rubenio Marcelo
Impressão e Acabamento: Gráfica Viena



Diretoria (2011/2014)

Presidente: **Reginaldo Alves de Araújo**
Vice-Presidente: **Abrão Razuk**
Secretário-Geral: **Rubenio Marcelo**
Secretário: **José Pedro Frazão**
Tesoureiro: **Francisco A. Palhano**
Segundo Tesoureiro: **Enilda Mougnot Pires**



Life Editora

Rua Américo Vespúcio, 255 - Santo Antônio
CEP: 79.100-470 - Campo Grande - MS
Fones: (67) 3362 5545 - Cel. (67) 9263 5115

A reprodução de qualquer texto desta Revista é permitida,
desde que citada a fonte, bem como o nome do respectivo autor.



APRESENTAÇÃO

Defino 2014 como um ano de vitórias e extraordinários desafios – para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, especialmente, porque vivemos o glorioso momento da conquista inédita da construção da nova sede do nosso sodalício. É meu dever, como presidente, conclamar os acadêmicos a permanecerem coesos neste luminoso projeto, numa participação dinâmica e arrojada com o objetivo primordial de engrandecer a lídima cultura literária do Estado de Mato Grosso do Sul. Da mesma forma incito os nossos confrades a uma espécie de guarda obstinada e coesa de convivência literária, ligados, não apenas pela fraternidade acadêmica, que é uma condição da Academia, porque estamos unidos e destinados a viver em conjunto para fazer literatura com responsabilidade e discricção, e para isso não devemos esquecer.

É sabido que a arte de ler é uma das belas artes. O escritor John Macy ensina que “escrever uma boa página é sem dúvida mais difícil que lê-la”. Noutro trecho ele afirma que “o valor da leitura e da escrita nunca será louvado em excesso.” Já a romancista inglesa Jane Austen, autora do livro “Orgulho e Preconceito”, disse: “Eu declaro afinal que não existe um prazer igual à leitura! É mais rápido se cansar de qualquer coisa do que de um livro!”

É advindo da inspiração do texto acima que a augusta Academia Sul-Mato-Grossense de Letras conserva, veementemente, através das duas edições anuais do célebre projeto da Revista, o fabuloso hábito de escrever e ler como um irresistível prazer e como também magistral fonte de conhecimento e informações.

Estamos passando para as mãos do público leitor esta edição de número 25, com o renovado prazer de informar que, decorridos, já

hoje, 11 anos de labor dos números postos em circulação, com alegria, verificamos, entre os nossos confrades e leitores, que o esforço despendido não foi improfícuo.

Desejamos ardentemente que este volume logre a aceitação alcançada pelos anteriores. Desta feita homenageamos a figura maiúscula do acadêmico Wilson Barbosa Martins, festejado homem de letras, porfiou com sucesso a arte sublime da oratória, competência invulgar como advogado, na política destacou-se como um trabalhador infatigável, conduta ilibada ao exercer os cargos de prefeito de Campo Grande, deputado federal, senador da república e governador do Estado de Mato Grosso do Sul, sobressaindo-se a honradez e a generosidade no trato com as pessoas e exercício nas funções públicas. Ao tomar posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras trouxe uma luminosidade tamanha que, inspirado em seus feitos, a Instituição arrojou-se no monumental projeto da construção de sua sede com apoio decisivo do Governo do Estado, antevendo a inauguração no final deste ano.

O lançamento desta edição também marcará o início das festividades de comemoração do 43º aniversário do nosso sodalício.

Importando louvar o convênio firmado com o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, Dr. André Puccinelli, tendo relevante participação do presidente da Fundação de Cultura de MS, acadêmico Américo Calheiros.

Não podemos esquecer também o agradecimento especial (de coração, da diretoria e dos membros do nosso Sodalício) ao prezado confrade/acadêmico Rubenio Marcelo (secretário-geral da Academia), brilhante organizador e revisor geral das 14 edições mais recentes da nossa Revista da ASL (inclusive esta) e para Valter Jeronymo responsável pela supervisão editorial.

Reginaldo Alves de Araújo

Presidente



SUMÁRIO

Homenagem a Wilson Barbosa Martins - 09

Textos de Wilson Barbosa Martins - 20

Antologia - 29

Abílio Leite de Barros - 31

Abrão Razuk - 35

Américo Calheiros - 39

Augusto César Proença - 43

Elizabeth Fonseca - 51

Enilda Mougenot Pires - 61

Flora Thomé - 67

Francisco Leal de Queiroz - 69

Geraldo Ramon Pereira - 75

Guimarães Rocha - 85

Henrique de Medeiros - 93

Hermano de Melo - 101

Hildebrando Campestrini - 107

José Couto Vieira Pontes - 119

José Pedro Frazão - 139

Lucilene Machado - 129

Manoel de Barros - 133

Maria da Glória Sá Rosa - 139

Marisa Serrano • 149
Paulo Nolasco • 153
Raquel Naveira • 161
Reginaldo Alves de Araújo • 167
Rêmolo Letteriello • 175
Renato Toniasso • 183
Rubenio Marcelo • 191
Valmir Batista Corrêa • 205

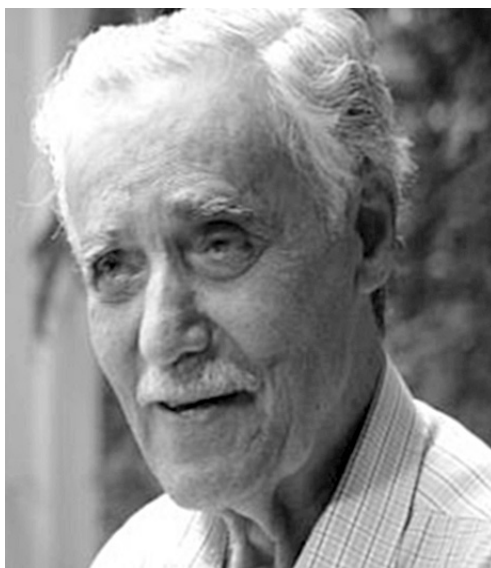
Notícia Especial da ASL • 213

Relação de Acadêmicos • 231

HOMENAGEM



WILSON BARBOSA MARTINS



Nasceu em Campo Grande em 21 de junho de 1927. Formado em Direito, foi prefeito municipal de Campo Grande, Deputado Federal, Governador de Mato Grosso do Sul por dois mandatos (foi o primeiro governador de MS eleito pelo voto popular) e Senador Constituinte. Publicou o livro: "Memória - Janela da História" em 2010. É membro do IHGMS, e ocupa a cadeira nº 38 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (cadeira esta anteriormente ocupada por sua esposa, a saudosa acadêmica Nelly Martins).





“Nunca pude viver em regime de aperturas,
sem direitos individuais, sem liberdades...”.

“Tenho em conta que é a história da nossa gente
que dá sentido à nossa história pessoal”.

(Wilson Barbosa Martins)



WILSON MARTINS – CAVALEIRO DA SAGA MEDIEVAL

por: Maria da Glória Sá Rosa

Foi a releitura de “Grande Sertão Veredas” que me fez comparar Wilson Martins a Carlos Magno, Rolando, Galaaz, heróis medievais, para quem os perigos da vida constituíam desafios na luta a favor dos mais fracos e da conquista da Igualdade social .

Preocupado com a justiça, com os direitos humanos, tornou-se uma das figuras mais emblemáticas e fundamentais na construção de um Mato Grosso do Sul, caminhando em direção à sua realização maior.

Revestido com a pele dos heróis medievais, emotivo e sincero, como Joca Ramiro, o rei dos sertões, situou cada pedacinho da existência em espaços da honra, da humildade, sem qualquer ambição de recompensas materiais a não ser o galardão do dever cumprido, da fama resultante da glória conquistada.

Nos longos anos de convivência familiar, da qual participei ao lado da amiga Nelly Martins, e no tempo em que trabalhei em seu governo, observei-o sempre encastelado na discrição de um comportamento cujos grandes prazeres eram os bons livros, a música clássica, a conversa com os amigos, as idas à fazenda, a consciência do dever cumprido.

Culto, capaz de dominar qualquer assunto, era também imune a maldades ou desonestidades, que dificultassem a caminhada de quem quer que fosse.

Nas metas referentes à construção da sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras foi figura fundamental, junto ao governador, nas

decisões a serem tomadas para a assinatura do contrato responsável pelo prédio, que nos altos do Bairro São Francisco, abrigará o sonho dos que fazem da literatura projeto de vida.

Humano, sensível, amante da exatidão, pouca coisa era capaz de fasciná-lo além de conviver com a família, receber e dar presentes, oferecer saborosos lanches aos visitantes.

Gostava de música regional. Grande incentivador de nossos compositores, comentava suas produções, incentivando os amigos, conhecidos e visitantes a prestigiar os shows, a adquirir CDs e DVDs desses criadores.

Foi o grande responsável pelos mais expressivos programas de nossa cultura, aparecimento de valores, construção de prédios, sendo figura obrigatória em todos os eventos relativos a programas da arte com o timbre de MS.

Advogado, professor, fazendeiro, diretor de escola e de jornal, não transformou a velhice em “aragem de sossego”, como queria Guimarães Rosa, de quem era amigo e admirador.

Aproveitou o talento de escritor para recompor, com auxílio da memória, faculdade épica por excelência, o longo caminho da vida pública e particular, do que resultou retrato dos mais lúcidos da região, que ajudou a criar e fazer crescer.

No livro “Memória - Janela da História”, uniu os dois pontos da vida, como fez Machado de Assis em Dom Casmurro: a história do menino dos campos da Vacaria à do homem público, defensor intransigente da democracia e da liberdade, que ocupou todos os cargos, amou, casou, teve filhos, netos e bisnetos e hoje contempla com serenidade as lembranças que o mar recolheu e o vento transportou.

Da névoa das recordações, surge a figura da esposa Nelly Martins, artista plástica e escritora, com quem gostava de plantar árvores e que foi a grande incentivadora da maioria de suas realizações.

O leitor – tocado pela largueza das ideias, a força com que abomina as ditaduras, os governos violentos e a tirania – revolta-se com

a injustiça da cassação com que foi castigado durante dez anos pelo exercício da vocação libertária.

Com notável domínio de texto, transporta-nos à chegada das comitivas de gado, aos acordes de violões no silêncio das fazendas, ao calor do fogo da madrugada aceso pelos peões, à instalação do governo de Vespasiano Martins no prédio da Maçonaria de Campo Grande, a São Paulo dos lampiões a gás, onde continuou a formação.

Os méritos de historiador, escritor, pesquisador, o processo criativo presente em todas as atribuições relativas à cultura levaram-no a ser eleito membro da ASL e do Instituto Histórico e Geográfico de MS, onde é sempre consultado e desempenha relevantes funções.

O painel de uma vida centrada na luta a favor da pobreza, o amor à família, o desapego aos bens terrenos justificam a comparação com os cavaleiros medievais, corajosos, modestos e sábios como ele.

Nunca se deixou abater pelos perigos desta vida. Venceu, pelo contrário, com a força de Deus, e todas as atribulações por que passou garantem-lhe lugar de relevo no Panteão da História.

A consciência de que e “a vida é um descuido prosseguido” foi sempre a base de que a salvação surge da coragem de sobreviver às dificuldades até atingir os mares da Eternidade.





WILSON BARBOSA MARTINS

por: José do Couto Vieira Pontes

No relicário cultural e político avultam personalidades de admirável valor e fecundo exemplo. Entre nós, a figura majestosa de Wilson Barbosa Martins. Descendente dos notáveis Barbosas, dos campos da Vacaria, trouxe no sangue o destemor, o espírito de luta e a ânsia de progresso, dotes incontestáveis que levaram o sábio francês Saint Hilaire a denominar os desbravadores colonizadores, aqui denominados bandeirantes, de “Uma raça de Gigantes”.

O primeiro povoador a chegar à região, em 1838, foi o destemido Antônio Gonçalves Barbosa, vindo de Franca do Imperador (SP), com sua família, dentre os quais seu irmão Francisco, seu genro Gabriel e o irmão deste, José Francisco. Em 1900, o paulista Francisco Cardoso Júnior conferiu ao local o nome de Entre Rios, de vez que situado entre os rios Vacaria e Brilhante. Nessa época, chegaram os moradores a sugerir o nome Caiuás, para a povoação, nome indígena da localidade. Pouco durou a denominação. A partir de 1948, já sede de município, o local recebeu a denominação de Rio Brilhante.

Em 1880, Antônio Barbosa, avô materno de Wilson, construiu a Fazenda Alegrete com 16.712 hectares, Antônio casou-se com Emerenciana de Souza, tendo o casal 12 filhos, dentre os quais Adelaide, mãe de Wilson, sendo pai Henrique Martins. Seus pais casaram-se no Hotel Globo, em 1914. Wilson cursou o primário na escola de seu Machado, em Rio Brilhante. Dois anos depois, já em Campo Grande, ingressou no ginásio do educador João Tessitore Jr., adquirido, no ano de 1929, pelos padres salesianos, fundadores do famoso Colégio Dom Bosco, que tanto cresceu a ponto de hoje ser a UCDB (Universidade Católica Dom Bosco).

Explode a Revolução Constitucionalista de 1932, contra a ditadura de Getúlio Vargas, esperando contar com o apoio de Minas

Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Mas o Rio Grande e Minas falharam, restando apenas o auxílio da parte sul de Mato Grosso, que se separou do Norte, ficando sob o comando de Vespasiano Barbosa Martins, nomeado Governador do Estado de Maracaju pelo General Bertholdo Klinger, então comandante da Circunscrição Militar do estado. Instalou-se o novo governo no prédio da Maçonaria, na Avenida Calógeras, vizinho da residência do Dr. Vespasiano, na Rua 5 de Novembro, frente à histórica Igreja de Santo Antônio de Campo Grande, mandada construir pelo fundador José Antônio Pereira, vindo o vigário de Miranda, Pe. Julião Urquia, que benzeu o templo e nele celebrou a primeira missa.

Na mesma quadra, ficava a bela residência de Vespasiano Martins.

O pai de Wilson, Henrique, e Vespasiano eram primos. Wilson e seu irmão caçula, o Plínio, casaram-se com Nelly e Ruth, duas das filhas de Vespasiano.

Nelly Martins tornou-se figura de relevo na sociedade, como precursora da defesa ambiental e mormente como escritora e historiadora, legando ao nosso patrimônio cultural obras de incontestável valor, como “Vespasiano, meu pai” e “Duas Vidas”. Já em segunda edição, em 1989, “Vespasiano, meu pai” constitui, como disse a autora, nas primeiras páginas do livro, “uma homenagem no centenário de seu nascimento, em 4 de agosto de 1989”. “Duas Vidas” é uma obra biográfica, que retrata, com muita sensibilidade e primorosa construção narrativa, a contribuição de seu avô Bernardo Franco Baís, nascido em Luca, na região da Toscana, na Itália, em 1861, ao desenvolvimento de Campo Grande. Comprou várias propriedades na cidade, doando ao município o terreno da Matriz de Santo Antônio, padroeiro do povoado. Em 2 de novembro de 1902, foi eleito primeiro intendente de Campo Grande. Em 1904, mandou construir a estrada carreteira, ligando Campo Grande a Aquidauana. Depois de alfabetizar seus filhos com o famoso mestre Benfica, primeiro professor do povoado, lecionando a partir de 1895, conferiu-lhes esmerada educação. Os primeiros filhos rapazes estudaram em Canoas, no Rio Grande do Sul, na Suíça e na Inglaterra, frequentando,

em Londres o mesmo colégio e a mesma classe do Príncipe de Gales. Amélio e Bernardo, os mais moços, estudaram em São Paulo. As filhas Celina, Ida e Lydia estudaram em Assunção, capital do Paraguai, onde o panorama cultural era verdadeiramente animador. Bernardo Franco Baís exerceu, também, antes do cargo de Intendente, de Juiz de Paz, com seriedade e eficiência, como dizem os seus biógrafos.

Depois de Bernardo Franco Baís, “Duas Vidas” retrata a figura talentosa de Lydia, nascida em 22 de abril de 1900. Bernardo Baís, seu pai, renomado comerciante, mantinha negócios com a praça de Assunção, muito desenvolvida no ramo mercantil, de modo que não vacilou em levar as filhas para estudarem lá, em colégio salesiano, então muito famoso.

Paulo Klein, falando a respeito de Lydia, acentua: “Pintora mística, com poderes proféticos e de cura, pianista e compositora, filósofa com modéstia, que dividiu sua vida entre fatos e personagens relevantes, como Mário de Andrade, Osvaldo Teixeira, Murilo Mendes, Henrique Bernardelli, e outros”.

Vespasiano Barbosa Martins, nasceu em 4 de agosto de 1889, na fazenda “Campeiro”. Em 1910, ingressa na famosa Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Em 29 de dezembro de 1915, forma-se, com distinção. Fixa residência em Campo Grande, após passar um tempo em Cáceres. Um fino cartão revela: Celina Baís Martins e Vespasiano Martins participam o seu casamento. São Paulo, 16 de dezembro de 1917. Local da cerimônia: residência do irmão Domingos, na Avenida Paulista.

Além de talentoso líder político, honesto e trabalhador, Vespasiano brilha na Medicina, destacando-se como notável cirurgião.

Na Revolução Constitucionalista de 1932, quando Mato Grosso do sul alia-se a São Paulo para livrar o país da ditadura, vence o governo forte, de modo que os revolucionários seguem para o exílio, Vespasiano à frente, rumo a Pero Juan Caballero, no Paraguai.

Findo o exílio, é nomeado prefeito de Campo Grande pela terceira vez, em 31 de outubro de 1934. Em 17 de setembro é eleito Senador da República. Em 12 de agosto de 1941, é nomeado Prefeito de Campo Grande. Em 1945, foi eleito segunda vez, senador pela UDN.

Nesse panorama de grande beleza bucólica, elogiado por todos os que o percorreram, na luta da Conquista do Oeste Brasileiro, destaca-se a valorosa família Barbosa, oriunda da Franca do Imperador (São Paulo), com seu nascedouro em Minas Gerais, região de Sabará e depois Piumhi.

Nesse panorama de rara beleza histórica e incontestável valor humano, avulta a admirável personalidade, Wilson Barbosa Martins.

Wilson fez os primeiros estudos, em Entre Rios, com o mestre Caetano, passando depois para a escola de Machado. Posteriormente, em 1929, foi internado no ginásio municipal de João Tessitore Júnior, em Campo Grande, adquirido posteriormente pelos padres salesianos, nascendo então o conceituado Ginásio Dom Bosco. Em 1934, concluiu o curso ginásial em São Paulo, que então tinha um milhão de habitantes, e iniciou o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco. A solenidade de sua formatura, após brilhantes estudos da ciência de Justiniano, ocorreu no Teatro Municipal, em 1940, com a presença honrosa de Clóvis Bevilacqua (quanta honra!).

Advogou por algum tempo em São Paulo, mas, em junho de 1941, retornou a Campo Grande, após viver sete anos na capital paulista. Nessa época, a cidade e o município tinham em torno de 50.000 habitantes. Um único juiz: Dr. Eurindo Neves e também um único Promotor de Justiça: Dr. José Fragelli. Wilson advogou, com amplo sucesso, em causas de todos os ramos do Direito. Juntamente com Jose Fragelli, em 1950, fundou o jornal Correio do Estado, adquirido posteriormente pelo escritor, jornalista e acadêmico Prof. José Barbosa Rodrigues.

Wilson e Nelly casaram-se na Igreja de Santo Antônio, hoje catedral. Deus os presenteou com três filhos: Thaís, Celina e Nelson.

Wilson, eleito prefeito, incentivou e promoveu, em grande parte, a transformação da cidade em metrópole de primeira categoria, melhorando o aspecto das ruas e jardins, prestigiando o nascimento dos primeiros grandes edifícios, como o Nacao, o Olinda, e o Korndorfer, entre outros. Desenvolveu e melhorou os serviços de água e luz elétrica para a cidade.

Já com prestígio político, compareceu à inauguração de Brasília,

em 21 de abril de 1960, ocasião em que esteve com o Presidente Juscelino Kubitschek e dona Sarah. Em 1963, assumiu seu primeiro mandato como deputado federal. O segundo mandato ocorreu em 1967. Nessa ocasião, lutou fervorosamente a favor da criação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Em todos os seus pronunciamentos, lutou ardorosamente para a prevalência dos ideais democráticos, salientando que esse sentimento constitui uma das mais gloriosas vitórias do progresso humano. Na verdade, homens com Wilson Barbosa Martins constituem os semeadores das vitórias humanas contra a prepotência e os desmandos dos púlpitos. Na verdade, nos dois períodos em que desempenhou o cargo de Governador de Mato Grosso do Sul, de 1983 a 1986 e de 1995 a 1998, realmente desenvolveu uma administração muito eficiente, cuidando não só das estruturas fundamentais, como melhoria e construção de novas estradas, edificação de novas escolas, casas populares, e programas sociais, com a participação valiosa de sua dedicada e competente esposa, D. Nelly. As conquistas sociais nasceram, assim, com a Constituição Federal de 1988, entre outras.

Na verdade, em 1955, criou o Conselho Estadual de Assistência Social e o Fundo Estadual de Assistência Social, implantando o Estatuto da Criança e do Adolescente, fonte dos notáveis Conselhos Tutelares, instalados em todos os municípios do Estado. Eleito Senador constituinte, de 1987 a 1994, desenvolveu grandes atividades na Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte, que elaborou a nova Carta Magna.

Nos cargos públicos que ocupou, com grande dignidade e capacidade intelectual invejável, Wilson sempre incentivou e ajudou os trabalhos culturais, de que é prova o apoio que prestou à ASL, desde sua fundação, em 1971, recebendo os escritores com muito afeto e colaboração, dotado que é, na verdade, de excelente cultura humanística. Pelo seu reconhecido talento literário, revelado em trabalhos publicados, foi eleito membro da nossa Academia de Letras.

Muito amável com todos, sempre conseguiu conquistar o apoio,

em suas pretensões e desempenho na política. Excelente orador, suas palavras fluentes, bem adequadas ao pensamento, agradavam muito, conquistando sempre novos admiradores.

Famoso até hoje se tornou seu escritório de advocacia, montado na frente de sua bela residência, na Rua 15 de Novembro, quase esquina com a Rua 14 de Julho. Com ele, trabalharam seu inesquecível irmão, Plínio, também político, e o distinto e operoso advogado Plínio Soares Rocha, competente colega, amigo e companheiro de lutas advocatícias e políticas.

Nunca me esquecerei do tratamento afetuoso, da amizade sincera, nascida no agradável escritório da Rua 15, já mencionado. Logo que cheguei a Campo Grande, recém-formado na gloriosa Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, fui visitá-lo. Que maravilha sua conversa, seus argumentos nas observações dos temas e assuntos, mormente jurídicos e literários. Entre outras palavras agradáveis, disse-me: - conheci seu avô, o Zeca Pontes (José Vieira Pontes) e seus vários filhos oriundos de Uberaba, pioneiros da chegada ao nosso Estado, rumo à fundação de Campo Grande, vindo por Paranaíba e Camapuã. Zeca Pontes, benquisto fazendeiro, era de origem austríaca, como afirma o grande escritor e historiador Paulo Coelho Machado, membro de nossa ASL, em sua preciosa obra “Pelas Ruas de Campo Grande - A Rua Velha”, Ed. 1990, TJ/MS.

Ao findar estas considerações a respeito do confrade e colega, Dr. Wilson Barbosa Martins, quero desejar-lhe muitas felicidades, no seio de sua digna e honrada família, e no coração de seus colegas e amigos, pedindo ao Criador que lhe dê, ainda, muitos anos de vida. GLORIA IN EXCELSIS DEO.





TEXTOS DE WILSON BARBOSA MARTINS

Iniciação Escolar

Certa vez, fui à Fazenda Formoso, dos nossos primos Martinho Pires e Georgina Barbosa. Comigo estavam o cozinheiro Benedito e o cachorro perdigueiro Topsius, malhado de branco e preto. O córrego Arrozal estava bufando, era para mim diversão ver o cachorro nadar. Na volta, apressei a montaria para rever o Topsius exhibir sua arte nas águas do ribeirão, mas sofri dor pungente, quando ouvi ladridos e o vi enrolado nas laçadas da sucuri que o devorou em instantes. Toquei a galope, comovido narrei o fato em casa, mas a sucuri se foi com o nosso cachorro.

Dessa fase da minha vida, relembro outra cena, esta cheia de ternura, quando minha mãe no fim da tarde insistiu para que eu acompanhasse o crepúsculo vespertino sentado ao lado do casal nos mourões da cancela de acesso ao pátio. Não fui porque ainda não aprendera a contemplar as belas cenas do entardecer. Quando ouço a pomba-rola que diz “fogo-apagou” ou vejo a juriti esquiva, lembro-me da São Pedro, onde em 1917 minha bisavó Marcelina serviu de parteira, dando-me o primeiro banho nas águas da bacia de prata, contendo as poucas jóias de minha mãe para fazer-me feliz.

Foi na São Pedro, com os filhos mais crescidos, que meu pai nos ensinou a trabalhar, especialmente nas lides de campo. Nossa alfabetização veio por seu esforço, embora ele não fosse paciente. Quando entramos na escola, em Entre Rios, já sabíamos ler. Nossa irmã mais velha, Gaia, já se encontrava interna no Colégio dos Anjos, em Botucatu, SP. Antes de partir, colheu na várzea, abaixo do rego d'água,

linda açucena de colorido variado e, cheia de ternura, depositou-a nas mãos de nossa mãe. Muitos dos nossos parentes levavam as filhas para esse estabelecimento. Não me recordo se sabíamos escrever, creio que não. O velho mestre seu Caetano nos adiantou na taboada – todos os seus alunos entravam no coral cantando com ele que, palmatória na mão, marcava o compasso. Pouco tempo depois, mudamos nossa matricula para escola do seu Machado e, em 1929, fomos internados no ginásio municipal de João Tessitori Júnior, em Campo Grande. Desse período não guardo boas lembranças. As instalações eram precárias e a disciplina, a alimentação e os ensinamentos eram fracos. Esse colégio foi transferido em 1930 para os padres salesianos. As melhorias foram chegando aos poucos, até contarmos com os cursos e as instalações modernas dos dias de hoje.

O tempo passou, a vida foi tomando seu rumo, mas os anos da minha infância na companhia de meus pais e irmãos, desfrutando de uma natureza exuberante, ficaram como a lembrança de um tempo feliz, pontuando por exemplos de labuta, acontecimentos pitorescos e alguns fatos marcantes, como a passagem da Coluna Prestes, cuja dimensão na história só mais tarde eu viria a compreender.



Faculdade de Direito em São Paulo

No início de 1934, falei com meu pai e obtive permissão para concluir o ciclo ginasial em São Paulo e dar início ao curso de direito na Faculdade do Largo de São Francisco, famosa no país. Eu havia sido aprovado no quarto ano do Colégio Dom Bosco de Campo Grande e faria o quinto e último no Liceu Rio Branco, naquela capital. Combinados, ele me deu oito notas de quinhentos mil réis no total de quatro contos de réis e eu parti na companhia do primo Ivan Barbosa Martins, simpático e afável, que estava para concluir o curso de Medicina no Rio

de Janeiro. Tomamos o noturno da Noroeste do Brasil e chegamos ao destino quarenta horas depois.

Eu era apenas um menino, com pouco mais de dezesseis anos, e fiquei aturdido com o movimento da cidade grande, na época com um milhão de habitantes e linhas de bondes e ônibus, fora automóveis a circularem em todas as direções. Aluguei quarto e tomei pensão na Rua Marquês de Itu, 19, na Vila Buarque, onde havia ainda lampiões a gás – era a São Paulo da garoa e dos lampiões a gás, cantada pelos poetas. Matriculei-me no colégio, fiz dois ternos de casimira e comprei roupas e livros didáticos. Sobrou-me dinheiro para mais dois meses, como avisei aos meus pais.

Conheci na pensão dois jovens de Corumbá, André de Barros, que partiu para o Rio de Janeiro, onde estudaria direito, e Carlos Mônaco, que fez ali mesmo o curso de engenharia. Na mesa de refeições, um dos companheiros, Celso, criticava acidamente os patrícios que não haviam se engajado na revolução paulista, falei-lhe da nossa ajuda, no sul de Mato Grosso, mas nada o conformava. O colega de quarto era educado, João Francisco Cuba dos Santos Filho, funcionário que mais adiante se faria bacharel como o pai, então Juiz de direito do interior. Dias depois começaram minhas aulas, eu achava tudo difícil, ignorante como era das pessoas e das coisas. Em verdade, sentia falta dos meus e levei tempo a me habituar fora de casa. Encerrado o ano letivo, estava concluído o meu curso ginasial e logo após deveria submeter-me ao exame vestibular da Faculdade. Fiz inscrição para o vestibular de Direito, que constava de uma prova escrita apenas e de várias outras orais. No momento em que nos pusemos em fila para o exame escrito, abri o livro que continha os pontos (higiene e medicina preventiva, de Afrânio Peixoto) e li toda a matéria que, por sorte, responderia logo depois. Minha prova esgotou o assunto.

Os professores incumbidos do vestibular não nos deram a nota dessa prova, mas ela era examinada no instante em que fomos arguidos e pude perceber que a minha aprovação decorreria em boa parte do êxito na prova escrita.

Travei relações com dois rapazes de minha cidade e com eles passei a morar junto à faculdade e também na pensão de José Gil Lescano e sua mulher, dona Martina, que acolhia gente do nosso rincão, no Largo do Arouche, 39. Eram José Fragelli e Iturbides Serra, ambos de Campo Grande, estudiosos e de bom caráter. Fizemo-nos bons e leais amigos. Nossa amizade era a de irmãos. Na pensão, eu e o Iturbides ocupávamos o mesmo quarto. No inverno apanhei gripe e à noite a tosse me acometeu e nos impedia de dormir. Lá pelas tantas, o Tubica – seu apelido – lamentou-se, desceu a escada e obteve, em um dos bares abertos, uma porção de vinho que fez aquecer e me trouxe a beber. Foi tiro e queda, parei de tossir e nós pudemos conciliar o sono. Iturbides, além de bom coração, foi dos melhores talentos de nossa geração. Sua oratória era rica, entusiástica e repleta de imagens.

O ano não era auspicioso para mim apenas, mas para a cidade e o país. Criou-se em 1933 a Escola Livre de Sociologia e Política, com o apoio de empresários, e o interventor Armando de Salles Oliveira criou a Universidade de São Paulo, em 1934. Sergio Milliet disse, a propósito: “De São Paulo não sairão mais guerras civis anárquicas, e sim uma revolução intelectual e científica suscetível de mudar as concepções econômicas e sociais dos brasileiros”.

Professores estrangeiros de valor: Roger Bastide, Emílio Williens, Donald Pierson, Pierre Monbeig, Hebert Baldus lecionaram ao lado dos nacionais, formando novas gerações de cientistas.

Mário de Andrade, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922, fundou com Paulo Duarte o Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, órgão de grande influência na democratização da cultura. Criou, também com Paulo Duarte, a Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo. A Discoteca Pública e os primeiros parques infantis são obras suas. Em 1938, transferiu-se para o Rio de Janeiro para dirigir o Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal e para ocupar a cátedra de história e filosofia da arte.

A velha Academia de Direito, embora compusesse a Universidade de São Paulo, não mudou do lugar que ocupa desde sua criação, em 1827,

no antigo Convento do Largo de São Francisco. O prédio do convento foi demolido por etapas e, quando do meu ingresso, eu ainda assisti às aulas em salas antigas. O salão nobre, onde se realizam as festas de formatura, não estava concluído no ano de 1940, assim coleí grau, no mês de janeiro, no Teatro Municipal. Tivemos a insigne honra de contar com o professor Clóvis Beviláqua na solenidade de formatura.



Preparado para advogar em Campo Grande

Com minha formatura e inscrição no quadro da Ordem dos Advogados, em 1940, dei início à advocacia. Abri escritório, em São Paulo, no edifício Guatapará, na Rua João Brícola, na companhia do colega Naum Frankenthal, mas não logramos muito. Decidi-me a trabalhar com José da Costa Machado de Souza, cujo escritório se situava na Rua Anchieta, 35, e cuidava dos negócios da Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (Sanbra). Cabia-me atender ao movimento do fórum na capital e viajar pelo interior.

Ao tempo em que vivi em São Paulo, cidade que se me afigurava amarga, passei a querê-la bem e gostaria de nela permanecer como a eleita do coração. Fiz boas relações, tive bons colegas e amigos. Namorei duas moças inteligentes e preparadas, de excelentes famílias, a primeira por tempo menor, mas não sem afeição às suas qualidades de caráter e espírito. A segunda, que já conheci normalista, deixou-me marca indelével, tal o sentimento de amor que nos devotamos, embora àquele tempo não houvesse como hoje presença de sexo entre namorados. A sua juventude plena de beleza e alegria conquistou-me por completo. Com ela pensei seriamente em casar-me, tanto que fomos noivos por um bom tempo e o relacionamento só acabou com a minha decisão de retornar à terra natal.

Dei um pulo a Campo Grande para rever e ouvir a família sobre

o projeto de mudança, meus pais gostaram da idéia. Compareci à festividade realizada no Rádio Clube, ainda na Avenida Afonso Pena, ao lado da Prefeitura Municipal. Foi quando vi de longe a mulher que viria conquistar meu coração e me levaria ao casamento, que duraria 60 anos até que ela falecesse. Ela tocava acordeão e estava com outras amigas.

Já em São Paulo, visitei a família de Manoel Marques da Silva, fazendeiro do meu estado que residia no bairro das Perdizes e que falecera. A sua viúva, dona Maria Marques, agradeceu os sentimentos que lhe apresentei e, sabendo-me advogado recém-formado, pediu-me que diligenciasse a venda dos quadros a óleo de sua casa. Procurei firmas idôneas e com o seu consentimento efetuei a venda, pondo à parte pequeno quadro também a óleo de autor desconhecido, mas cujo talento eu apreciara. No acerto de contas, perguntei a dona Maria se ela concordaria em dar-me esse quadro a título de honorários, ela concordou. Tornei-me dono assim de pintura que representava o belo para mim – o rosto de boêmio moço exprimia ao mesmo tempo o encanto da vida e o desengano de viver. Tive esse trabalho comigo pelo espaço de ano, estava pendurado no meu quarto, na rua do Carmo, pensão de dona Beatriz, onde residi nos últimos tempos em São Paulo e onde estive ao meu lado meu irmão Henrique, que estudava ainda o ginásio e trabalhava na firma Araújo Costa e Cia., cuja sede se achava na rua Boa Vista.

Inexperiente, confiei o quadro à guarda do suposto amigo Amador Galvão de França, que me parecia sério, mas que se mostrou de mau-caráter ao sonegar-me a pintura quando o instei a devolver-me. Não me esqueci nunca do encanto daquela expressão. Eu já completara minha formação profissional, lia bastante, varava noites, especialmente quando me deparava com romances de Érico Veríssimo. O Brasil era outro país.

Em 1934, surgiu o Conselho Nacional de Petróleo; em 1941, a Companhia Siderúrgica Nacional e, em 1943, a Mineradora Vale do Rio Doce, germes das empresas que aceleraram o desenvolvimento nacional nas décadas seguintes.

No campo das Letras apareceu, em 1933, Casa grande e Senzala de Gilberto Freyre; em 1936, Sérgio Buarque de Holanda publicou Raízes do Brasil e, em 1942, Caio Prado Júnior deu à publicidade a Formação do Brasil Contemporâneo, livros indispensáveis ao conhecimento e à interpretação do país. Gustavo Capanema, ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, trouxe para trabalhar consigo Carlos Drummond de Andrade e Augusto Meyer e chamou para construir o novo prédio do seu ministério os arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Ao mesmo tempo, Portinari, Pancetti, Guinard e Burle Marx foram encarregados dos trabalhos de pintura, decoração e paisagismo.

A partir de 1930, a poesia brasileira se enriquecera com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Cecília Meireles.

Para mim, no entanto, faltava dinheiro, a mola da vida, para fazer face às despesas mensais. O que continuava a receber no escritório do dr. Costa Machado era irrisório. Devia tomar decisão urgente e retornar em definitivo à terra natal e foi o que fiz em junho de 1941, depois de viver sete anos na capital paulista, um para conclusão do ginásio, cinco para a formação universitária e um de prática forense. Estava apto, portanto, para os desafios.



O 1º trabalho forense em Campo Grande

A decisão de voltar à terra natal mudou o rumo de minha vida e selou minha sorte. Pude conviver por mais tempo com minha família e ser útil a minha gente.

Nas cidades grandes, cada habitante é simplesmente um número. Nas pequenas, passa a ter individualidade. O nosso caboclo, na rudeza da sua expressão, diz que em terra estranha o touro é vaca – é mais frágil e vale menos. Ajudado por familiares e amigos, experimentei o sabor do

crescimento rápido. Os clientes me empurraram para cima. Nem bem eu respondia uma consulta e já surgia outra. E os advogados novos precisam tempo dobrado para bem estudar e orientar suas causas e seus clientes.

No início da década de 1940, Campo Grande contava 24.479 habitantes na cidade e mais 25.120 no município e tinha um único juiz de direito, Eurindo Neves, e um promotor público, José Fragelli. O juiz despachava regularmente o expediente forense. A justiça era mais rápida. Parte da remuneração do magistrado era formada pelos emolumentos, gratificações que lhe eram pagas durante o andamento do processo. A supressão dessa vantagem aos juízos, que nos parecia um avanço, na verdade resultou em maior demora na solução das contendas. O promotor sempre foi homem de fibra. Recolocou as funções do Ministério Público na sua exata posição. No júri, acusava com desassombro bandoleiros temidos.

Meus pais moravam na Rua Antonio Maria Coelho, entre as Ruas 13 de Maio e Rui Barbosa, onde me instalei. Isso, em junho de 1941. Procurei sala para o escritório, que montei no sobrado da Rua Barão do Rio Branco, acima do cartório do 4º Tabelião, Júlio de Castro Pinto, de quem fui colega e amigo. Os móveis, comprei-os no Terruta Ishi, cuja oficina ficava na 13 de Maio, próxima à Maracaju. A escrivaninha e duas estantes para livros, maciças, de umburana ou Angelim, ainda as tenho no meu escritório, passados tantos anos.

Os advogados que trabalhavam na comarca eram Carlos Hugueneu Filho, Heitor Medeiros, Oclécio Barbosa Martins, Luiz Alexandre de Oliveira, Manoel Máximo da Fonseca, Demosthenes Martins, Lourival Azambuja, Fausto Matto Grosso Pereira, Aristóteles Ferreira, Paulo Coelho Machado, João Leite, João Magalhães, Ataliba Alvarenga e Dolor Ferreira de Andrade. O fórum funcionava ao lado da Prefeitura Municipal, esta na esquina da Avenida Afonso Pena com a Calógeras, onde também era o tribunal do júri. A casa ao lado era sede do Rádio Clube, onde se reunia a sociedade na parte da manhã para jogos de carta e à noite para festividades, inclusive bailes. O presidente do Rádio era o Mário Quintanilha Ribeiro, oficial médico do Exército, cujo desafio

maior era a construção da sede própria do clube, na Rua Pe. João Crippa.

O prefeito Demosthenes Martins havia reformado o prédio do clube e o destinou à Câmara Municipal e ao fórum da comarca, guarneecendo-o de mobiliário condigno. E o clube passou a funcionar na nova sede.

Em função da nossa participação na Segunda Guerra Mundial, fui convocado e, como soldado, passei a lecionar na Escola Regimental do 18º Batalhão de Caçadores de Campo Grande. Exercitei também o cargo de advogado na Justiça Militar.

No exercício da advocacia criminal aprendi a falar em público; eu que era tímido e tanto dependia da oratória para defender os clientes e, mais tarde, para sustentar os direitos da cidade e do estado na comunhão nacional. Comprazia-me nas defesas escritas ou orais, inclusive no júri, quando a luta alcançava o ápice de sua importância na salvaguarda da liberdade dos cidadãos.

Procurei o tio Vespasiano, cujo consultório ficava na Avenida Afonso Pena com a Rua 14 de julho, em salas da Farmácia Royal, e entreguei-lhe carta do meu pai, na companhia do tio João. Acolheu-me bem e aconselhou-me a trabalhar e não brigar com o juiz, para não dificultar a carreira. Assim agi ao longo da vida profissional: se as sentenças me eram contrárias, interpunha os recursos cabíveis, não ofendia o juiz. Estudava com afinco, trabalhava bastante e formei boa clientela.

Casa comercial de ponta era a Nhanduti, na rua 14 de Julho, pertencente ao casal Ramonita e João Akamine; ela, habilidosa e alegre, sabia melhor que ninguém comprar e vender bons presentes. Acabaram vendendo a casa comercial para dona Áurea Barbosa Klafke e seu marido Olímpio Klafke. Passado algum tempo, adquiriram outro estabelecimento do mesmo ramo e na mesma rua, por isso tiveram que responder a uma ação indenizatória da parte de dona Áurea e seu marido. Foi o meu primeiro trabalho forense de repercussão. Obtive ganho de causa para Ramonita e o marido, tanto na comarca como no tribunal de justiça, ao tempo em Cuiabá. Novas vitórias ocorreram na área civil e também na criminal, pois me familiarizara com o júri e já comparecia à tribuna como bom lidador.

ANTOLOGIA



Textos de Acadêmicos
(em prosa e versos)

"O mais belo triunfo do escritor
é fazer pensar os que podem pensar".

(Eugène Delacroix)



ABÍLIO LEITE DE BARROS



Nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Reside em Campo Grande. Bacharel em Direito e Licenciado e Bacharel em Filosofia. Escritor, pecuarista e ex-professor universitário. Obras: Gente Pantaneira, Uma Vila Centenária, Opinião, Histórias de Muito Antes, Pantanal - Pioneiros - Ensaio de História e Genealogia, Crônicas de uma nota só - (A Era Lula), Recoluta, entre outras. Ocupa a cadeira nº 32 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Uma cabeça na bandeja como a de João Batista

Acordei pensando no Sr. José, coitado. Esse adjetivo o acompanha como a sombra, incorporou-se à sua pessoa, acho que já passou a ser nome, substantivo próprio: José Coitado. Como se deduz com facilidade, trata-se de um produtor rural. Homem simples, trabalhador, honesto, viveu sempre na sua propriedade, que já foi maior, mas que anda em torno de 400 hectares, terra boa.

Conheço sua história: derrubou aquele cerrado, ele mesmo, quando ainda tinha forças, quase sem auxiliares, pouco a pouco, anos a fio. Plantava arroz, depois pasto. O arroz, às vezes, dava sobras com que aumentava o seu gadinho de leite, passando depois a criar bezerros para corte. Assim viveu e criou seus filhos, hoje com ele no trabalho.

Faz alguns anos, o Sr. José resolveu dar um passo mais largo, fazer afinal agricultura em maior escala e com tecnologia. Foi ao Banco do Brasil que gentilmente lhe cedeu o dinheiro necessário para máquinas e custeio. O Sr. José, coitado, sentiu-se por algum tempo um homem progressista com que passou a ter orgulho do que fazia e maior orgulho ainda do país em que vivia.

O desfecho dessa história é muito conhecido, o mesmo de centenas

de produtores. O Sr. José, coitado, havia assinado o seu contrato com o Banco sem dar muita importância àquela cláusula de letras miúdas prevendo correção monetária de débito. Então, entre safras mal colhidas e outras mal vendidas, de repente o Sr. José, coitado, descobriu que a dívida estava quatro vezes maior e o gentil gerente anunciou que deveria executá-lo judicialmente. Envergonhado, vendeu imediatamente as máquinas, uma casinha na cidade onde sonhava passar a velhice e quase a metade de suas terras, a melhor parte. Voltou à leiteria e seu mingauado gadinho.

Ontem, o Sr. José, coitado, me procurou para ajudá-lo na declaração do seu imposto territorial rural. Nervoso, mostrou-me a revista Veja que, em página dupla, como um trunfo da luta pelo social, estampava a ameaça de confisco das terras improdutivas por progressão tributária. Ameaça ao Sr. José, coitado. Examinei seus documentos, ocupação da área, etc – não havia dúvidas, o meu amigo era dono de uma propriedade improdutiva para os efeitos da lei.

Aturdido, algumas ideias me passaram pela cabeça; a primeira é que eu não sabia fazer a declaração do Sr. José, coitado. A lei fala em punir a propriedade tida para especulação. Ora, o meu amigo nem sabe o que é isso, donde deduzo que é estupidamente injusta a taxaço que lhe tomará a propriedade. E daí? Daí nada, apenas a sensação muito incômoda de que começo a ter vergonha de viver nesse país.



A eleição tiririca *

Estou escrevendo esta crônica com a razão voltada ao meu último ato político eleitoral: o meu voto. Votei contra Dilma Rousseff e, com cuidado reexamino as razões que me levaram a isso. Isso é o quê? Tris-

teza, decepção e a certeza que na idade que cheguei não haverá mais tempo para ver o Brasil que sonhei, próspero e feliz, entre as nações civilizadas do primeiro mundo. Tenho certeza que nesta eleição votei apenas contra, contra o atraso.

Devo confessar que sou um homem frustrado em meu desempenho cívico-eleitoral. As minhas escolhas nunca foram movidas por fatores emocionais, nem interesses próprios; examino os candidatos com a razão, elencando qualidades e subtraindo os defeitos, que nunca faltam. Decido, friamente, quando me convenço de que, pesado prós e contras, sobrevive o bom-senso, o bem material e moral do candidato. Mesmo assim, erro. Não foi assim com Dilma, pois tenho certeza que votei bem, contra.

A nossa presidente eleita, que me parece uma mulher energética e capaz de governar, nunca mereceria o meu voto pelo atraso de indefinições. Nunca ela se disse uma democrata. Nunca se desdisse de sua vida revolucionária comunista, ao contrário, dela sempre pareceu orgulhar-se. É esse orgulho que me convence do seu imperdoável atraso e tremendo risco de fazê-la presidente.

Esse imperdoável atraso não é fruto da ignorância, nem da falta de inteligência, nem cultura. Ao contrário, as idéias comunistas, marxistas, foram adotadas, em um primeiro momento, pela melhor intelectualidade do mundo. Era uma proposta apaixonante que escancarava a vergonha da pobreza, dizendo-a uma injustiça social pela qual todos nós devíamos nos sentir culpados. A idéia mexia emocionalmente com os bríos da sociedade capitalista. Marx, juntamente com a denúncia, apresentava uma solução – a sua doutrina – que era sedutoramente simples e de fácil compreensão. Daí o sucesso e a paixão que todos que se sentiam incomodados com a desigualdade e as injustiças sociais. Por aí penso que devemos compreender o envolvimento de Dilma Rousseff e bater palmas pelo seu entusiasmo juvenil, que era legítimo e patriótico.

Não me parece cabível fazer aqui discussão doutrinária. A história já mostrou exaustivamente que a doutrina comunista, apesar do idealismo, não deu certo em nenhum lugar do mundo. Nas universidades do primeiro mundo ninguém mais fala nisso. Por que nós

latino-americanos, ainda devemos levar isso a sério? Por que Dilma Rousseff, com evidentes dotes de inteligência, ainda acredita nisso? Ou não acredita mais? Parece-me absurdo que nesses longos meses de campanha ninguém tenha perguntado a ela se sua cabeça ainda era a mesma da guerrilheira comunista do passado? Por que nem o Serra foi capaz dessa pergunta? A resposta é fácil: todos, inclusive o Serra, tem medo de parecer de direita. Entender isso não é difícil.

A direita não é uma ideologia. O termo foi criado pela esquerda para designar pejorativamente seus opositores, uma espécie de lixo político ideológico, onde estão depositados os reacionários ao progresso comunista e todos aqueles que, de algum modo, foram bem-sucedidos economicamente – os ricos – pois, por definição ideológica todos que ganham dinheiro, na iniciativa privada, o fazem por exploração do proletariado. Permitam-me, também, não discutir essa idiotice. Mas cabe indagações das causas de sua longevidade. O comunismo já morreu e permanecem as ideias? Trata-se do efeito muito bem montado *marketing* político do núcleo da velha *intelligentia* do partido comunista soviético. A idéia mestra era a identificação da oposição ao comunismo com a reação ao progresso social. Os reacionários da direita seriam marcados de forma cruel pela falta de sensibilidade aos problemas sociais. O partido comunista evocava para si o monopólio da sensibilidade à pobreza. Assombrosamente conseguiu, de forma duradoura, pois políticos em sua maioria e intelectuais, artísticas e a juventude desinformada ainda hoje têm vergonha de se dizer de direita. Muitos se dizem socialistas, um termo vago e equívoco. Um eufemismo que ninguém é capaz de definir pelas suas diferenças específicas em relação ao comunismo.

E a cabeça da Dona Dilma, por onde anda? Como ninguém sabe, penso que acabamos de sair de uma eleição Tiririca; elegemos uma enigmática esfinge com o mesmo ímpeto irresponsável da consagração do palhaço paulista.

* Do livro “Crônicas de uma nota só – A era Lula” (Abílio Leite de Barros), Ed. Gibim, 2011.



ABRÃO RAZUK

Nasceu em Campo Grande (MS) em 1940, onde reside. Advogado e escritor. Escreve para jornais do Estado. Publicou as seguintes obras: Enfoques do Direito Processual Civil, e Da Penhora. Ocupa a cadeira nº 18 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da qual é Vice-Presidente.



O inquilino e o cupim (conto)

Conta-se que certa pessoa alugou uma casa e pactuou um contrato de Locação de imóvel com fito residencial. O contrato em regra implica em Direitos e obrigações. O inquilino tem certos deveres, inclusive em manter o imóvel em bom estado de conservação e para tal, no ato da lavratura do contrato, é feita vistoria no Imóvel retratando-se como ele se encontra.

É comum ocorrer discórdia entre locador e locatário. Inclusive, há uma incidência de inquilinos que “esquecem” de pagar o aluguel mensal. E alguns não pagam nem aluguel e nem os encargos decorrentes da relação locativa.

Cabe por lei ao locador propor a competente ação de despejo por falta de pagamento, cumulada com a rescisão do contrato e da notificação do fiador ou cobrar judicialmente do inquilino e do fiador. Há uma máxima Jurídica de que “quem apõe sua assinatura num contrato ou num título de crédito a ele se vincula”. Se terceiro estranho ao contrato assina-o então ele é fiador, se casado é mister a outorga uxória (autorização da esposa), sob pena de não valer a fiança, exceto na penhora excluir a parte da mulher que não anuiu. Na mesma hipótese, terceiro estranho à nota promissória ou cheque que apõe sua assinatura em ambos a ele se vincula juridicamente e esse fato intitula-se aval. São os denominados títulos de crédito ou cártulas creditícias. O locador

também pode escolher a ação de execução baseado em título extrajudicial com espeque no artigo 585, item II, do CPC.

Conta-se que certo inquilino reclamou do senhorio que o cupim havia solapado a base de sua residência objeto da locação. Como consequência de haver o inquilino por omissão em reparar esse mal a casa desabou. Surgiu um conflito jurídico entre o inquilino e o senhorio. Quem tem razão?

A experiência nos mostra que “todo velhaco dá uma de brabo” para não cumprir sua obrigação. Mas a natureza não dá saltos, há um anexam que diz” boi em terra alheia é vaca.”

Cabe a justiça decidir. Como o leitor decidiria? Em direito poderia sustentar a tese de que o imóvel possuía o “vício redibitório”.

O que é vício redibitório? Defeito oculto da coisa. Assim o inquilino baseado cupim arranhou desculpa para não pagar seu senhorio.

De outro lado, se o inquilino provar que houve “vício redibitório” no caso telado, então terá chance de obter ganho de causa.

Aqui a matéria de prova é fundamental para o desate da lide. A jurisprudência de nossos tribunais é dividida.

Eu se fosse juiz ante a omissão do inquilino em dedetizar a residência durante a locação, daria ganho causa para o locador. O comportamento do inquilino foi culposos, ante o exposto, decretaria o despejo para desalijar o inquilino e o condenaria no pagamento dos aluguéis vencidos mais os encargos decorrentes da locação e a condenação no princípio da sucumbência com broquel no artigo 20 do CPC. O que é esse princípio? Envolve as despesas processuais mais a verba honorária com limite entre 10 a 20 %.

Moral da estória desse modesto conto. Nem sempre o leitor pode confiar nem no inquilino e nem no cupim.

Caro leitor, julgue esse caso como se fosse o juiz. A quem daria razão ao locador ou ao locatário? Decida. Esse conto serve de exercício para quem vai fazer concurso público para magistratura.

5 de agosto de 2013.

O Sucesso de “Rede de Espera”

Foi uma honra ter sido convidado pelo escritor Renato Toniasso para apresentar seu livro “Rede de Espera”, cujo título é deveras sugestivo. Pelo o que eu li e pelo seu conteúdo, por certo, está fadado ao sucesso. O livro é composto de 26 crônicas e 5 contos. “Rede de Espera” tem um cunho filosófico. É endereçado ao leitor na direção dos princípios de vida e sempre lança mensagem de alto valor.

O colega Reginaldo Alves de Araújo, Presidente da ASL, resumiu o livro com o seu prefácio, dispensando-se qualquer outra apresentação. É evidente que, por ser o autor magistrado, boa parte da mensagem do livro se deve à formação de juiz e conhecedor da ciência jurídica. A obra é de grande valia para todos os operadores do direito. O autor revela muita sensibilidade na observação dos fatos e da psicologia humana.

A mensagem proposta pelo autor é de fácil entendimento. Da mesma forma é a sua linguagem. As orações são claras, a concordância é impecável. Destaque-se que o autor tem o domínio do vernáculo e do português bem escrito sem ser rebuscado, tampouco de difícil entendimento. Ele alcança o objetivo proposto, ou seja, transmitir lições de vida extraídas da própria experiência vivenciada.

Os personagens são pessoas simples e pouco versadas no idioma, o diálogo é escrito na maneira simples das pessoas e fala como elas e com maestria, tornando-se claro, por exemplo, o diálogo no conto “Serial Killer”. O autor relata, com competência, caso típico de erro judiciário cuja condenação do réu se deu de forma injusta. Quando o caso ocorre num clima emocional, o bom senso se torna irrelevante e se entra numa espécie de histeria coletiva, onde os sensatos são olhados com desdém.

Nesse conto, o autor lança uma oração irrefutável e com a sensibilidade de todo grande escritor, assim “acontece que os filhos de pobres também ficam doentes até de forma mais frequente em relação aos filhos daqueles melhor aquinhoados pela sorte, eis que ficam mais expostos aos rigores da vida”.

As crônicas “O Intérprete Árabe” e “O Intérprete Indígena” são

verdadeiras aulas de processo penal, com linguagem compreensível para o leitor, denotando-se sua picardia de humor. A defesa, por questão de estratégia, às vezes precisa retardar o andamento do processo. Cabe ao magistrado ficar solerte para evitar-se o excesso de prazo. Nesses contos, o autor aborda esse aspecto de maneira patente.

Lendo “Rede de Espera”, pelo seu conteúdo e valor literário, podemos dizer que o autor produzirá outras obras para o enriquecimento da literatura. Induvidosamente, o livro ainda é um grande instrumento de cultura. Por todos esses argumentos, o livro é um estrondoso sucesso. Meus parabéns ao escritor Dr. Renato Toniasso.





AMÉRICO CALHEIROS

Nasceu em Goiana (PE), em 1952. Professor e teatrólogo, criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (GUTAC). Atual diretor-presidente da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Dentre suas obras literárias, destacam-se: “Memória de Jornal”, “Da Cor da sua Pele”, “A Nuvem que Choveu”, “Poesia pra que te quero” e “Na Virada da Esquina”. Ocupa a cadeira nº 7 da ASL.



Fazenda Estrela: um sonho que nunca acaba

O ranger das rodas do carro de boi, monocórdio e preguiçoso, transportava minha expectativa de criança em férias àquele ímpar paraíso natural. Os dezoito quilômetros que separavam Nioaque da Fazenda Estrela valiam uma eternidade. No caminho, seriemas esguias e pesadonas emas, em corrida pelo capinzal, acompanhavam o desempenho do velho carro e o movimento curioso dos meus olhos-menino. Quando a estrela aparecia na sua humilde exuberância, deitada aos pés da Serra de Maracaju, escondida nas furnas, ela brilhava serena e o meu coração saía pela boca. O verde totalmente verde que circundava a fazenda era feito de aroeiras, cerejeiras e bálsamos, pura lei natural, e mais centenas de coqueiros típicos daquela área onde, em destacada majestade, saltavam à visão e aos sentidos os excessivos buritis.

O tempo na Estrela era feito de puro prazer. O alvoroço das galinhas-d'angola, das galinhas caipiras, das garnisés, dos perus e patos mesclava-se à ensurdecidora revoada dos papagaios, periquitos, ardentes gritos das araras-azuis e outras multicoloridas. Tudo depois se calava ante a sinfonia magistral dos tantos pássaros da região. Assim

era o despertar na Estrela. Nos currais, o leite jorrava das tetas fartas das vacas passivas, enquanto touros ferozes disputavam a supremacia do pedaço em quase-brigas. O ritual incluía logo a seguir: devorar literalmente um quebra-torto que, como repasto que misturava todas as sobras de comida do dia anterior, mais parecia um almoço da cidade. Isso tudo à beira do fogão de lenha adquiria maior sabor. A “fartança” estava presente nos paióis que explodiam com tanta produção caseira: banha de porco, queijo, requeijão, doce de leite, rapadura para todos os gostos, arroz, feijão, linguiça, carne-de-sol e outros gêneros que asseguravam a subsistência naquele rincão. Toda circunvizinhança sabia que a Fazenda Estrela era uma das únicas que se sustentava com a própria produção. Era um oásis independente em fertilidade e abundância naquelas plagas. Em seu pomar, laranjas de todas as qualidades, bananas maduras nos pés, mamão, melão, fruta de jambo, e melancias imensas, que brincavam de esconde-esconde embaixo das ramas, disputavam espaço com abóboras e morangas, quase invadindo os canaviais que geravam produtiva cana-de-açúcar.

Durante o dia, andar a cavalo e descobrir os mistérios do matalgal era o melhor programa. O banho no córrego buritizal, quase um rio, ladeado de tantos buritis e aonde antas, capivaras, quatis, tatus e veados vinham saciar sua sede, servia também de morada para uma sucuri gulosa que gostava de engolir bezerro novo e ficar se saciando por longo tempo com o bicho na barriga.

Nas noites cheias de segredo, tendo como testemunhas apenas os grilos, a lua e as estrelas, os donos daquele imenso reduto de paz, Seu João Leão e D. Paulina, que souberam com retidão e singeleza educar seus doze filhos, descansavam da lida diária e abriam espaço para as histórias fantásticas: algumas de assombração e outras de onças- pintadas que atemorizavam, volta e meia, aquelas paragens, devorando o gado e sumindo no nada.

As músicas da moda que pairavam no infinito daquelas furnas,

fazendo o coração da Estrela pensar no amor e em seus desatinos, eram as da dupla sertaneja Délio e Delinha, freguesa daqueles recantos todos por onde passava, a convite dos fazendeiros, cantando e reinventando, na viola, as estórias da vida.

Nas réstias das memórias de minha infância, onde o caldo de tantos sonhos permanece intacto, um em especial sempre entra em ebulição, trazendo recordações: o das idas à Fazenda Estrela.

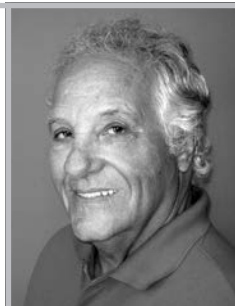
Hoje nem sei mais dela e do que o progresso aprontou com sua beleza; porém, no mágico mundo das lembranças em que tudo tem grandeza imensurável, a Fazenda Estrela ainda brilha na minha mente como um sonho bem maior que a realidade. Nos meus sentidos, ela brilhará para sempre.







AUGUSTO CÉSAR PROENÇA



Nasceu em Corumbá (MS), em 1940, filho de família tradicional do Pantanal da Nhecolândia, universo que explora em seus livros. Dentre suas obras, destacam-se: “Pantanal - Gente, Tradição e História”, “Memória Pantaneira”, “Corumbá de todas as Graças” e “Rodeio a Céu Aberto”. Ocupa a cadeira n° 28 da Academia.

Dance!

Dance! Dance! Dance!

Dance assim mesmo como você está.

Dance pelos momentos fugazes que já se foram e nunca mais voltarão.

Dance pelo botão da rosa e pela promessa de vida que ainda lhe sobra.

Dance pelos meninos e meninas de rua que só conhecem a desesperança.

Dance pelos projetos que nunca deram certo, pelas cores dos arco-íris, pelo amor infinito que um dia sempre acaba.

Dance pela paz entre inimigos ferrenhos, pelo sol que apaga a violência e o ódio escritos sobre as pedras de gelo.

Dance pela Arte que lhe deu a música de Beethoven, os quadros de Van Gogh, os poemas de Baudelaire.

Dance pelo primeiro beijo dado no escurinho daquela matinê de domingo que não mais existe.

Dance pelo instante daquele orgasmo que já foi, ainda é, e um dia não mais será.

Dance pela velhice que chega sozinha com a promessa de um esquecimento.

Dance pela humanidade inteira, pelo encontro de tantas coisas que um dia você aprendeu com ela.

Dance pela última cervejinha, pelo último cigarro, pelo derradeiro sorvete de chocolate, pelo último compasso de um samba-canção.

Dance assim mesmo como você se encontra, sentado na cadeira-de-rodas ou deitado na cama forrada de lençóis entre travesseiros sovados.

Dance pelo último sonho, pela próxima notícia, pelo motivo seguinte.

Dance pelo Feliz Ano Novo que logo chegará.

Dance! Dance! Dance! Dance!

Dance assim mesmo como você está.



A lenda dos conquistadores ibéricos

Com esperança de encontrar as tais montanhas do Peru, tão faladas pelos índios Guarany, que davam “notícias” de uma serra que trovejava riquezas e de um vasto e riquíssimo reino comandado pelo Rei Branco, soberano senhor, construtor de estradas de prata e altares de ouro, a bacia do rio Paraguai começou a fazer parte de fabulosas histórias narradas sobre a América do Sul.

Aventureiros portugueses e espanhóis formaram expedições e se lançaram à busca dessas “notícias”, já no início do século XVI.

O primeiro a penetrar na região pantaneira foi o português Aleixo Garcia, náufrago de Juan Diaz de Sólís, famoso cosmógrafo, que a mando do rei da Espanha veio bisbilhotar a zona para ver se encontrava a lendária Serra da Prata e o encantado reino do Rei Branco, mas acabou morto e devorado, ele e a maioria dos seus companheiros, pelos Charruas, temidos nativos do Uruguai, logo após ter chegado ao estuário do então enigmático Rio da Prata.

Aleixo Garcia, um dos sobreviventes da expedição de Sólís, ao

voltar para a Espanha, numa caravela, sofreu naufrágio ao passar pelo Porto dos Patos, situado em frente à Ilha de Santa Catarina e foi obrigado a conviver por mais de oito anos com os índios da região, ouvindo “estórias” do Rei Branco e das lendárias minas do Peru.

No ano de 1524 resolveu botar a limpo o que escutava da indiada e tentar a sorte. Organizou uma grande expedição e, acompanhado de dois mil índios Guarany, partiu da Ilha de Santa Catarina para realizar uma das mais aventureiras e fantásticas viagens da história da exploração da América do Sul.

Seguindo o caminho de Peabiru, antiga trilha que os índios costumavam utilizar para ir do sul do Brasil ao altiplano boliviano, a expedição de Aleixo Garcia chegou aos arredores da atual cidade boliviana de Sucre. Atacou e saqueou objetos de ouro e prata das cidadezinhas fronteiriças com o Peru, mas, tal qual Juan Diaz de Sólís, ao regressar para a Ilha de Santa Catarina, repleto de objetos de ouro e prata, acabou sendo trucidado pelos indomáveis índios Payaguá, às margens do Rio Paraguai.

Foi uma pena, porque se Aleixo Garcia seguisse mais uns 200 Km adiante teria encontrado a tal Serra da Prata, que também não era uma lenda e sim um cerro quase que inteiramente de prata, conhecido pelos índios pelo nome de Potosí.

Após a proeza do português Aleixo Garcia, expedições espanholas saíram de Assunção, atual capital do Paraguai, e seguiram em direção às montanhas do Peru, todas elas com interesse de conquistar os domínios do Rei Branco e o seu tesouro fabuloso.

Porém, não tiveram sucesso. As que escaparam das flechadas e dos braços indígenas padeceram de fome, de sede, de febre palustre, de doenças várias e tiveram que retornar ao local de origem. Desistiram do empenho. E para sempre.

Existe uma lenda que diz que a Serra da Prata recebeu o nome de Potosí (em quíchua significa “Montanha que Troveja”), quando o soberano Inca, Huayana Capac, mandou emissários para explorá-la. Chegando lá os emissários ouviram ruídos estrondosos que julgaram

ser a “voz” da montanha que teria dito: “Afastem-se daqui, afastem-se daqui! As riquezas desta montanha não são para vocês. Estão reservadas para homens que virão de além”.

Só que os “homens que vieram de além” não foram os espanhóis de Assunção, que tentaram (em vão) chegar ao Peru pela bacia do rio Paraguai, atravessando a imensa planície pantaneira. Foram outros espanhóis aventureiros como os primeiros, comandados por Francisco Pizarro Gonzáles que, navegando oceanos distantes chegaram ao Peru, vasculharam os cumes das montanhas nevadas, subjugararam o Império Inca, a Serra da Prata, usurparam suas riquezas e massacraram toda a cultura de uma civilização andina, das mais importantes da fase histórica conhecida como pré-colombiana, iniciando um novo curso na história da América Espanhola!



“Meu Brasil brasileiro”

Ainda pairam dúvidas se Portugal já sabia ou não da existência das novas terras antes que nelas desembarcasse a armada de Cabral. Uns dizem que foram encontradas por um mero acaso, outros acham que Cabral apenas tomava posse de uma terra que os portugueses já conheciam e, ainda, há quem afirme que o que se passou no ano de 1500 foi uma triste e perversa invasão de homens brancos gananciosos por ouro e prata.

Quando os portugueses chegaram nesta terra encantada, outro sistema de divisão de tempo vigorava no mundo. Era o calendário romano, instituído por Júlio César, em 46 a.C, que para corrigir certos erros foi substituído pelo calendário gregoriano, fixado pelo Papa Gregório XIII, no fim do século 16. O referido calendário estabelecia que a correção teria de ser feita no dia 4 de outubro de 1582, e esse dia passaria a ser 15 de outubro. Portanto, ajustaram-se os dias do ano, mas se esqueceram

de corrigir o dia da descoberta. O 22 de abril de 2010 não corresponde ao 22 de abril de 1500. O Brasil, então, teria sido encontrado em 3 de maio de 1500, segundo estabelece o calendário gregoriano, até hoje se impondo como oficial universalmente.

Na ditadura de Vargas (1937-1945) tentaram, através de uma lei, obrigar o povo brasileiro a comemorar o descobrimento em 3 de maio, mas não colou. A lei não conseguiu ajustar no coração dos brasileiros essa obrigação e a data antiga, a simbólica, que pode não ser a correta, perdurou e perdura até hoje, graças a Deus!

Para nós o Brasil foi descoberto no dia 22 de Abril de 1500 por Pedro Álvares Cabral, que, por sua vez, (ai Jesus, agora sim, que confusão!), dizem que não é Cabral e sim Gouvêa.

Dúvidas e símbolos à parte, o certo é que estamos perto de uma data expressiva para um grande País chamado Brasil, terra de contrastes, como disse o professor-historiador-antropólogo-francês Roger Bastide: contrastes geográficos, contrastes econômicos, contrastes sociais. De gente unida por uma só língua e muitos sotaques, formada em casas-grandes e senzalas, fruto de uma fusão gostosa e livre de raças e etnias e de culturas múltiplas.

Índios, negros e brancos um dia uniram-se para formar uma vasta nação. E para repetir Gilberto Freyre: nenhum povo colonizador excedeu ou sequer igualou aos portugueses no processo de miscigenação.

São mais 500 anos de História que o nosso país está cumprindo. Muitos acham que ele não deu certo, não há nada a comemorar, que no momento em que os portugueses enxergaram aquelas aves conhecidas pelos navegadores como “fura-buxos”, voando, aflitas, numa manhã de céu claro e fizeram repicar os sinos e gritaram dos tombadilhos: terra à vista! – tudo começou a dar errado. A partir daí, vieram os genocídios dos índios, a escravidão dos negros, a exploração das nossas riquezas, uma falsa independência, a política republicana dominada por uma elite oligárquica, a marginalização do povo, as eleições fraudadas, os golpes, as ditaduras e várias formas de corrupção que nem é bom lembrar.

Tudo isto está certo, concordamos. Mas, também, existe a outra

face da História desse Brasil bem brasileiro, aquela que fabricou heróis e heroínas muito antes mesmo do 7 de Setembro. A que nos fez lutar pela Abolição. Páginas repletas de patriotismo e de amor ao País, de lutas contra os invasores e resistência ao subdesenvolvimento. Quem poderá se esquecer de um Padre Antônio Vieira a pregar sermões nos púlpitos das igrejas da Bahia contra a escravidão dos índios? De um Luís Gama, de um André Rebouças a defender com todas as forças a liberdade dos negros? Não se lembrar de Tiradentes é apagar da História um marco da nossa independência, deixar de lado os padres Anchieta e Nóbrega, é cometer tremenda injustiça.

O Brasil dá ao mundo um exemplo de luta e resistência contra as várias formas de exploração, opressão e colonização pelas quais, ao longo da sua existência foi obrigado a passar. Colonização econômica, política, social, cultural, que o conduziu aos braços do Terceiro Mundo, mas não conseguiu retirar a alegria do seu povo, aquela que herdamos dos nossos antepassados e está enraizada na Cultura, nos hábitos e costumes da população.

Somos da terra do Carnaval, do futebol, das morenas com cheiro de cravo e cor de canela, dos banhos de rio, das lendas indígenas, dos candomblés, do vatapá, do azeite de dendê, do negrinho do pastoreio, dos vaqueiros nordestinos, da mula-sem-cabeça, do lobisomem, das sereias do mar de Caymmi, dos romances apimentados de Jorge Amado, da brasilidade de Darcy Ribeiro e de Monteiro Lobato.

Somos da terra do jeitinho, do cafezinho, das festas folclóricas, do samba, das gentes do sul, do norte, do oeste, do leste, cada qual com seu semblante, traços e trejeitos das coisas de um Brasil bem brasileiro que, infelizmente, se ainda não deu certo, vamos nos empenhar para que os próximos 500 anos sejam comemorados com menos desigualdade social, mais educação, mais saúde e mais justiça para todos.



O Festival da América do Sul

Desde 2004 acontece em Corumbá, Ladário, Quijarro e Puerto Soarez o Festival da América do Sul, cujo motivo é o de integrar a cultura latino-americana e debater os problemas, as ações e as soluções que possibilitem o desenvolvimento cultural do povo latino-americano.

Praças, ruas, espaços públicos, prédios históricos e ladeiras dessas cidades fronteiriças ficam tomadas pelas manifestações artísticas de países como Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru, Chile, Equador, Venezuela, Colômbia, Uruguai e Brasil. A dança, o teatro, o cinema, os shows musicais de artistas famosos e os da terra, a literatura e artes em geral são apresentadas durante 5 dias intensos de atividades.

E não resta a menor dúvida de que Corumbá é a cidade destinada para ser o centro da realização do Festival da América do Sul. Dona de um cenário natural maravilhoso, com um rio largo que não para de correr, barrancas despencando mistérios de raízes retorcidas, a própria localização geográfica que se abre para descortinar um exótico trecho de pantanal, paisagem única no mundo, fizeram da cidade um paraíso de belezas, local abençoado de culturas.

Cidade fronteiriça, que traz na alma a tradição dos irmãos bolivianos, paraguaios, argentinos, uruguaios, de mil e tantos registros de vapores vindos de longe tremulando bandeiras de vários países, trazendo o cruzamento de línguas, de etnias e de sonhos de famílias que aportavam em busca de melhores condições de vida;

Cidade de ruas largas, retas, traçadas à moda espanhola, com avenida de palmeiras que contemplam um rio gigante, uma serra azulada e uma tarde que sempre agoniza para dar lugar a um pôr-do-sol inigualável;

Cidade de lavadeiras que se acocoravam nas pedras lisas e azuis da beira do rio, de canoas de pescadores amontoadas rodando ao sabor da correnteza, de peixeiros que subiam com as varas nos ombros abarrotadas de peixes, do Velho Casario com suas paredes de pedra que nos contam histórias de glórias e derrotas;

Cidade que tem um canal chamado Tamengo, uma Cacimba da

Saúde, um Cristo que a abençoa lá do morro, uma festa de São João e um Carnaval assinalando a tradição do seu povo;

Cidade encantada de gritos inconsequentes, de vento-norte trazendo o som da Viola de Cocho misturado com as vozes dos cururueiros do Bairro da Cervejaria;

Cidade patrimônio, de cruzes fincadas marcando o sangue dos vencidos da guerra, que já teve rosas plantadas no seu jardim regadas até com água benta, do antigo Largo da Cadeia, da histórica Praça da República, das ladeiras embicando no porto;

Cidade mil vezes apunhalada, coroada do vermelho dos “flamboians” e envolvida de calor humano, cercada de morros, de cheiros, de sons que reverenciam a sua História, não poderia deixar de ser também o eterno palco para os Festivais da América do Sul.





ELIZABETH FONSECA



Elizabeth Fonseca é poeta, cronista e declamadora, fundadora do "Curso Arte de Dizer Castro Alves". É especialista em Literatura e Língua Portuguesa Contemporânea (lato/sensu) e formada em Ciências Contábeis pela UCDB. É autora das obras: "Sonhos Azuis" - poesias, "Retalhos da Vida" - poesias e crônicas, "Além da Janela" - poesias e crônicas, e 'Contexto poético de Castro Alves e Thiago de Melo'. Ocupa a Cadeira nº 25 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

A flor e o mendigo

Apareceu em meu portão um mendigo, a pedir-me alguma quantia em dinheiro, para voltar a Camapuã. Trazia em suas mãos um vasinho de azaleia todo florido de cor-de-rosa, que dizia ser para a sua amada e, com certeza, seria um belo reencontro se estava longe há muitos dias. Com sua roupa rota, a cabeleira suja se misturava com o loiro queimado do sol. Havia um contraste de dor e esperança na face macilenta de solidão. Acreditei que o delírio de um amor vagoiro palpita em todos os corações dilacerados, marginalizados pelo destino, sem ter nem mesmo um tino. Todos têm coração... Deus fez todos iguais: brutos, românticos, intransigentes, gentis, generosos, ateus e crentes, simples e puros para depois corromperem-se ou purificarem-se.

Mas o mendigo comoveu-me com seu gesto romântico, sem verniz e almofadinha. Cuidei logo lhe entregar o dinheiro para apressar aquele momento.

Surpresa, então, é que fiquei ao agradecer-me, pois me deu o vaso de azaleia para cuidar. Devolvi-o, dizendo que era presente de sua amada

e não poderia ficar com ele. Mas insistiu, implorando e quase chorando.

– Ela não vai aguentar, vai morrer até chegar lá!...

– Eu não posso, leve-a, ela aguenta chegar, faça o presente!

- Insisti.

– Não!... Ela vai morrer! Por favor, cuide, fique com ela!

Diante da insistência e carinho pela vida das flores, não tive alternativa a não ser receber ‘o presente’. Aquele vasinho transbordava de flores. Recebi-o um tanto desconcertada - não me pertencia -, além disso, fiquei frustrada porque o encontro romântico não aconteceria como já havia floreado em minha mente.

Repetiu-me várias vezes que cuidasse bem, como se aquelas flores fossem suas filhas, depositando toda confiança em mim. E partiu feliz, talvez para Camapuã.

Comprei um vaso maior, terra, adubo, e replantei a linda azaleia. Com o tempo ela ocupou todo o espaço, transbordando de flores. Cada vez que admiro essas flores, fico a pensar por onde andaré aquele andarilho: se encontrou sua amada, se voltou para Camapuã... nem mesmo fiquei sabendo seu nome, suas aflições. Somente soube sua pequena história de amor, ou quem sabe... uma grande história de amor.

No mundo, há tantos mendigos que guardam em seu roto manto a dor da saudade, a angústia em que vivem a andar pelo mundo com pensamentos delirantes de um dia voltar para casa, sentir o calor de um abraço, como um filho pródigo voltando ao lar. Mas, na correnteza da vida, muitas vezes, afastam-se mais e mais e, com ansiedade, mutilam sonhos e passam a ser escombros dentro de uma sociedade.

Olho a azaleia florida e peço a Deus alento para sua vida!...



O café... Apogeu de uma época

O café não é só aroma, sabor e cor. O café tem a sua sofisticação, e também a sua singularidade. Dentre um café e outro, sempre será um início de conversa, um momento aconchegante, um estabelecimento de pauta. Visitando a cidade de Santos-SP, fiz uma viagem no tempo ao deparar-me com o “*Museu do café*”. Primeiramente a sua majestosa e suntuosa arquitetura, em estilo arquitetônico eclético, inaugurada em 1922, tornando-se símbolo da riqueza dos negócios do café. Ali naquele museu, é como se ainda ouvisse as vozes dos pregoeiros, os passos e rumores em competitivos lances dos senhores do café elegantemente vestidos com ternos de linho, todos assentados às pequenas mesas redondas de madeira jacarandá, num total de 84, além da mesa oficial, retangular e maior, na sala oficial do pregão do café, que funcionou até 1957. Na entrada, o quadro negro, também em madeira jacarandá, com dizeres em (*caixa alta*) BOLSA OFICIAL DE CAFÉ, onde ali era anotada a giz a sua cotação diária. A cúpula sustentada por imponentes pilares, belíssimos vitrais e painéis de Benedito Calixto, ostentando os salões, num contexto histórico da Vila de Santos de 1822 a 1922, representados com bandeirantes, a agricultura, o porto e o café, em homenagem ao centenário da Independência do Brasil. Tamanha suntuosidade preencheu-me de emoção, e patriotismo, nessa retrospectiva dos tempos áureos do café brasileiro, que retrata o desenvolvimento do país. Tudo conservado com muito zelo para os olhos sedentos de história.

Esse café tão especial, desde seu arbusto de folhas tão verdes e brilhantes, porte médio, plantação enfileirada, que exige terra roxa de boa qualidade, suas frutinhas são como cachos de esmeraldas, que vão se transformando em rubis, para depois se transformarem em negro tesouro, pérolas da terra. Sua colheita tinha um toque singular de beleza, na veste das mulheres com blusas de mangas compridas, chapéu de palha com abas longas e alpargatas abotoadas, mãos hábeis na colheita seletiva dos grãos, e peneiras de arame. Os homens também eram caboclos elegantes, com chapéus de abas longas, camisas

de mangas longas ou mesmo curtas, botinas, e com muito traquejo ao peneirar os grãos, (retratos pós-escravidão). Os grãos peneirados, que ainda hoje peneiram, posso imaginar acrobacias no ar com movimento em círculos, como malabarismo, voltando à base da peneira. Que bucólico... passa a ser belo.

O café tem sua longa história no Brasil, quando em 1727 foi trazido da Guiana Francesa pelo sargento-mor Francisco de Mello Palheta, a pedido do governador do Maranhão. A plantinha, originária de uma muda, sabia o seu destino... Primeiramente plantada no Pará, depois Maranhão, que, criando forma, foi aumentando a plantação, e num século já se iniciava uma tímida exportação.

Para o sudeste e sul foi descendo, passando pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais, levantando cidades novas, e progredindo a exportação, o que trouxe também um grande contingente de imigrantes europeus, no segundo reinado de D. Pedro II, em maior parte italianos, substituídos pela força escrava, que mediante a insistente pressão das autoridades britânicas, o governo imperial teve que adotar ações que impediam a expansão do trabalho escravo, uma vez que já se proibía o tráfico negreiro em 1850, e aí a dificuldade dos cafeicultores em conseguir mão de obra para suprirem a demanda, o que intensificou após a Lei Áurea. Fazendas imensas casarões denotam a riqueza dessa época, deixando seus vestígios para a história, marcada pelo café. Posso imaginar ainda os empertigados barões, ilustres fazendeiros, que faziam parte de uma enorme lista.

O apogeu do café foi marcado de riqueza e glamour, sendo o produto de maior exportação do Brasil, transformou-se também em Cambio. Na década de 30, para o excedente de sua produção, o governo brasileiro buscou junto a Nestlé, uma solução... o “*café solúvel*”, que foi comercializado na Europa, Estados Unidos e Argentina, e quando na segunda guerra mundial, fazia parte do kit de provisão dos soldados. Em 1931 a supersafra, a desmesurada euforia de cultivar o café, foi marcada pela queima dos grãos sem destinos, e sem piedade.

Teve o café, por décadas, o monopólio mundial, mas o Brasil

precisava desenvolver também a indústria, quando nos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, caminhava de um país agrícola para um país em processo de industrialização, perdendo seu reinado para os produtos industrializados. Mesmo assim “*Sua Majestade O Café*”, está em todas as xícaras do Brasil e do mundo, como um delicioso *cálice de negro licor*.

Tanto gosto pela produção do café, fez com que acontecesse a *super safra* na década de 60, que excedia a demanda mundial, ocasionando a erradicação da lavoura cafeeira, mas, convivendo como soberano.

Em todas as salas do museu marcam desde as fotos das fazendas de café, carregamento no Porto de Santos, torradores, objetos e etc... um potencial de grandeza e fartura. Havia até mesmo uma competitividade entre os carregadores, de quantas sacas conseguiriam carregar em seus ombros fortes, vencendo então o “Jacinto”, que conseguiu suportar cinco sacas, num total de 300 quilos, um verdadeiro *Hércules*.

É impossível relatar toda sua trajetória. Visitas ilustres vieram ao Brasil, entre elas a rainha da Inglaterra, Elizabeth II, ainda muito jovem, para conhecer nossos estandes do café. Muitas vezes, atrizes e atores de cinema, cantoras famosas internacionalmente, quando visitavam o Brasil, eram convidadas pelo IBC para degustá-lo, e como estratégia de marketing... por exemplo, Linda Darnell, atriz norte-americana, provou glamorosamente do nosso café. E *casa de café* tem o seu requinte!...

E mesmo castigado pelo clima, queima, oscilação da bolsa, o café nunca perdeu o seu posto, é para o rico e para o pobre, sem preconceito de cor, com ou sem açúcar, amargo ou doce, é o aroma denunciador, a xícara infalível.



Café e prosa

Bendito café brasileiro!
Brasileiro por inteiro.
De todo proletariado,
Ao glamour do sofisticado.

Motivo de prosa amiga,
Seja nova ou antiga,
No sabor adocicado,
Na fazenda e na cidade.

Negro néctar dos deuses...
São tais mistérios de Elêuses
O perene e puro grão.
Faz-se pó!... Pra ser união.



Buraco das araras

Linda dolina coberta de céu.
Profundidade de ecos sonoros,
Que afundam silêncio soturno.
Mistério de fósseis calcários,
Cratera escancarada ao tempo,
Espelha o lago verde, lodento,
Morada de jacaré papa amarela.

A mata reveste os paredões

Onde possa se apoiar.
E as araras fiéis guardiãs,
Grasnam, revezam a ronda,
Que na trilha batida,
Turistas curiosos lhes assombram.

Todo cerrado é fascínio
Em suas revoadas coloridas
De azul e vermelho.
E o alimento frutífero,
Árvores e coqueiros,
são aéreas bandejas.
Desse Jardim costumeiro.

Buraco das araras!...
Mistério que dorme profundo,
Onde ninguém possa ousar.
As araras não contam a lenda
Mas invejam os passantes
Que visitam o seu lar!



A tela

Deus pintou o mundo multicolor.
Usou cores quentes e cores frias.
Mostrou sua energia em tudo que fez:
Desde a terra marrom e quente,
Contrastando o azul do céu com placidez.
Árvores e relvas harmonizam no verde,
A estufa de crateras cinza e líquida
Neutralizando em prata, abruptos ermos,

Em paraísos de véus de noiva.
Esborrifou seu pincel de vermelho,
Laranja, amarelo e até de roxo.
Por todo o universo, e palhetou
O céu de ouro, ocultando o negro espaço.

E nós o imitamos na tela fria.
Na sua imagem, contemplamos o mundo.
Transpomos para a tela branca e vazia
Sua perfeita criação, eternizando tudo.
Quem somos nós, privilegiados animais?
Donos da terra, de orgulho e fantasias?
Controlando répteis, aves e tudo mais,
Mudando o curso de rios, que é a alma
Da flora, num sobrevoo de amargura,
Ordenando, matando e pedindo calma?!
Se transpuséssemos ira na tela imitada,
Seria invertida a ordem da tela pintada.
Rios e grotões seriam lágrimas de Deus,
e o buraco negro, seu coração machucado.
Somos ainda racionais de face imperfeita...
Buscamos religião e somos ateus,
buscamos amor e ele sangra em cálice de vitória.
O mundo é velho e sempre é a mesma história.
Vamos reconstruir a tela do mundo!
Reaprender sua ordem com respeito,
Antes que a sede nos faça moribundos.
Reconstruir dentro e fora o seu feito,
E com certeza usaremos sete mil dias,
E ainda assim não ficaria tudo perfeito.
Refletiria na tela um poder de alquimia
E Deus perdoaria, mesmo estando imperfeito.

Cor do dia

Segue a cor do dia
No som que vibra
No samba da vida
No ritmo da lida
Que sacode o pó.

Esse suor e sumo
Que nos dá o rumo
Que, de amargo e doce,
Foi Deus quem trouxe,
E não nos deixa só.

Brinca!... Mas trabalha.
Não foge à batalha
O mundo retumba,
A esperança zumbe
E desaperta o nó.

São respostas do mundo
Regurgitando tudo
Tsunami vem mudo,
Em iras de amargo fel,
Feito peso de Babel,
Despertando dó.

O alarde que ressoa,
Cisma todo o Sistema.
Continentes ecoam
Abruptas ondas.
O globo emudece,

Refletindo em prece
Súplicas tão só.

Segue a cor do dia
Na simplicidade
Sem a nua maldade,
Que o eixo não se verga,
Mas verga o homem,
A exemplo de Jó!





ENILDA MOUGENOT PIRES



Nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de Fronteiras da Crítica, A Geometria do Espaço Temporal do Romance e Avalovara de Osman Lins. Atualmente é professora do Curso de Redação e Estilo. Ocupa a cadeira nº 05 da Academia, da qual é a Segunda Tesoureira.

José Augusto da Silva: policial que faz história

Aos 53 novos delegados - formandos de 2014

No campo... No mar... No céu ou na terra
murmura cristalina a fonte do poeta...
Nas horas cor de sangue, o pensamento,
em cismar, então se perde, vaga, erra,
dedilhando a lira, a buscar alento,
na natureza, que é a fonte do poeta!...

(Francisco Leal de Queiroz)

O discurso de José Augusto da Silva, em homenagem aos 30 anos de existência da Academia de Polícia “Delegado Júlio César da Fonte Nogueira” - Acadepol (MS) -, é uma narrativa histórica, fascinante que contagiou o público, na manhã de 12 de março de 2014.

Nascido em Jataí, Estado de Goiás, José Augusto sempre foi apaixonado pela leitura e, muito cedo, a literatura começou a fazer parte de sua vida. Sua oratória nos concede momentos mágicos em que o passado, o presente e o futuro formam uma nova parceria com a poesia.

A primeira impressão que tive, ao ouvir suas palavras, é de que era

um escritor. Qual seria seu maior segredo? Na teoria e na prática, história e poesia surgem ligadas em grande parte do texto: a primeira busca seus temas históricos; a segunda recorre a momentos poéticos como um meio de transmissão do Belo, do Bom e do Justo nos momentos de reflexão do dia a dia. Desse amálgama, desenha-se o policial enquadrado em impulsos éticos e estéticos que aspira, sobretudo, a verdade dos fatos.

Por outro lado, embora sua vida pessoal seja revivida e reconstruída individualmente a partir da infância, o seu objetivo mantém-se o mesmo: manter vivos o passado e a esperança, para que possam servir de exemplo - positivo ou negativo - ao presente. Discretamente, seus impulsos éticos emergem como um ponto de referência necessário a uma comparação, traduzindo os mesmos preceitos da Apostilha de Álvaro Campos:

Aproveitar o tempo! Tirar da alma os bocados precisos

– nem mais nem menos –

Para com eles ajustar os cubos ajustados

Que fazem gravuras certas na história [...]

Eis o discurso de José Augusto da Silva:

"Autoridades, Senhoras e Senhores...

Na vida é preciso ter com quem partilhar. O passado com o futuro; a saudade com a tristeza; a angústia com as quimeras. É, nesta hora, que se encontram os nossos mundos. Homens... mulheres... heróis... derrotados... Que diferença há? o horizonte dos tempos que manda suas cortinas se abrirem para nos exibir firme e decidido, claro e inexorável, o espaço que nossos olhos buscam dominar, na dimensão soberba dos sonhos acalentados. Obstinadamente, nossos destinos, como depositários da energia que rompe os grilhões do poder, que apaga o esplendor das vaidades e retalha as malícias de todos os sentimentos e preconceitos, encontram cintilantes avenidas e, aí, mergulham num aconchego silencioso, onde a sensibilidade se multiplica, as estrelas nunca se apagam, os instantes se eternizam; enfim, a Vida tem, então, com quem partilhar...

Com estas palavras Francisco Leal de Queiroz, um dos mais laureados oradores de Mato Grosso do Sul, iniciou o seu discurso de posse na cadeira nº 37, da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em 21 de agosto de 1987.

Tomo a liberdade de repeti-las nesta oportunidade, por que elas encerram o espírito deste momento e retratam fielmente a sensação que experimentei alhures, quando tive a oportunidade de apreciar o espaço ilimitado que o horizonte do tempo me ofereceu, gratuitamente, quando determinou que as cortinas se abrissem à frente dos meus olhos. Não tive medo de sonhar, sonhei os meus próprios sonhos e sonhei, principalmente, os sonhos acalentados pela gente deste Estado de vê-lo modelo dentre as demais unidades da federação.

Nesta Manhã, trinta anos depois, aqui nos encontramos partilhando os sonhos que sonhamos naquele passado e os sonhos que nossos sucessores sonham atualmente ao contemplarem o mesmo espaço descortinado pelo horizonte do tempo; aos sonhadores do presente eu os conclamo a sonharem sem moderação, pois são dos sonhos, concretizados ou não, que as realizações se materializam.

Como exemplo disso vale rememorar a história recente da criação deste Estado. Ele nasceu dos sonhos alvissareiros, quase utópicos, dos universitários oriundos do sul do Mato Grosso, que estudavam no Rio de Janeiro. Insatisfeitos com o tratamento dispensado à região sul pelo governo do Estado, passaram a sonhar com a independência administrativa da região. Eis que aquele sonho se tornou realidade em Onze de outubro de 1977.

De igual forma esta Academia de Polícia nasceu do imaginário de semelhantes sonhadores, os quais não se esmoreceram diante das dificuldades estruturais do momento e se atreveram a realizar, em 1982, um curso de reciclagem aos policiais da época, os quais não eram concursados, ocupavam cargos provisórios, sem a menor segurança tanto pessoal, como jurídica ou legal. Foi dali, daquele gesto corajoso, calcado sobre sonhos, que germinou a semente desta instituição de ensino que

tanto orgulha e envaidece os Policiais Civis de Mato Grosso do Sul.

Inaugurada há 30 anos, esta escola sempre esteve comprometida com o aprimoramento não só técnico e intelectual dos integrantes da Polícia Civil, mas com a formação do caráter do policial, com o seu bem estar, com o seu relacionamento com a sua família e, principalmente, com os membros da comunidade a quem presta o seu serviço diuturnamente. Com esta filosofia a Academia de Polícia de MS tornou-se a primeira escola policial do Brasil a introduzir em seu currículo escolar a matéria intitulada: Direitos Humanos, a qual recebeu tratamento especial e destacado das garantias constitucionais.

Sinto-me orgulhoso em fazer parte dessa história auspiciosa, por que a minha própria história como policial se confunde com a história desta casa de ensino. Tive a oportunidade de acompanhar a elaboração e execução dos projetos arquitetônicos, assim como de participar da execução e tramitação dos projetos administrativos que culminaram na criação desta entidade, ou seja: eu sonhei junto. E também estava aqui, na qualidade de aluno da primeira turma de Delegados de Polícia, no primeiro dia de aula, sonhando com uma carreira promissora.

Era manhã de 12 de março de 1984. O Orvalho ainda reluzia nas folhas do cerrado e o cheiro de relva molhada inebriava-me com sua mágica saudação de boas-vindas. Foi realmente um momento mágico. Ali se descortinava um futuro incerto, mas esperançoso, para nós os 216 alunos, além dos diretores, professores e funcionários.

Embalado pelos acordes marcantes do Hino Nacional Brasileiro, transcendi-me à minha infância de menino peralta, lá em Jataí - Goiás, sendo levado pelo meu pai, aos sete anos de idade, ao meu primeiro dia de aula no grupo escolar José Manoel Vilela, quando confiou o meu destino à professora Ana e à sua palmatória.

Aqui, senti-me, outra vez insignificante frente à hierarquia e a disciplina, necessariamente impostas, as quais me despertaram daquele devaneio quando me via como o menino do poeta Manoel de Barros a brincar entre as formigas, no fundo do seu quintal:

Eu brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que

sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Eis o verso do poeta, do qual fui resgatado para a realidade pelo chamamento do instrutor: Atenção Turma!

Formado Delegado de Polícia e no exercício pleno de minhas atribuições, continuei nesta escola como professor, como aluno do Curso Superior de Polícia, como diretor e finalmente como conselheiro, representando a Diretora da Polícia Civil, funções que muito me honraram exercê-las, as quais procurei desempenhar com denodo, amizade, respeito e honestidade.

Todas as personalidades aqui homenageadas, além de outras tantas, ilustres ou anônimas, participaram efetivamente na concretização deste sonho que hoje completa 30 anos.

É mister que se registre que alguns desses personagens foram tão emblemáticos que se constituem marca d'água indelével em qualquer registro que se faça dessa história com o mínimo de senso de justiça. Assim, destaco, sem receio, que esta história não poderia ser rememorada aqui com tanto brilho e emoção, sem as participações efetivas de Aleixo Paraguassu Netto, Wilson Barbosa Martins, César Maksoud, Arquiteta Sônia Mata, Edgar Lemos de Miranda, Zita Olinda Verçoza, Aristides Silveira, Walmir Messa, Perito Maurilio Rodrigues, Elesbão Munhoz, Daniel Reis. Estas pessoas foram letras vivas dos capítulos mais significativos da existência desta casa.

Em algum momento da parte que cada um ajudou a sonhar ou escrever, nossas histórias se entrelaçaram para compor uma única: a bela história da Academia de Polícia de Mato Grosso do Sul.

Congratulo-me com o Delegado-Geral da Polícia Civil, Jorge Razanauskas, e com o Diretor da Academia, Valdir Carlos Ide, meus colegas de turma e companheiros na vivência dos fatos que aqui rememoro, por preservarem a história da nossa Academia de Polícia, pois ela constitui uma das mais belas páginas da história recente deste Estado, vez que ela tem confirmado, ao longo desses 30 anos, a concretização do ideal daqueles estudantes do sul do estado de Mato Grosso, que sonharam

criar não um novo Estado, mas um Estado destinado a ser modelo para o Brasil.

Felicitó o Governo de Mato Grosso do Sul pela iniciativa da justa e merecida homenagem póstuma ao denominar esta instituição com o nome do colega Delegado Julio César da Fonte Nogueira, seu ex-diretor.

Aos meus confrades e confradeiras nesta homenagem, apresento minhas escusas se minhas palavras não retrataram com fidelidade os seus sentimentos como partícipes desta história, pois a impressão que aqui revelei veio do mais fundo do meu coração, portanto fruto da mais pura emoção, passível de exageros e distorções.

Aos novos Delegados de Polícia, formandos deste mês, eu gostaria que soubessem que esta escola não só leciona técnica de investigação, gerência, liderança, segurança e legislação, mas, principalmente cidadania, ética, conhecimento das riquezas do estado e respeito às tradições da sua gente. Assim, espero que ao saírem para o exercício real de suas atribuições saiam levando consigo o sentimento salutar de simbiose com o povo deste Estado, ao ponto de sentirem que seus corações pulsam no ritmo de suas polcas e dos seus chamamés e que as meninas de seus olhos se vestem com as flores dos camalotes de seu pantanal. É o que todos nós, que por aqui passamos, temos sentido e vivido, todos os dias, ao longo desses 30 anos.

Finalmente, agradeço em meu nome e em nome dos demais confrades e confradeiras a homenagem que recebemos. Ela nos representa o certificado de reconhecimento de que cumprimos a missão que nos foi confiada. Que Deus nos permita compartilhar novos sonhos em prol do engrandecimento da Academia de Polícia Delegado Julio César da Fonte Nogueira, da nossa Polícia Civil e do nosso Estado de Mato Grosso do Sul.

Parabéns Aniversariante. Muito Obrigado."

José Augusto da Silva



FLORA THOMÉ

Nasceu em Três Lagoas (MS). Foi professora universitária (UFMS). Dentre suas obras destacam-se: Cirros, Antologia Dimensional de Poetas Trêslagoenses, Cantos e Recantos, Retratos, Haicais e Nas Águas do Tempo. Colaborou com a revista MS Cultura e jornais de Três Lagoas e região. Ocupou a cadeira nº 33 da Academia. Faleceu em abril de 2014.



O rio ligeiro

Por que vais assim tão ligeiro?
Ao mar tuas águas levar?
O mar é um devora-rio
E nele, rio não mais serás
Serás mar...
Eternamente mar
Lá vem um trem
Correndo vem
Fazendo curva
Jogando apito
Cheio de trem
Eu vejo um trem
Um outro trem.
Trem. Mais trem
É trem que chega
Trazendo gente
Cheia de trem
Trem. Muito trem
Que tenho eu

Com esse trem
Que longe vem
Se não me traz
Nenhum alguém?

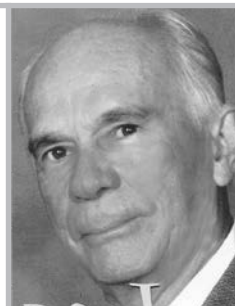


Avenida Central

Ontem, Avenida Central
Hoje, Antônio Trajano.
Um século de passarela.
Do sagrado ao profano,
do homem ao animal
das corridas de cavalo
à raivosa trepidação
dos carros e motos!
Gente miúda e graúda
num desfile permanente
no registro do cotidiano.
No início, a lendária estação da NOB...
No centro, o solitário relógio..
Mais adiante, a Matriz - reduto dos crentes...
E nesse mosaico
de apitos acenos e ponteiros
preces, cânticos, árvores, asfalto
buracos, pedras e silhuetas
humanas, animais e vegetais...
há um século de passarela!
Ontem, Avenida Central...
Hoje, Antônio Trajano.



FRANCISCO LEAL DE QUEIROZ



Francisco Leal de Queiroz nasceu em Paranaíba (MS) em 1927. Advogado e Escritor. Autor de 'Enquanto a Lira Tange...', 'O Violino das Galeiras' (poesia), 'Santana do Paranaíba' (história), e "Leal de Queiroz - Poesia Completa e Alguma Prosa", entre outras obras. Pertence ao IHGMS. Ocupa a cadeira nº 37 da Academia, da qual é ex-presidente.

Discurso de F. Leal de Queiroz (Recepção à Acadêmica Marisa Serrano na ASL)

Nos idos de 1948, ao sair da Faculdade, após as aulas, encontrei-me com o professor Pedro Calmon, consagrado com tantos títulos e magnífico reitor que, se dirigindo aos presentes ali, convidou a todos para solenidade de colação de grau de uma turma de enfermagem em que seria o paraninfo. Lá chegando, adentrou desculpando-se por estar atrasado, mas iria dizer poucas palavras. E, assim, iniciou “discurso para ser imortal não precisa ser eterno!” Hoje, aqui, esse é também o meu compromisso. E mais. Não será um discurso, mas descrição da magia de uma tela moldurada dentro do meu sentir.

Estou vislumbrando uma bela vista e ouvindo o marulhar de uma correnteza aparentemente enfeitada pelos caracóis que desfilam entrelaçados na espuma da superfície. Deslumbrante o cenário. Como o autor dessa obra de arte com seus pincéis e talento, também se encontravam no azul do céu, entre brancas nuvens, pássaros pontuando, borboletas multicores esvoaçantes e num distante horizonte a visão de uma encorpada árvore acenando com seus galhos a um grupo de pessoas que caminhava. Fixei mais os olhos e reconheci todos. Todos.

Pois, eram Enilda, Theresa, Raquel, Maria Adélia, Glorinha, Elizabeth, Lélia Rita, Flora e Lucilene.

Também percebe-se que outro grupo caminha a passos largos, robustos, para juntar, Aí, estavam Manoel Barros, Padre Afonso, Guimarães Rocha, Américo, Henrique, José Couto, Orlando, Hermano, Paulo Corrêa, Paulo Tadeu, Valmir, Razuk, Paulo Nolasco, Reginaldo, Rêmoló, Renato Toniasso, Francisco Palhano, Proença, Frazão, Campestrini, Abílio, Alteviri, Rubenio Marcelo, Wilson Barbosa, Geraldo Ramon. Uma festa. Aquela árvore os acolheu e em delírio se confraternizaram. Por que não divisar aquele manto cinzento esmaecido, exaltando a memória daqueles que passaram por esse mesmo teto, guiados por Ulisses Serra? Árvore hospitaleira, aquela! Sim, nas florestas as árvores se comunicam. Mauro Vasconcelos conta nos seus contos que elas fazem até fofocas... Ora, ora. Aquela do painel convoca os que certamente somavam quarenta pessoas, fraternas pelos mesmos ideais, corações que batem uníssonos e destaca a interprete das razões de sua existência e era quem naquela oportunidade, a mais festejada, mais aplaudida, unanimidade: Marisa. Marisa Joaquina Monteiro Serrano. A natureza lhe confiou a missão que o Supremo Arquiteto concebeu. À sombra, para abrigar o semelhante, aqueles já cansados da longa jornada da existência; suas flores, para enfeitar as vitórias dos seus desejos; os frutos, para alimentar os que padecem; e as sementes para serem semeadas nos campos do universo aonde todos buscam a felicidade.

Os gaúchos sempre manifestaram forte empatia com os mato-grossenses. Antes, pelas suas desavenças políticas vinham em busca de trabalho e segurança, nos tempos hodiernos, pela oportunidade do generoso cultivo de nossas terras. No mesmo embalo chegaram os esperançosos genitores de Zilda Monteiro divorciando-se dos seus amados pampas e embarcados num sonolento e nostálgico carro de bois na busca de novos ideais e mirar os lírios que Érico Veríssimo sonhou nas suas letras e na arte da rima, pousando em romântico pedaço de terras guaranis. Você, Zilda, o destino lhe pre-

senteou com honrados e laboriosos pais, e você cheia de encantos e premiada pela natureza por tantas virtudes é surpreendida por um guapo sonhador dos sonhos de Fernando Pessoa, Fernando Serrano Guimarães, que o destino uniu. Daí uma flor nasce, desabrocha, a sua inteligência encanta professores, a cultura dita uma inconfundível liderança e o perfil de mulher bonita completa para trazer o desembaraço e impor onde se propusessem interagir. Este é o perfeito retrato da Marisa.

Na formação escolar fez curso de Letras e Pedagogia na Faculdade Dom Aquino. Na política, Vereadora, Deputada Federal, Vice-Prefeita em Campo Grande, Senadora da República. Hoje, competente Conselheira do Tribunal de Contas do Estado. No exercício profissional, palestra sobre os mais variados temas de interesse do desenvolvimento de MS, laboriosa atividade sindical, portando inúmeros títulos e condecorações e outros tantos desempenhos que lhe impõem uma cobrança constante de sua presença e seus pronunciamentos aqui e no exterior.

E nós, sul-mato-grossenses, sempre enriquecendo o nosso patrimônio humano com preciosa dádiva de valor imensurável na cultura e na soma de todos os bens que valorizam a nossa existência. Esta é a imagem da mais nova imortal da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Marisa, o colar acadêmico que lhe será ofertado hoje é a síntese de todos os valores que a árvore da tela lhe confiou e por isso recebeu do Senhor o batismo para também Marisa Serrano.

** Discurso proferido em 12/12/2013.*



Halley Queiroz Leituga, muito a contar

Baixou à sepultura janeiro passado criatura a poucos dias de completar cento e quatro anos e que muito tinha a nos encantar com suas lembranças e histórias de família, Halley, ou simplesmente Leí. Nascida em data que o planeta registrou presença nos nossos céus do cometa que trazia na cauda a luz que também iria iluminar toda a sua existência. Na igreja de Nossa Senhora de Fátima de Campo Grande, oramos por ela com o peito apertado, o mesmo sentindo suas três irmãs vivas: Diva, Elza e Robélia.

Minas Gerais sempre povoou nosso estado com aqueles que procuravam trabalho na terra, cultivando-a para a subsistência na lavoura e na pecuária. Assim, vieram os Garcia e os Queiroz, despedindo-se das suas paragens com destino para áreas mais extensas e praticamente virgens, com luta árdua e penosa, mas com persistência férrea, fazendo nascer uma nova e respeitada região. Sou filho da união de tronco pioneiro de ambos. Santana do Paranaíba foi a região eleita e os Queiroz, deixando sua querida Frutal, aninharam-se nas bandas dos ribeirões Quitéria e Pântano, dando vida à atual e próspera Aparecida do Tabuado, ai pelos idos de 1885. Vieram de carro de boi, três irmãos (Francisco, Urias, José) casados com três irmãs (Maria, Ricarda, Galdina) e uma adolescente, Filomena, que mais tarde tornou-se esposa de Francisco Neves. É daqui que herdamos Halley Queiroz Leituga, que mais tarde desposou Baldomero Leituga, figura gentil, sempre pronta a prestar seus bons ofícios à aqueles que o demandassem.

Leí e Baldomero não tiveram filhos. O destino levou o irmão de Leí a casar-se, cuja esposa faleceu após o nascimento de uma filha que recebeu o nome da avó Filomena. Não ainda estruturado para cuidá-la, seu pai a confiou à Leí para ampará-la, só que esse amparo passou a valer para a vida toda e Filomena neta, para os familiares Meninha, é hoje esposa do Dr. Osvaldo Dutra, descendente de honrada família do Município de Água Clara, médico de alto conceito profissional e social.

Os familiares e amigos assim oraram despedindo-se da inesque-

cível dama amada e exemplo de virtude, Halley, com quem sempre me encantei:

*Quando o amanhã começar sem mim,
e eu não estiver lá para ver,
se o sol nascer e encontrar seus olhos cheios
de lágrimas por mim,
eu gostaria que você não chorasse enquanto pensa nas
muitas coisas que deixamos de dizer.
Sei quanto você me ama e quanto
Eu Amo Você, sei que sente minha falta,
Por favor tente entender que um anjo
veio e disse que meu lugar estava pronto nas
moradas celestiais quando Deus olhou para mim,
sorriu e disse... Estava te esperando, minha filha
amada, eis a eternidade que lhe prometi.
Logo, quando o amanhã começar sem mim,
não pense que estamos separados, pois todas
as vezes que pensar em mim, eu estarei dentro do seu coração.*

– É certo que um dia vamos nos reencontrar, Leí...



Lamento dos anos

Adolescência que se lamenta tanto,
cheia de sonhos, repleta de encantos...

Tu, que não passas de uma dança,
sempre banhada de esperanças,

és botão murcho na roseira
dos meus sonhos.

Trago no peito uma dor secreta
a me enlear, que me inquieta...
Não mais que um lírio moribundo
Já são meus dias!

Desprezas o teu terno amigo
que inda supõe fada contigo,
mas tu te enganas, velha amiga,
é a velhice já quem me abriga.

Adolescência que eu também lamento,
Cheia de sonhos, repleta de encantos:
- Este lamento que minh'alma esconde
é por ti, que deixou-me e não sei onde...





GERALDO RAMON PEREIRA



Nasceu em Maracaju (MS), em 1939. Professor universitário (área biomédica) aposentado. Poeta sonetista, músico/compositor, dedica-se também à música regional. Autor de “Poemas Íntimos”, “Estrelas de Sangue”, “Caroço de Manga”, “Álbum de Sonetos”, e “Auroras e Crepúsculos”, entre outras obras. Ocupa a cadeira nº 39 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Felicidade e amargor

*"Não te abatas diante da
adversidade, ao contrário,
opõe-te a ela, tanto quanto
a tua sorte te permitir."*

Virgílio

Caminhamos, pela existência, de mãos dadas com duas companheiras que não se entendem: de um lado, a felicidade; do outro, a desventura. Quando uma nos aperta a mão, com carinho, a outra a solta, com desdém. E se ambas – a felicidade e a desventura – nos murmuram simultaneamente ao ouvido da consciência, ai de nós! Nascem, daí, os conflitos: é o velho caso da filha que ama o homem a quem o pai odeia; é aquele terrível dilema que dilacera o coração do cônjuge infeliz, o qual busca em outrem a felicidade não encontrada, mas vê refletido, no rostinho inocente dos filhos, o amargor da própria desventura.

Assim, ao nascermos – frutos talvez da maior felicidade terrena: o amor consumado – já suscitamos gemidos de dor em nossa mãe. Quando declina a tortura, sobrevém a mais sublime das compensa-

ções ao sofrimento: um coração materno contemplando o filho dos seus sonhos. E, de mistura a essa alegria divinal, a primeira agrura: a de ouvir o pranto da criança, embora um gorjeio a denunciar a nova vida... Vida que nada mais é senão um implacável prenúncio da morte – sua consequência natural, porém inadmissível ao coração humano. E eis-nos, pois, pela senda da vida, entre tropeços e equilíbrios, lágrimas e sorrisos, desventura e felicidade, nunca esta se afinando com aquela!

Vem a festa do primeiro aniversário. A casa povoada de crianças qual um céu de abril brasileiro – florinhas de ouro gotejando orvalho de luz. Aquela criança laureada já ensaia os primeiros passos, já articula "mamã"... "papá"..., o que faz ecoar hinos de orgulho e esperança no íntimo dos pais. De fato, ali está, geneticamente, a única maneira de se continuar vivo por esta vida. Aquela gente pequena promete a gente grande que talvez a gente nunca conseguira ser! Quanta esperança, quanto sonho aninhado nos caracóis sedosos daquela fronte angelical!

Entretanto, no corre-corre da vida, quase nunca pensamos nas cruéis fatalidades de que é suscetível o nosso destino. A exemplo, quase nunca nos passa pela mente que aqueles ágeis passinhos, registrados tanto nas câmeras como em nossa felicidade, possam um dia vir a ser tolhidos pela traiçoeira paralisia... Que aquela voz celeste e singular corre o risco de emudecer para sempre... Enfim, jamais conceberíamos que naquela mesma mesa – onde há pouco reacendia teimosamente, sobre o bolo branco ou cor-de-rosa, a velinha nº 1 da felicidade – naquela mesma mesa (como ainda sói acontecer) pudéssemos também ver um corpinho inerte e frio, sem nenhuma vontade de soprar as pequenas velas que o cercam!

Perdoe-me – nobre leitor – as lúgubres meditações, mas estejamos também preparados para essas realidades inglórias, aceitando venturas ou desventuras como provações enviadas do Além. Portanto, no dia do seu aniversário, abra os ouvidos da alma ao "parabéns a você", comungue com toda a alegria dos seus e do seu mundo, dê graças ao Pai pela sublime amostra dessa "felicidade eterna". E jamais conclua que, teluricamente,

essa data seja apenas mero e ilusório marco de virtual felicidade, um efêmero momento que já vai fugindo, só mais uma parcela de um final que vem chegando, fatal e inexoravelmente... Afinal, entre a dura realidade e a sonhada felicidade, fiquemos com esta. É a escolha mais feliz!



Engenho de Deus

Engenho de Deus no seu singular mistério!

Sol nascendo redondo. Redondo e vermelho. Rios correndo para o mar. Pescadores correndo para os rios. Peixes correndo nas águas. Cometas singrando na amplidão... Estrelas incrustadas no infinito. Infinito emoldurando versos... Universo milagroso... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Um dia como os demais. Gente havia nascido. Gente havia morrido. Gargalhadas haviam consonado com prantos incontidos... Crianças brincavam de pega-pega... Crianças se arrastavam sobre a terrível paralisia. Mundo complexo! Sorrisos de jovem-em-flor enfeitando as desgraças da vida... Desgraças para uns, felicidades para outros. Noivas em aposentos decorados de sonhos. Viúvas nalgum cemitério recolhido derramando lágrimas sobre seu amado. Amado que ela beijava com ternura. Amado que a terra lhe roubara e agora devorava impiedosamente... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Naquele jardim, borboletas brincando. Beija-flor beijando flores. Flores coloridas. Flores formosas... cheirosas... mimosas! Abelhas negras contrastando com pétalas de sangue. Abelhas impregnando-se de ouro que transformariam em mel. Mel que adoçaria a vida dos seus filhos... Filhos da mãe... da abelha-rainha... rainha do reino das abelhas! O reino mais doce deste mundo. Reino adoçado a mel... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Sol causticante. Homens suarentos soerguendo malhos descomunais.

Músculos tesos, vincando muque na carne magra. Vista embaçada pelo sol e pela fome. Mulher em casa sem o que fazer para comer. Filho com febre... Nenhum comprimido no armário de caixote... Nenhum tostão no bolso. Muita esperança! Muito amor no coração... Muita fé! Muita convicção de que o amanhã seria melhor: sem febre, com “boia”, sem desespero, com sombra, sem cansaço... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Festa de quinze anos. Menina orgulhosa de ser mulher. Orgulhosa porque começa a se descobrir parte de algum homem. Homem que também seria parte dela... Ela que era parte de seus pais. Ela que se sentia feliz por se saber fruto de sublime felicidade deles... Ela que já seria capaz de sentir essa mesma felicidade! E, como seus genitores, transmitir a seus filhos a ventura dessa felicidade... A felicidade do amor. Do divino amor heterossexual... Sonho dos quinze anos. Luz no olhar. Muita vida pela frente. Muita esperança. Pouco passado. Nenhuma saudade... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Oitenta anos. Nariz grande e adunco. Orelhas enormes para a cabeça sem cabelos. Olhos esmagados nas órbitas. Apenas enfeite do mau gosto, pois não enxergava quase nada. Aliás, não via mais o que enxergar no mundo lá fora. Só vislumbra o mundo interior, plasmado em saudade... Saudade da juventude... Da primeira namorada. Primeiro beijo... Primeira comunhão carnal! Agora não tinha mais carne. Apenas couro e osso. Couro muito mole. Apenas osso com resquício de duro... Osteoporose. Vida dura!... Engenho de Deus no seu singular mistério!

Meu amor! Quanta confusão nesta vida! E nada se explica... De repente, você em minha frente... Depois, eu atrás de você. Você atrás da gente. Um louco pelo outro. Dois loucos correndo num mundo de loucos. Porém, quanta doçura em nossa loucura! Lembra-se?... Aconteceu naquele dia, em que tudo acontecia. De nascimento a morte... No entanto, aquele dia marcou-nos a vida... Era um dia como os demais. Para os demais, apenas. Não para nós. Para nós fora o nosso dia. Aniversário do nosso amor. Somos os únicos certos neste hospício terreno. Somos um casal de psicopatas... Olhe o dia como está lindo! O mais belo dos dias... é o dia do nosso amor – Engenho de Deus no seu singular mistério!

Jazigo de um poeta *(Para ser lido em sua lápide)*

Vivo! Vendo e sorrindo à plena vida,
Ouvindo o som do mundo, a voz do dia...
Foi assim, meu irmão da térrea lida,
Que pensei escrever-te esta poesia;

Como recordação de quem foi vivo,
Sofreu, gozou, num mundo vago e torto...
Para que em vida lesses tão cativo
Os vivos versos do poeta morto!

Qual tu, tive ilusões, vi este sol!
Sofri desgraças, tive também sorte,
Vesti manhãs, pintei-me de arrebol...

E eis em treva a matéria viva e forte...
Mas sempre há luz de Deus como um farol
A clarear o obscuro do pós-morte!

Em 04/09/1974



Volúpias siderais

E eras, no paraíso, de paz cheio,
Sem embora a mulher que tanto enlevas...
Felicidade tinhas – não anseio –
Pois que não discernias luz ou trevas.

Mas descobriste a luz num par de seio,
Deslumbrando em desejo as tuas Evas...
E de inteiro passaste a homem-meio,
E qual metade a vida não relevas!

Vives, então, buscando companhia,
Desvirginando até quem não é tua!
Pois já desvirginaste a terra inteira,

Com vergonha a deixaste fraca e nua...
Partiste ao infinito com asneira,
E lá desvirginaste a casta lua!



Trevo do destino

Se lá no fim da caminhada,
Os pés cravados de espinhos...
Nas mãos, a flor dilacerada
Colhida aos roubados carinhos...
Nossos olhos ofuscados

Ao brilho do impossível amor...
Os risos mascarados
Aos gemidos da nossa dor...

Se lá no fim do caminho,
O ninho por nós tão sonhado...
Apenas castelos de ninho
Pelas incompreensões desmoronados...
Vendo aves num sai-e-entre
Pelos galhos onde cantam seus filhotes...
Os nossos morreram no ventre
Dos nossos anseios sem dotes...

Se lá no fim da jornada
Deus, compadecido e clemente,
Nos tornasse à mesma encruzilhada
Para começarmos novamente...
Decerto que de mãos entrelaçadas
Começaríamos pelo mesmo caminho
Catando as raras pétalas já catadas
No meio de tanto espinho...

E novamente, na velhice langue,
As mãos dadas à mesma flor...
Pétalas manchadas de sangue,
Sangue do nosso amor...
Novamente haveria clemência
Pela esperança malograda...
E Deus, outra vez em condolência,
Nos retornaria à mesma encruzilhada...

Pois que, em meio a tanta agrura
Que nos faz a vida separada,

Cada volta seria uma ventura
De mais um começo pela mesma estrada...
E tantas vezes seguiríamos na doçura
Da esperança já tanto malograda,
Quantas vezes Deus, em candura,
Nos retornasse à mesma encruzilhada!



Beija-me, assim...

Quero um beijo sereno e sem clamor,
Como a brisa beija a flor...

Quero um beijo romântico e suave,
Como o vento beija a ave...

Quero um beijo de cândido painel,
Como a nuvem beija o céu...

Quero um beijo do mais sublime afago,
Como o cisne beija o lago...

Quero um beijo que tinja a minha fronte,
Como o céu beija o horizonte...

Quero um beijo embebido de carinho,
Como beija a taça o vinho...

Quero um beijo de fogo e com demora,
Como a nuvem beija a aurora...

Quero um beijo frequente e que se anseia,
Como a onda beija a areia...

Quero um beijo que a viva luz encerra,
Como beija o sol a terra...

Quero um beijo onde toda a vida anela
Como o mar beija a procela...

Quero um beijo de ardência a mais etérea,
Como beija o sangue a artéria...

Quero um beijo sem calma e sem espera,
Como um beijo de pantera...

Quero um beijo de chamas e mormaço,
Como o vulcão beija o espaço...

Quero, enfim, o maior beijo da vida,
Quero o teu beijo, querida!...



Essência da vida

Nem a flor do jasmim com cheiro agreste
Ou a terra a cheirar recém-molhada...
Nem o aroma do sol pela palhada
Ou o perfume de um ninhal campestre...
Nem o cheiro da tarde perfumada
No aroma pantaneiro, ao ar celeste...

Nem a mais olorosa flor silvestre
Ou toda a natureza em sã florada...

Enfim, essência alguma da natura
A mim traria sensação mais pura,
Mais sublime, mais doce e divinal,

Do que aquele perfume diferente,
Desta vida a loção mais envolvente,
Que é, meu bem, seu cheirinho natural!



Guerra do amor

Eu tranco a porta, trêmulo e agitado...
Mas, ao virar-me para a cama perto,
De pé, febril de amor também por certo,
De beijos ela faz-me sufocado!...

Era na boca, orelhas... todo lado!
Desejos passionais do amor incerto...
E quanto mais me abraça, mais aperto
Aquele corpo belo e perfumado!

Qual um prédio implodindo fatalmente
Toda a roupa nos cai tão de repente
E a queda ali no leito foi fatal:

Em alguns segundos, todo o apartamento
Dava a impressão, na fúria do momento,
De uma Terceira Guerra Mundial!



GUIMARÃES ROCHA



Antônio Alves Guimarães nasceu em Quixeramobim (CE) e reside em Campo Grande (MS) desde 1980. Poeta, professor de literatura brasileira e regional e produtor cultural, é major da reserva da PM/MS. Escreveu 22 livros, dois deles inéditos. Está em busca do reconhecimento pelo Guinness Book pelo recorde poético – www.guimaraesrocha.com.br. Recentemente lançou “Coronel Adib – A História” e “Grandezas da Literatura Sul-Mato-Grossense”. Autor do CD “Encanto”. Ocupa a cadeira nº 4 da Academia.

Violência, não!

Três personagens se unem pela não violência no Brasil: “Andarilho”, “Birunga” e “Brasuca”.

Andarilho: — Vamos apresentar ao mundo a alegria de nossa gente!

Birunga: — Além do nosso futebol, a nossa cultura de paz queremos mostrar!

Brasuca: — Despertar com alegria o sentimento de valorização do ser humano!

Andarilho: — Fica proibido “chorar”, a não ser por alegria!

Birunga: — Você pode gritar, mas não falar mal da mãe do árbitro!

Brasuca: — Use sua imaginação para edificar algo importante para a humanidade!

Andarilho: — Seja cortês e não se envergonhe de pedir licença e dizer: “Por favor”, “Muito obrigado”.

Birunga: — É direito seu ser diferente, mas, é dever respeitar os desiguais.

Brasuca: — Respeite os seres humanos que têm o dever de manter

a ordem e cuidar da segurança das demais pessoas nos locais públicos e privados.

Andarilho: — Façamos com a nossa boa educação aquilo que gostaríamos que todos nos fizessem.

Birunga: — Seu Andarilho, eu faço parte com o senhor dessa tal força coletiva?

Andarilho: — Somos nós: eu, você e a Brasuca, que representamos a força do povo pela alegria de uma bela Copa do Mundo no Brasil. Sem violência, com criatividade, que orgulhe realmente o povo brasileiro.

TODOS (Andarilho, Birunga e Brasuca):

— Nosso desejo de cantar a felicidade de um povo que num momento sublime do futebol, tem a oportunidade de mostrar ao mundo que sabe torcer, vibrar e elevar o senso comum (Copa do Mundo - Brasil, 2014).



Mulher

(Oito de março de 2014, Dia Internacional da Mulher)

Humanidade é o Sal da Terra
E a Mulher confere o real tempero
A todas as expressões

Senhora dos melhores cânticos
Mãe presente em todos os homens
Beleza para todas as cores
Sabor oculto ou evidente
Nas atividades de todo dia

Cabe ao elemento feminino
Grande responsabilidade:
Trazer a todos para o Sol
E à luz da Lua e das estrelas
Caminhos para toda a humanidade

Por Divina Vontade
Homens e mulheres
Completam-se entre si
Entretanto os testemunhos de amor
Têm sido mais evidentes

Na Mulher que colabora e aguarda
A ascensão de todos os homens
Aos patamares da igualdade de direitos
Na diversidade de aptidões
Rumo à completude do Ser

Somos sujeitos às leis
De complementariedade
Em plena diversidade
Como deseja a Mãe natureza
Sábia em recompensas e punições
Nos caminhos de nós todos
Rumo à perfeição
Pelos recantos da providência
Pois se é mais capaz de amar
Maiores sentimentos...
É mais capaz de odiar

Grande punição
É a desnaturalidade
Aos que desprezam o elemento feminino
Pois ao fazê-lo
Desfiguram a humanidade
Desviam a sua finalidade

Cabendo a cada um
Buscar a unidade pessoal
Com a Divina Vontade
Todos nós seremos um dia
A expressão de Um com Deus

Desaparece assim
A interpretação nociva das diferenças
Fica eleita desde então
A igualdade de oportunidade
Na lei da complementariedade
Vigente em todos os mundos

Mundo diverso
Conciliação das diversidades
Para unificação com Deus

Calor Divino
Mulher
Mãe da humanidade



Sabedoria

Homens do meu tempo
Mergulha em teu fluir
Reflete a doçura da paz
Contigo mesmo
Vencendo as paixões

Apraz-te em saberes
Que a ilusão navega
Entre a realidade e as quimeras
Mistérios ficções e lendas
Verdadeiro é tua ligação
Quando o eterno é o pai da beleza

Silenciar diante dos segredos
Revitalizar tuas virtudes
Construindo um mundo melhor
A palavra proferida é encantada
Dentro do coração puro

Vivifica tuas ações
No jardim das coisas simples
Sentirás o aromam do bem fazer
Nas flores da existência

Deste universo que construímos
Eternamente sabemos que não se faz sozinho
beleza vivificada
A natureza te devolve às frutas
De grãos semeados
Se partilhar de uma grande construção
Não abandones o caminho da eternidade

Retornarás na velha estrada consagrada
De homens simples comprometidos
Com a verdade exposta
Luz justa e perfeita
Do grande mestre dos mestres



Vó Maria

Sei
Como se pudesse saber
As dores e labores
Por trás das marcas do teu rosto

Felizes os que podem ser avós
— Dores por entre as humanidades
Crédito moral perante Deus
Carinho respeito e compreensão
Oitenta anos de luz

Que dizer de ti
Vó Maria...

Incontáveis horas em alerta
Sono leve
Sobressalto ao ouvir
Algum choro muito querido
Pedindo o teu consolo

Marcas do tempo
Cabelos que caem
Marcando experiências

Sei de um momento
De sublime amor
Não sei quando
Mas um sussurro divino
Chegou ao teu ouvido
Mandando cuidar de algum
(Filhos, netos, bisnetos, genros ou noras)

Só sei agora perder as palavras
De geração em geração
Para encontrar ao fundo
Do meu coração
Batidas e pulsações
De um Muito Obrigado!



Abundância

Foi dito
A Fé
A Caridade
Generosidade
Amor e Luz
Misericórdia
Todas as virtudes do Bem
Têm que ser mais abundantes
Naqueles que dizem crer
No Reino dos Céus
O Reino dos Céus pode ser aqui
Agora e em todo recanto
Do coração dos homens

E assim é no coração dos anjos
No Coração...
Jamais o Amor será mesquinho
Pobre
Minguado
Egoísta
A Abastança Eterna abençoa
O suportar corajoso
Daqueles que mantêm a Fé
Mesmo na falta de recursos
– Uma prova a ser vencida
Pelos bons
Sim
A felicidade futura é uma realidade
– Não fosse assim
A vida humana careceria de sentido
Forte só o é
Aquele que não murmura
Submetido aos sublimes agulhões
– As provas necessárias
Nas Universidades da Vida
Abundância real só a terá
O que vencer a escassez
Da materialidade
Impondo
Portanto
A si mesmo
Sóbria e corajosa espiritualidade





HENRIQUE DE MEDEIROS



Henrique Alberto de Medeiros Filho é graduado em Comunicação Social e exerce atividades multimídias, culturais e empresariais. Jornalista, publicitário, escritor/poeta e editor, tem ampla participação na vida cultural sul-mato-grossense. É autor dos livros: “O Azul Invisível do Mês Que Vem”, “Pirâmide de Palavras”, “Que as Dores se Transformem em Cores”, e “David Cardoso - Memórias do Rei da Pornochanchada”. Ocupa a cadeira nº 10 da ASL.

Estrelas mortas

Voltou do trabalho cansado, mas o banho o reconfortou. O estômago estava vazio, mas o jantar o alimentou. Recebeu da mulher o carinho de sempre, o beijo amoroso de tantos anos que não perdia o sabor. Mostrou aos filhos, em palavras, algumas das suas regras da vida; deles, recolheu um pouco da sua razão do viver. Antes do banho, no espelho, confraternizou-se com o rosto (reflexo asseado da tranquilidade que foi adquirida com a entrega, ao tempo, de alguns anos da vida). No correr da água do chuveiro pelo corpo, o abandono da sujeira do dia, das imposições sociais, do sufoco do meio ambiente que se engole acossado, de nariz e olhos fechados para que não seja notado seu gosto nem delineada sua forma.

Exalando perfume, descobriu no seu humor particular que necessitava urgentemente de um cão, pois os chinelos e os best-sellers recebeu, ao encostar as espáduas no céu da cadeira de balanço. Na nuca, o cafuné da mulher fez com que sentisse o agradecimento pela paz do

lar. Os pés, ao tocarem o chão, sentiram o prazer da propriedade, do adeus ao aluguel na sua troca pelas prestações do sistema financeiro referentes ao apartamento classe média adquirido após o árduo emprego de anos. Sua vida, com a televisão, cinema, futebol, consumo, diretrizes sociais e todas as loterias, recebia um pouco do anestésico para ir vivendo. Em seu roteiro quase eterno do feijão-com-arroz, encontrava assim mesmo o amor, inconscientemente. E nos devaneios do lazer criado para as massas, descobriam-lhe sempre a solução cênica exata para os raros momentos em que seus olhos, como que em fuga, procuravam inutilmente visualizar o insondável.

Na noite, as histórias dos anos de sempre, a cálida lembrança de que um dia a vida pode melhorar. Para a mente, algumas escassas revoltas em instantes de descuido por parte do ego autoprotetor: viver, sem maiores obrigações no que diz respeito ao que escapa à esfera do orçamento doméstico. Na cama, no sexo necessário, um pouco da lembrança da dor que não se consegue distinguir de onde e nem por que vem, atingindo-o em quantos momentos inesperados, como no ato de comer, que às vezes parece tão inócuo. Nas apreensões, apenas os pecúlios já preparados, "um dia vou morrer, mas tenho certeza de que esse dia vai demorar" - até esta frase abandonada depois dos seguros que existem, mas também já foram esquecidos, pois nunca poderá mesmo usá-los. No travesseiro, apenas o dormir e nada mais a descobrir sob o lençol.

Na manhã do dia seguinte, saiu como por acidente e descuido, como quem não quer nada, para comprar o pão e o jornal do desjejum. Levou, no caminho entre o apartamento, a banca de revistas e a padaria, as lembranças e as histórias do passado, a noite anterior e as de tanto tempo atrás, dos seus tempos de criança, adolescente e homem. Tentou encontrar algo de novo nas manchetes dos jornais, mas os fatos eram reais, como havia tantas noites. Em casa, a mulher e os filhos, o futuro, passado e presente aguardavam; em casa, as vitórias surgiam na alegria do abrir a porta. Dentro em pouco, no trabalho, a repetição diária dos rituais seguiria até as férias; nas férias, haveria a certeza da volta aos

rituais. No corpo, o futuro, passado e presente. Na travessia da rua, o trânsito louco de cada dia, os veículos e as pessoas sedentas de sangue, a distração no anúncio de página indeterminada do jornal vendendo a caderneta de poupança em conjunto com doutrinas entrelinhadas. A perda do futuro na presença de passado no rápido adeus ao presente.

Adeus a todos os sonhos, alimentos que são da vida. Despedidas às imagens de alguém que sonhava, em criança, com as estrelas. Nas janelas do apartamento-lar, a família atônita. No chão de asfalto, corpo morto. Nos desejos perdidos, a ilusão da vida. Na ilusão da vida, o esquecimento da morte e da própria vida. Seus olhos, inúteis na rua, indefesos ante a tragédia, a fuga dos autores, a visita dos curiosos, dos desesperados e dos indiferentes, já não sonhavam, como quando criança, com as estrelas. Mas cintilavam negativamente, semelhantes a duas estrelas mortas.



Plena avenida

Disfarçado em carro estacionado.
Na noite desse carro.
Nas luas dessas ruas.
O ponto de partida
é ponto de esperança.
Meios de procura para se chegar aos sonhos.
No asfalto, a ingenuidade
da ilusão de experiência da gatinha.
Nos sinaleiros, os trejeitos
recalcados da madame.
No cruzamento, homens prontos a atacar.
No carro ao lado,
mulheres debutantes

em busca da barriga e marido,
a vida ganha no socialismo feito na cama.
Gente demais.
Euforia demais.
Bobeira demais.
Risos nervosos de coças vaginais.
O sinal verde nos separa.
Nas calçadas, esparsos andarilhos:
os excluídos do asfalto das avenidas.
Nos carros, a miscigenação social
no jogo da procura, da perda e do encontro.
Rostos de todas as formas.
Corpos de todas as formas.
Todas as cores brasileiras.
Rumo à sua casa?
Rumo ao Motel?
Rumo ao encontro das mentes?
Nos encontros e desencontros,
a vida é perfeita nesse carro,
observando o próprio estacionar da cidade.
Vidas conflitantes ou irmãs
procuram o viver.
Não importam as formas.
Rosto balzaquiano à direita.
Quanta repressão, não é, minha senhora?
Senhora com todo o desrespeito.
Vamos lá, madame, desreprimir as
convenções da comunidade,
dar vazão aos desejos do corpo, da vida.
Tempo de espera de nada acontecer,
para afogar a repressão sentida
no longo receber de esperma
no orgasmo vazio de tantos anos.

Na rua, um cheirinho de fumo no ar.
Os alienados do futuro
deixam o presente fugir.
Corpos comem cachorros quentes,
hambúrgueres, americanos
e também carinhos.
Hambúrguer e amor.
Peço um cachorro na
solidão do banco do carro.
Na companhia da mente
vai ser mais fácil dormir.
Mas na falta do sono fácil,
os motivos facilitam o passar da noite.
Razões para o cansar e o adormecer.
Segue-se para casa no comando das marchas.
Na noite vazia.
Nos sonhos vazios.
Na busca vazia.
Na próstata cheia.
A noite fura em estouro merecido da vida,
como um esvaziar de pneus em plena avenida.



Crônica com um amigo

Estou nas escuras pistas do aterro, nessas seis horas de fim de dia. São horas gazentas, horas de rush, horas do desaperto da gravata (de quem as usa). Da janela direita do meu carro admiro, no fim do arco de uma passarela e ao fundo dos campos de pelada, o iluminado edifício da Bloch, tradicional abrigo de jornalistas desconhecidos. Algumas

dessas luzes fluorescentes, dezenas vistas daqui, todas empilhadas em andares, devem estar iluminando a máquina de escrever e um papel datilografado com uma imagem metafórica qualquer de um grande amigo meu, Dênis de Moraes. É isso aí, parceiro: você aí, e eu nesse big trânsito a me irritar.

Pela hora, acredito até que já esteja abandonando a redação e se dirigindo ao ponto da condução. Se raciocinasse melhor na avenida Rio Branco, teria tomado a pista de dentro, pela Glória, e dado uma carona a ele. Mas talvez tenha sido razoável o trajeto processado: no ônibus, o Dênis é um grande observador do mundo, tudo acontece à sua frente, do medíocre ao ato revelador de personagens, e como ele aproveita essas chances muito bem, não lhe faz falta outro tipo de condução nesses dias de hoje. Me desculparei com ele dentro em pouco, quando, provavelmente, iremos trocar algumas palavras no quase diário telefonema das sete, sete e meia. Nele, discutiremos a morte do futebol, o homem insepulto, a mulher que não nasceu, o existencialismo e a bulinagem. Xingaremos também os incompetentes.

Mas é incrível como estou vendo o bairro do Flamengo como o vi certa vez numa feliz crônica do instável José Carlos Oliveira (o verdadeiro alienado vive o real), em meio a esse acender de luzes frias (antigos lampiões). Outra vez? Não tem nada, mesmo o ritual de atropelamento na Praia de Botafogo não vai me estragar o dia. É normal. Sabe, com todos esses mutilados entrando no Miguel Couto, com o Néelson Rodrigues acabando de apodrecer mais um personagem, eu só posso estar é em Copa, em casa, na minha escrivania, comendo alguma coisa e escrevendo sensações.

É, Dênis, a ilusão da vida é grande, As decepções jornalísticas, muitas. E, sabe de uma coisa, apesar da atual profusão, os poemas são poucos para os instantes do mundo. Raros são os que conseguem captar o importante. Você é capaz de ver aquele mendigo aquecendo uma espécie de marmita debaixo do viaduto da Central? Eu sei muito bem que lá não tem viaduto nenhum, mas a Central é sangrenta o bastante para a imagem.

É. Eu nada faço agora. Deixe-me lembrar quais as novidades para já, já. Nada de especial, mesmo. O teatro, o cinema, a música, os sonhos, as maresias e os porres. E, como não podia deixar de ser, exaltaremos nosso desapontamento não com a vida, mas sim com os ditos viventes. Concordo plenamente que os espectadores desse palco, como nós, deveriam ser pagos para apreciá-lo.

Rapaz, como essa cadeira na qual meu pai já sentou um dia está incômoda hoje! Mas, afinal de contas, alguma novidade? Não, bicho, nada de novo. As mesmas notícias de sempre das primeiras páginas dos jornais de amanhã, as velhas artes recentemente disfarçadas para o consumo, o ocioso acomodamento geral.

E em meio a essas batidas de teclas toca a campainha telefônica, nessas sete e meia de princípio de noite. Peço licença. Ou é um corpo de mulher que se apresenta (elas só me ligam a essa hora), ou é o ex-poeta, hoje romancista, amanhã sei lá o quê da língua portuguesa. Vamos ver. Aguarda só um instante, ô Dênis, que eu estou acabando rapidamente aqui. Já estou atendendo... Hoje, eu posso falar de uma crônica onde pude utilizar o nome de um imortal amigo, uma dessas pessoas que não se fabricam mais nesse mundo, não é, ô Dênis? Alô?



Pueril

Mulher.
Cheiro de terra,
pela raiz que provoca.
Brisa de vento,
pelo frescor que causa.
Água de chuva,
pelas gotas que nos faz chorar.

Flerte de sol,
pela vida na qual nos cria.
Lua de esperança,
pelo banho de amor que nos dá.
Paisagem eterna,
pela flora em que transforma
nossos corações.





HERMANO DE MELO

É formado em Medicina Veterinária e em Comunicação Social/Jornalismo. Professor aposentado da UFMS. Escritor, contista e cronista, é autor dos livros: “E por falar em frestas” – contos, e “Sobre tudo, um pouco” (artigos e crônicas). Jornalista, escreve frequentemente artigos no Jornal Correio do Estado, sobre temas diversos. Publica artigos variados no Blog “Liberdade, Liberdade”. Ocupa a Cadeira nº 14 da ASL.



O preço do know-how

Dados divulgados recentemente pelo Banco Central revelam que a indústria automotiva brasileira remeteu para as suas respectivas matrizes no exterior, no ano passado, 5,58 bilhões de dólares, entre lucros e dividendos.

Com isso, foi o setor que mais enviou dinheiro para fora, à frente de bancos e empresas de telecomunicações, que ficaram em segundo e terceiro lugares, respectivamente. Este é o maior valor registrado de todos os tempos e equivale a 19% de todas as operações desse tipo no ano no Brasil, e é 36% superior aos US\$ 4.1 bilhões de 2010. (Pedro Kutney/Observatório Automotivo, 27/01/2012).

Os números impressionam: US\$ 5,6 bilhões – valor total remetido às matrizes pelo setor automotivo em 2011; 0,7% – crescimento da produção de veículos no Brasil em 2011 ante 2010 (total chegou a 3,4 milhões de unidades/ano); 36% – crescimento dos valores remetidos ao exterior em 2011 ante 2010; US\$ 1.647 – valor enviado ao exterior para cada veículo produzido aqui, independente de marca, preço local e destino (Brasil ou exportação). Esse valor enviado pela indústria automotiva nacional equivale ao PIB produzido por Campo Grande, MS, conforme dados publicados pelo IBGE em 15/12/2011: R\$ 11,6 bilhões, relativos a 2009!

Para Cledorvino Belini, presidente da Anfavea, que reúne as montadoras com fábricas no Brasil e que geralmente são entendidas como “nacionais” – entre elas, Fiat, Volkswagen, General Motors e Ford, “a produção cresceu pouco, mas a remessa para ajudar matrizes cresceu muito”. E o xis da questão é justamente este: se a produção de veículos cresceu apenas 0,7%, por que enviar tanto dinheiro para fora? A explicação é que “essas remessas aumentaram justamente no momento em que matrizes mais sofrem nos mercados maduros da Europa e América do Norte, e por isso precisam sustentar seus resultados financeiros com o caixa das subsidiárias em países emergentes”!

Em outras palavras, quando a economia dos países ricos se encontra em alta, os países periféricos enviam lucros e dividendos de suas fábricas de automóveis para torná-la ainda mais poderosa. Quando ela se encontra em recessão – como no momento atual – os países em desenvolvimento continuam pagando pelas dificuldades econômicas deles, ao enviar os lucros e dividendos de suas montadoras implantadas aqui. Como diz Pedro Kutney: “Nada contra o lucro, mas isso é no mínimo desconfortável, porque essas montadoras recebem generosos incentivos fiscais e financiamento público de investimentos. Os dividendos remetidos mostram, porém, que a vida no Brasil pode ser complicada, mas também altamente lucrativa”.

Mas a explicação para o enorme lucro obtido pelas montadoras de automóveis no Brasil e pelo envio de dividendos para matrizes no exterior pode não ser apenas esta. É que ao se instalarem aqui com incentivos fiscais oferecidos pelos governos municipal, estadual e federal, além de outras benesses, elas trazem consigo a promessa do desenvolvimento econômico local, da ampla oferta de emprego e do aporte de know-how para a indústria automotiva nacional. Embora os dois primeiros itens sejam parcialmente cumpridos, o terceiro só acontece com 10 ou 20 anos de atraso. Que o diga o carro 1.0, que só existe por aqui!

**Artigo publicado no jornal Correio do Estado em 08 de fevereiro de 2012.*

Tsunami de carbono

“Estamos enfrentando um tsunami de carbono”. Esta foi a expressão utilizada pelo cientista ambiental Bill Hare em entrevista concedida ao jornal *“Democracy Now”*, ao ser questionado sobre a urgência da questão climática quando comparada a atual discussão sobre o “abismo fiscal” dos EUA, por ocasião da 18ª Conferência sobre o clima (COP-18) em Doha, no Catar. A Conferência terminou às pressas na madrugada de sexta para sábado (08/12/2012), manteve o protocolo de Kyoto até 2020, mas não estabeleceu metas significativas para a redução de emissões de gases efeito-estufa pelos países industrializados (Carta Maior; Correio do Estado (09/12/2012).

Mas Hare considera o lado positivo da questão: “Há um monte de novas indústrias a serem construídas – seguindo os passos para introduzir energias renováveis – eólica, solar, carros elétricos e carros híbridos. Estas são as tecnologias do futuro e podem gerar empregos e ajudar a reconstruir o crescimento econômico, ao mesmo tempo em que saímos da intensiva via de carbono do passado. Eu acho que é um desafio para os políticos, e não apenas aqui em Doha, mas nos Estados Unidos, perceber esta oportunidade e realmente introduzir alguma medida, como uma taxa sobre o carbono, que ajudaria os EUA a saírem de seu precipício e produziria benefícios econômicos significativos em longo prazo”. Assim, diante do que foi discutido em Doha, é de se prever que nos próximos anos a ênfase no combate aos gases responsáveis pelo aquecimento global – e ao tsunami carbônico! – não será de estabelecer metas de redução em suas emissões, e sim enfatizar o mercado livre de carbono. Mas para evitar perturbações perigosas no clima (acima de 2°C), a reunião de Doha deveria considerar opções como a de deixar 2/3 partes das reservas mundiais de combustíveis fósseis no subsolo (!), tal como defendem cientistas como James Hansen (Alejandro Nadal/ Carta Maior/09/12/2012).

Será que Barack Obama recentemente reeleito e os EUA, prestes a se tornarem o maior produtor de petróleo do mundo, e Dilma Rousseff

e o Brasil – diante das enormes reservas e dos royalties do Pré-Sal, estariam dispostos a abdicar dessas conquistas em nome da redução de gases efeito-estufa na atmosfera? Evidente que não. É provável, portanto, diante dos resultados pífios da COP-18 em Doha, no Catar, e apesar da ameaça de tsunami de carbono que paira sobre o planeta Terra, que nos próximos anos “tudo continue como dantes no quartel de Abrantes”. Ou seja, até a próxima grande reunião sobre o clima, em 2015, em Paris, países como EUA, China e Brasil, finjam que estão controlando suas emissões de gases efeito-estufa e proponham um novo prazo para que medidas nesse sentido entrem em vigor – quem sabe 2030? Como diz Alejandro Nadal: “Se as metas obrigatórias de redução das emissões de gases efeito-estufa eram a essência do Protocolo de Kyoto – e isto em grande parte lhe foi retirado, talvez estejamos na presença de um tratado zumbi”. Tudo indica que sim.

**Artigo publicado no jornal Correio do Estado em 11/12/2012.*



A mansão de Gisele

Como se sabe, em meados de janeiro deste ano ficou pronta a mansão onde Gisele Bündchen e o marido Tom Brady vão morar com o filho Benjamin, de dois anos de idade, na Califórnia, EUA. A construção, em estilo mediterrâneo, fica em terreno de 1,5 hectares, tem mais de dois mil metros quadrados de área construída, oito quartos, seis vagas na garagem, piscina em forma lago, SPA, academia, adega, e foi avaliada em 20 milhões de dólares.

Embora grande para apenas três pessoas, a casa tem espaço especial para a família ficar em contato com a natureza: são 50 árvores frutíferas e um galinheiro, para dar aquele clima de fazenda. Gisele

diz que isso é importante e levanta a bandeira da preservação ambiental. Mas é bom lembrar que, em 2002, ela atraiu a ira de ecologistas do mundo todo ao ser garota-propaganda da Blackglama, marca de casacos de pele, quando ganhou o nada glamoroso título de “Gisele, a escória da pele”. (Revista Forbes/2010).

Sobre a mansão de Gisele, as opiniões se dividem. Os amigos da *top model* dizem que por ser linda e sustentável, a mansão dela é a verdadeira casa dos sonhos – e Gisele a merece. Mas a designer Adriana Scartaris é enfática: “Se eu fosse criar uma casa para Gisele, faria algo mais leve, simples e elegante, sem necessidade de muitos artifícios ou detalhes”. Outros afirmam ainda que com os 36 milhões de reais (preço da mansão hoje), é possível comprar mais de 100 apartamentos de padrão médio, 31 casas de alto luxo, vários carros e até o terreno de 1,3 milhão de m², de Naji Nahas, em Pinheirinho, São José dos Campos, SP, de onde foram despejadas recentemente 6 mil pessoas. (Revista Fórum, fev/2012).

Apesar de Gisele Bündchen ter o direito de construir e morar numa mansão em qualquer lugar do planeta Terra – e usufruir das benesses que o dinheiro, fruto de seu trabalho como modelo, lhe dá – sua atitude vai na contramão da história, tanto social quanto economicamente. Ela é socialmente injusta, porque constitui um acinte para milhões de pessoas ao redor do mundo, que não têm onde morar nem o que comer, inclusive nos EUA e no Brasil. Além disso, ela também é injusta do ponto de vista econômico, pois revela a enorme distância ainda existente entre ricos e pobres na sociedade capitalista de hoje.

Diante disso, o magnata americano Warren Buffet escreveu, em agosto do ano passado, artigo no “New York Times” intitulado “Parem de mimar os ricos”, onde diz: “Enquanto a maior parte dos americanos luta para fazer face às despesas, nós os mega-ricos continuamos a ter isenções fiscais extraordinárias”. Inspirado nele, o presidente Barack Obama enviou ao Congresso americano proposta que prevê o fim das

deduções fiscais para os mais ricos a partir de janeiro de 2013. Resta saber se ele ganha as eleições e obtém maioria no Congresso, né?

Quanto à mansão de Gisele Bündchen, dizem que ela só perde para duas outras: a que pertencia ao ex-banqueiro Edemar Cid Ferreira, no Morumbi, em São Paulo, avaliada em 50 milhões de reais; e a do pastor da Igreja Universal, Edir Macedo, no Caribe, arrematada em leilão da Sotheby`s por 42,5 milhões de Euros. É mole?

**Artigo publicado em 18 de março de 2011 no jornal Correio do Estado.*





HILDEBRANDO CAMPESTRINI



Nasceu em 6 de maio de 1941, em Rio dos Cedros (SC). Diplomado em Filosofia e Pedagogia (Seminário Maior Salesiano), em 1962, Licenciado em Letras com Francês. Especialista em Língua Portuguesa. Licenciado em Filosofia Pura. Publicou diversas obras nas áreas didáticas, de linguagem, de história. Na área de literatura publicou: *Cartas a Sara*, 1990; *Cantares de Menestrel*, 1995 e *O Trilhador de todos os caminhos - Vida e obra de Hélio Serejo*, 2008. Ocupa atualmente a presidência do IHGMS e na ASL ocupa a cadeira n° 31.

O jatobá

O então tenente Taunay, regressando (em 1867) do porto do Canuto (perto de Aquidauana) para o Rio de Janeiro, para levar ao Imperador o relatório da Retirada da Laguna, passou pela região onde está hoje a cidade de Jaraguari. O povoado que deu origem àquela cidade chamava-se Jatobá e ficava à beira da rodovia. Havia, no local, até pouco tempo, uma construção de madeira, antiga, ponto de parada das chamadas jardineiras (ônibus mistos).

Registrou Taunay (em “Viagens de outrora”, p. 45):

“Fomos dormir junto às Lagoas (*ficavam a uns dez quilômetros ao norte do atual posto da PRF de Jaraguari*), a quatro léguas do Maribondo (*Maribondo – assim mesmo – ribeirão nas proximidades da cidade*), perto de depósitos de água não má e com a qual sempre se pode contar. Aí abundam os jatobás.

Estas leguminosas têm uma vagem, cujas sementes acham-se envolvidas numa polpa farinhosa, suscetível de alguma preparação para se tornar aturável. O uso destes frutos provou bem nas Forças contra

as diarreias e serviu de muito para o sustento geral. É, pois, com reconhecimento profundo, que os expedicionários de Mato Grosso devem falar desse utilíssimo vegetal.”

Esclareça-se que, quando fala em Forças, Taunay se refere à Força Expedicionária de Mato Grosso, que, formada em Uberaba, marchou para Coxim e, daí, para Miranda, passando pelo rio Negro e fazenda Taboco. De Miranda dirigiu-se para a fronteira do Paraguai, resultando na Retirada da Laguna. A Força sofreu muito de fome, que obrigou seus componentes a comer o que encontrassem. Providencial foi o jatobá, que, além de alimentá-los, era usado para combater a diarreia. Compreensível, pois, a gratidão de Taunay, em nome dos expedicionários, ao jatobá, que os sustentou em horas críticas.

“O aspecto da planta é agradável: árvore mediana, tem folhas compostas, porém completamente fendidas até o pecíolo articulado, o que lhes dá aparência de folhas simples. A forma é de papilionácea. Estas folhas nos jatobás pequenos são muito desenvolvidas: vão diminuindo à medida do crescimento e tornam-se miúdas nos indivíduos mais altos. O jatobá abunda em terreno arenoso; entretanto resiste às enchentes, como o vimos em vários pontos perto do rio Negro. Em algumas províncias onde a sua expansão é muito mais completa, dão-lhe o nome de jataí.”

Nas MEMÓRIAS (p. 293), Taunay registrou:

“Tal a penúria de víveres, e a tão desesperado estado chegara (*isto quando a Força marchava de Coxim para o rio Negro*), que a alimentação geral era quase exclusiva de frutos da mata, sobretudo jatobás, cuja abundância tomara visos de providencial. E as autoridades mandavam fazer pelos soldados colheitas de enormes sacos, depois distribuídas como rações determinadas pela lei!... O que sofreu a mísera coluna, embora acostumada à miséria pela estada no Coxim, ultrapassa quaisquer limites.”

Por fim, vale registrar que, até por volta de 1970, o jatobá era muito abundante nos arredores de Campo Grande e com presença em quintais urbanos. A infância de muitos campo-grandenses está ligada

à colheita de jatobás e guaviras, passeios inesquecíveis, de famílias e grupos de jovens, nos finais de semana daquela época, pelos pastos vizinhos do centro urbano.

Isto justifica ser o nome jatobá tão forte na cultura campo-grandense.

Observe-se, por fim, que seu desaparecimento nos cerrados se deve à exploração da madeira e ao desmatamento para a agricultura. Nos centros urbanos e suas proximidades, com frequência o jatobá morria lento, pois principalmente os raizeiros lhe retiravam a casca, considerada excelente remédio para várias doenças.



Duas almas (Lembrando o prof. Plínio Mendes dos Santos)

Conheci Plínio Mendes dos Santos, na segunda metade da década de 1960, por meio de irmãos dele, meus amigos e colegas de magistério. Lembra-me ele o poeta Raul de Leôni (aqui citado também em outras passagens):

*Duas almas debes ter...
É um conselho dos mais sábios,
Uma, ao fundo do Ser,
Outra, boiando nos lábios!*

O professor Plínio tinha duas almas. A primeira, num rosto sempre bem barbeado, pele lisa, sério, que, ao fazer alguma concessão, no máximo sorria. Não levantava a voz, não perguntava; respondia o indispensável. Na dúvida, sim, indagava. Nunca, porém, das pessoas. Não insistia. Lembro que, certa vez, numa roda descontraída, ao se falar em sarna, perguntou-me qual era o nome científico dela. Respondi-lhe para

provocá-lo: escarabiose. E ele: escarabiose? Sim, escarabiose. Olhou-me surpreso e calou-se. Nunca mais voltou ao assunto. Certamente foi ao dicionário e constatou que fora iludido: a forma correta é escabiose.

No colégio, na sala dos professores, quando conseguia chegar para o cafezinho (porque se perdia nos corredores atendendo pacientemente alunos), cumprimentava, sorria. Nenhum comentário, nenhuma queixa. Aparentemente, não tinha problemas pedagógicos, didáticos, de relacionamento. Em verdade, eram raros (e muito bem administrados). Mesmo assim, nenhum desabafo.

Tinha ele uma marca: professor Plínio, aliada à Matemática, jaleco branco e uma pasta. Falar nele era referir-se, necessariamente, àquela matéria, que lhe permitia, quem sabe, resguardar sua vida, suas opiniões, seus pendores, o que não é possível, por exemplo, lecionando Português ou Literatura; História ou Ciências, quando o professor deixa nas palavras um pouco de sua alma, de seu modo de ver o mundo, de suas paixões, de seus conceitos e preconceitos.

A Matemática permitia-lhe viver esta alma. Por isso, tornou-se um excepcional professor da matéria, que nos parecia inventada por ele. E foi retilíneo também na vida. Militar da Força Aérea Brasileira, era cumpridor exemplar de seus deveres. Não havia meio-termo: ou certo ou errado. Como a ciência que ensinava. Só. Nada de comentários. De conversas. Sabíamos que era sargento porque eventualmente o encontrávamos pela rua, fardado, a serviço. Bom dia, boa tarde. Um sorriso obrigatório.

Esta a primeira alma do Plínio. Fugidia, que não se entrelaçava com as outras, uma *alma anônima e usual/ Longe do Bem e do Mal*.

A outra alma de Plínio era como *a pérola rara,*
Dentro da concha tranquila,
Profunda, eterna e não cara,
Que poucos podem possuí-la.
Alma que só se descobre
Para uma lágrima nobre,

*Para um heroísmo afetivo,
Nas íntimas confidências
De verdade e de beleza.*

Esta outra alma pouquíssimos conheceram. Enclausurada na defesa da concha, como a pérola, *ora aflorando num gesto/ ora, subindo num poema*, ficou nas entrelinhas da vida de Plínio, em algumas poesias (boas, sem dúvida), no atendimento desprendido (até carinhoso) a alunos com dificuldades em Matemática e principalmente no trabalho silencioso no estudo e no incentivo aos irmãos na realização de uma impensável obra: fundar um colégio para contribuir com a educação do povo brasileiro. Um projeto que começou numa casa (já antiga à época) na Rua 7 de Setembro, expandindo-se imediatamente para uma outra (também antiga), na Avenida Calógeras. Surgia a Moderna Associação Campo-Grandense de Ensino, semente da gigante Uniderp.

Um incentivo feito de conselhos e exemplos. De quem chegava por primeiro e saía por último. De quem tudo acompanhava. Mesmo à distância. Quando foi transferido para Anápolis, vinha a Campo Grande em dias de folga ou finais de semana, para cuidar, com os irmãos, de seu sonho. Zelo que não o perdoou. Numa dessas viagens acidentou-se. Foi a última. Em vida, certamente. Porque, em outra dimensão, Plínio continua indo e voltando, percorrendo os corredores, ouvindo aulas, instruindo, aconselhando. Como irmão mais velho, que era. Esta a outra alma do meu amigo, que às vezes, encontro ainda pelas ruas da cidade.

*Essa (alma) que olha as criaturas,
Sem jamais comprometê-las,
Entre perdões e doçuras,
Num pudor silencioso,
Com o mesmo olhar generoso,
Com que contempla as estrelas,
E assiste o sonho das flores.*

Assim era e assim é Plínio, também professor de Matemática. Carregando duas almas, uma – conhecida, mostrada aos passantes, distribuída pelos caminhos, como escreveu o poeta; outra – muito reservada, dele, guardando em fundos esteiros, o ouro da vida. Executando o conselho do poeta:

*Duas almas tão diversas
Como o poente das auroras:
Uma, que passa nas horas,
Outra, que fica no tempo.*

Sem dúvida, a primeira passou nas horas. A outra ficou no tempo, na lembrança de seus amigos e alunos.



A... guiar

Avançando na idade, acumulam-se as sensações de perda: amigo partindo, colega de jornada ficando pelo caminho, companheiro avisando, em anúncio de missa de sétimo dia, que já não está entre nós... e a vida continua, porque, como escreveu Euclides da Cunha, “o espetáculo diário da morte nos dá a despreocupação da vida”. Nem tanto, Euclides. As perdas, com perversa regularidade, pontilham nossa caminhada. Algumas esmaecem; outras ficam vivas, marcando mais, entristecendo... como a do professor Adair José de Aguiar.

Conheci-o lecionando num curso da CADES (para formação de professores). Eu era ainda seminarista e ele tinha sido padre. A semelhança de formação aproximou-nos. Certo dia, confidenciei-lhe que não estava satisfeito com a vida religiosa. Aconselhou-me a pensar bem, talvez fosse um momento de desencanto; que poderia ter um respeitável

futuro como sacerdote. Estaria torcendo por mim. Mas, se, por alguma razão, deixasse o seminário, contasse com ele.

Meses depois, às oito horas da noite, saí do seminário (naquele tempo deixar o seminário cheirava a malfeito, por isso na calada da noite), sem ter para onde ir; lembrei-me do professor Aguiar. De táxi, cheguei à residência dele, apoiado no oferecimento que me fizera. E não falhou. Recebeu-me fidalgamente, tratou-me como familiar e, por alguns dias, levou-me a possíveis empregos. Depois de vinte dias dessa convivência, alojei-me na Pensão Pimentel. Isto em 1964.

E dali para frente, sempre conversamos. Mesmo quando se transferiu para Indaial (SC), ia visitá-lo todo ano para uma longa prosa, cobrando-me notícias de Campo Grande, dos amigos que deixou, da cidade que carregava na alma com muito carinho, da Academia (que nunca abandonou)... e contava suas histórias, de menino pobre, do seminário no Rio Grande do Sul, do pai que fora capataz de fazenda em Bonito (quando conheceu Silvino Jaques, que certa noite, perseguido, foi pedir pousada na casa dele). Muitas histórias... de quem chegou a Campo Grande, depois de deixar o sacerdócio, e foi trabalhar como zelador no Colégio Osvaldo Cruz, passando a substituir professores. A vida deu suas voltas. Mais tarde seria um dos proprietários do Colégio.

Este – meu amigo Aguiar. Que, em verdade, não nos deixou, porque seu exemplo nos ilumina. Orador de excelência, bom poeta e prosador caprichoso, conversa envolvente de muitos casos e de muitas horas, ouvinte atento, Aguiar foi simples, humilde, como cura de freguesia. Nada o abalava. Não criticava. Não condenava. Entendia e, se pudesse, colaborava. Mais mestre e conselheiro que professor, distribuía otimismo, confiança, esperança na humanidade, vendo o lado bom do ser humano e acreditando firmemente nele. Brincávamos: ele vivia a...guiar – com conselhos e o exemplo de cidadão responsável e profissional ético.

Nestas poucas linhas, meu caro Aguiar, a homenagem carinhosa dos amigos que você deixou em Campo Grande, que muito lhe deve.





JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES



Nasceu em Três Lagoas (MS), em 1933. É juiz de direito aposentado. É um dos fundadores da Academia de Letras e História de Campo Grande (1971), antecessora da ASL, da qual foi Presidente de 1972 a 1982. É autor de “Deste lado do Horizonte”, “Jorge Luis Borges”, “A Erudição e os Espelhos” e “História da Literatura Sul-Mato-Grossense. É contista premiado nacionalmente. Ocupa a cadeira nº 11 da ASL.

Machado de Assis, será que o merecemos?

Toda a nação brasileira reverencia a memória do escritor carioca Joaquim Maria Machado de Assis, nascido no Morro do Livramento, 21 de junho de 1839, filho de Francisco José de Assis, pintor de paredes, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis.

Faleceu em sua querida cidade do Rio de Janeiro, na madrugada do dia 29 de setembro de 1908, tendo o Governo decretado luto oficial, permanecendo seu corpo em câmara ardente, no Silogeu, diante do qual desfilou imensa multidão para levar ao gênio nacional o seu derradeiro adeus.

Presidente, em 1897, da Academia Brasileira de Letras, que fundara, com alguns amigos companheiros ilustres, nenhum destes quis aceitar a indicação de saudá-lo, à beira da sepultura, movidos por imensa e incontrolável emoção.

Foi então que, entre os acadêmicos presentes, Mario de Alencar,

José Veríssimo, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Raimundo Cofria, Medeiros de Albuquerque, e Rui Barbosa, este apresentou-se e disse: “Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, um gemido da sua lira, para lhe vir trazer o nosso ‘coração de companheiros’.”

E proferiu o grande escritor e tribuno baiano uma das mais belas orações das letras brasileiras.

Machado transpôs as fronteiras nacionais, projetando-se no cenário literário das grandes nações do mundo, colocando-se hoje ao lado dos luminares, como Balzac, Flaubert, Dostoiévski, Turguêniev, os irmãos Goncourt, José Maria Eça de Queirós, Máximo Gorki, Stendahl, entre outros, sem que se esqueça de Marcel Proust, Thomas Hardy, Pirandello e Jorge Luis Borges.

Que não se omita o serem todos os nossos modernos machadianos.

Sua grandeza reside em que evoluiu formalmente de romances românticos, como “Helena”, “Iaiá Garcia” e “A Mão e a Luva” para magistrais obras classificadas como realistas, embora naquelas já se notasse a marca indefectível de Machado. Em 1881, inaugura no Brasil o realismo, com o fabuloso romance “Memórias Póstumas de Braz Cubas”, seguindo-se outras produções notáveis tais como o decanto “Dom Casmurro”, que não cessa de intrigar a consciência do crítico e do leitor.

Embora queiram alguns ensaístas sustentar que Machado lembra os romancistas famosos de outras nações ricas de produções literárias, dentre elas a França, a Itália, a Rússia e a Inglaterra, a verdade é que seus tipos humanos são bem brasileiros, conquanto universais, tocados pela ambivalência da turva condição humana.

Ademais, os locais em que se desenrolam os aspectos de sua geografia mimética são profundamente brasileiros, o que o torna contemporâneo de nossos modernistas, na busca do cotidiano, alcançando

o viés de sua literariedade na coisa simples da vida comezinha, a que realmente guarda os grandes segredos e faz pulsar a nervura do mais alto da existência.

Em verdade, não encontraremos em qualquer literatura um contista como Machado, o autor de “A Igreja do Diabo”, de “Uns Braços”, de “A Cartomante”, de “O Espelho”, de “O Enfermeiro”, de “Cantigas de Esponsais”, de “Trio em Lá Maior”, além de uma centena de outros. Mesmo no Romancista a introdução do Contista.

Senhor de um estilo fragmentário, firme ao captar flagrantes, como a compor mosaicos de uma urdidura pouco explicável, tanto no romance quanto no conto, o “Bruxo do Cosme Velho” é a nota para além das formas e dos rigores do estilo de seu tempo, em verdade projetando-se, unânime, para uma destinação do sempre – presente.

Muito após a morte do mestre Machado, a notável escritora Lúcia Miguel Pereira soube resgatar obras do olvido, obras como “Crônicas de Lélío”. Não se pode esquecer a opinião crítica de José Veríssimo, que muito ajudou, entre nós, a consolidar a figura de Machado de Assis, já que os contemporâneos do autor de “Memorial de Aires” optaram por seguir a senda de escritores hoje menores.

Palavras não há a dirigir a nosso mestre maior, senão poucas, eis que suas construções e o espectro das virtualidades de sua criação compõem a trama de nossa própria existência.







JOSÉ PEDRO FRAZÃO



Nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista, fundou em 1982 o jornal "O Porta-Voz", em Anastácio. Foi secretário de Educação e Cultura de Anastácio. Dentre suas obras, destacam-se: "Nas Águas do Aquidauana eu andei" (romance ecológico) e "Tuiuiu My Brother". Ocupa a cadeira nº 29 da Academia, da qual é o atual secretário.

Até onde vai a nossa Língua

O título deste ensaio deveria chamar mais atenção pelo uso adequado do advérbio e menos pelo alcance semântico da relação deste com a preposição, o verbo, o artigo, o pronome e o substantivo, na fecunda interpretação da frase. Mas, todavia, é quase sempre no escuro canal de comunicação que se dá o encontro do emissor com o receptor, entranhados em múltiplos entendimentos da mensagem com livre penetração no imaginário nem sempre divino e prazeroso como na arte literária.

A língua do beijo não é o beijo da língua, mas o sobejo vernáculo traído pelo ósculo da hipocrisia linguística que, por incapacidade de enriquecer as distintas correntes idiomáticas, opta por fragilizar uma, achando que se vai melhorar a outra. É o eterno e arriscado confronto entre norma culta e coloquialismo, cada vez mais a mercê dos apedeutas e dos famigerados piratas da linguagem.

A Língua Portuguesa na sua bela versão brasileira não é mero produto do acaso, mas da viva mutação cultural que, ao longo dos séculos, faz nascer do costume a própria lei que a sustenta e a identifica. É assim desde o seu nascimento nos jardins do Lácio, quando a plebeia latina Flor Vulgar rompeu mares e mundos camonianos para

desabrochar grandiosa, culta e bela.

Atualmente, no Brasil, a preocupação em reduzir a distância entre a língua que se fala e a que se escreve tem desafiado estudiosos, sobretudo, os sociolinguistas. Mas é a permissividade empobrecedora do vernáculo – já avariado pelos bárbaros galicistas e literófobos – que verbaliza o modismo violentador de padrões que adentra as escolas, rotulado de alvedrio aniquilador de preconceitos linguísticos.

Sob a alegação contraditória de que não se pretende ensinar a norma popular [aprendida em casa e na rua], mas apenas criar vínculos sociais, o Ministério da Educação extrapola suas prerrogativas e acaba de adotar, transgressiva e impositivamente, para o ensino de jovens e adultos o livro didático “Por uma vida melhor”, que dedica um capítulo à defesa da linguagem oral como instrumento normativo. O pretexto da inovação, compreendido e justificado apenas do ponto de vista psicológico, é desinibir agentes da fala e aprendizes da escrita [ditos vítimas do constrangimento gramatical], mas acaba incentivando a crescente negligência e a criminalização da norma culta, cujo desleixo só se pode combater com o ensino zeloso da Língua Portuguesa no âmbito escolar.

A proposta é, de certa forma, redundante porque o debate sobre a variedade de linguagem, desde a antiga gíriática até a moderna internética, já está presente na escola, sendo respeitada e abordada na transversalidade do currículo como acessório dialetal do estudo comparativo entre a forma popular e a norma culta. Mas, também, a associação meramente política entre essas variantes, através da violação morfossintática [que logo se estenderia à prosódia e à ortoépia] não é construtiva ao ensino e à reputação da Língua Pátria, que tanto preserva a beleza dos diversos falares, quanto se protege da vulgaridade que aos poucos se pretende oficializar.

É verdade que o idioma nacional, que tanto nos orgulha, veio do Latim vulgar, mas evoluiu e chegou ao esplendor que encanta o mundo pela sua riqueza lexical, para nunca mais vulgarizar-se literalmente. E ideias como a do livro “Por uma vida melhor” [mesmo título da

comédia do cineasta americano Sam Mendes, sobre responsabilidade social], com certeza, além de não melhorarem a vida de ninguém, só podem confundir e piorar os paradigmas linguísticos, aumentando a ignorância e o desprezo pelo estudo da norma culta, de tal modo que o infausto livro poderia muito bem chamar-se “Por uma Língua Pior”.

Além de se levar em conta que o MEC não tem autoridade determinante sobre a estrutura da Língua Nacional e considerando a boa intenção que leva pesquisadores a buscarem meios de amenizar o choque entre as diversas formas de expressão, vemos que é mais inteligente e adequado consertar o que falta do que destruir o que resta, ou deixar cada uma seguir a sua lei.

‘Aonde vai a nossa Língua’, saberemos amanhã. Mas, hoje, ela vai fundo até a fronteira de suas variantes, promovendo rica e harmônica convivência entre as formas culta e vulgar, sem, no entanto, confundi-las e despojá-las de suas vitais peculiaridades que tanto a enriquecem.



Quem bate em mulher, o que é que é?

Alguém já viu cachorro bater em cadela?

Outro dia, um grito da rua invadiu meus aposentos e conduziu-me à janela a tempo de ainda assistir a uma corriqueira briga de casal. Um sujeito pançudo com ar de autoridade discutia, a passos largos, com uma mulher franzina de pisar ligeiro que ele conduzia aos empurrões. O marmanjo freava sua vítima com alternados e violentos puxões de cabelos seguidos de palavrões indizíveis nesta crônica.

Logo atrás, fiel e indiferente, um vira-latas farejava os passos do casal briguento. Mas qual não foi minha surpresa ao ver o meu cachorro abrir o portão e sair eriçado em perseguição ao pequeno transeunte

que lhe invadia o espaço territorial.

À frente dos cães, mais um tapa, mais um puxão, mais um palavrão, mais um grito feminino. Até que o meu cachorro alcançou o outro, e, para alívio de todos, após a identificação olfato-escatológica, percebemos que o intruso se tratava, na verdade, de uma cadela. O respeito e o cavalheirismo instintivos do meu cão pela fêmea o demoveram da ideia de violência e ele ainda voltou satisfeito para casa.

Já dobravam a esquina mais um tapa, mais um puxão de cabelo, mais um palavrão e mais um grito, quando analisei aquela situação e percebi o quanto os cachorros podem nos ensinar em matéria de respeito ao próximo, especialmente pelo sexo oposto.

Não é da natureza dos animais machos agredirem as fêmeas. E nas raríssimas vezes em que ocorre briga de casal é ela que agride o macho. Lembra dos aracnídeos? Certas tarântulas matam o macho após a fecundação. Também há cobras que fazem o mesmo, devorando o companheiro depois da cópula. Há mil exemplos na zoologia, mas nos basta saber que na natureza o macho só bate na fêmea em condições excepcionais.

Os animais só matam para se defenderem ou para se alimentarem. A agressividade dosada é natural em todas as espécies, mas a violência é uma aberração humana, fruto da ignorância, do descontrole, da fraqueza e das neuroses. No reino animal, com raríssimas exceções, os machos só brigam com machos, e as fêmeas brigam com fêmeas. As cadelas, por exemplo, só temem ou odeiam as outras cadelas.

No caso das mulheres (sem nenhuma comparação canina), assim como grande parte delas gosta de andar de mãos dadas e de trocar carinhos, elogios e solidariedade (ao contrário da maioria dos homens), parecem, ao mesmo tempo, predispostas a se odiarem. Quando as unhas não alcançam, a língua dá conta do recado. A rivalidade feminina é geralmente alimentada pela inveja e pela vaidade.

Esta aversão interfeminina e a preocupação de defesa da fêmea pelo macho fazem partes da sabedoria da natureza, onde o sexo frágil tem regalia preservacionista. Afinal, é preciso salvaguardar a fonte da

espécie, pois a sobrevivência dos seres vivos depende muito mais das fêmeas. Assim, à luz da ciência natural, é possível compreender por que a agressão recorrente ao sexo feminino é um comportamento de natureza feminina e não masculina.

De acordo com este raciocínio, o homem que bate em mulher deve sofrer de distúrbios de personalidade, ou seja, o seu lado masculino não é capaz de conter o lado feminino oculto que aflora para agredir a fêmea que o estaria ameaçando na disputa interna e inconsciente de sexos. A única forma que esses machos humanos encontram para se sentir seguros, firmar sua identidade, sua autoridade e domínio sobre a parceira é a violência.

Este fenômeno do instinto feminino agressivo dá-se até entre os insetos. Mas nos basta o exemplo do cão, que é o melhor amigo do homem, para ensiná-lo que, na verdade, quem bate em mulher não é o lado masculino, mas o seu incontrolável e oculto instinto feminino, o que não acontece com os cachorros e outros irracionais.

Sem nenhum complexo de gênero, parece-me que os gays, por exemplo, vivem um conflito de amor e ódio com as mulheres, por um distúrbio diferente ainda em estudo. No entanto, apesar de gostarem de homens, tendem a ser mais agressivos com eles do que com elas, a quem invejam e se associam com revelada cumplicidade. No caso dos homossexuais em geral o que aflora seria o instinto do sexo sempre oposto, ao contrário dos heterossexuais violentos, cujo problema é a ocultação inconsciente de possível tendência ao homossexualismo.

A dominante apropriação da parceira e o ciúme exagerado, assim como a violência, além de caracterizarem machismo, podem indicar a homossexualidade oculta, revelada pela insegurança e a fraqueza emocional (características mais femininas), pois os verdadeiros machos são tolerantes e muitas vezes dóceis com o sexo oposto e têm como característica a segurança no seu poderio masculino. Por isso os machos autênticos não são violentos com as parceiras, nem possessivos, nem tão ciumentos. A exemplo dos cães, são controlados e não batem nas fêmeas. Talvez por isso as mulheres adoram cachorros.

Quem bate em cadela é cadela. Quem bate em mulher é “mulher”. Cachorro que bate em cadela é cachorro louco. Homem que bate em mulher o que é que é? É mais que louco, é mais que covarde; é um fraco, doente e carente de masculinidade. Homem que pratica violência contra a mulher é indivíduo desequilibrado emocionalmente que utiliza a força bruta como única arma na sua guerra dos sexos, na ânsia inglória de firmar sua confusa identidade. E se o meu cachorro não conseguiu explicar, Freud explica.

** Este texto já foi utilizado em reunião temática dirigida pela palestrante Maria da Penha (autora da Lei que pune a violência contra a mulher), em Campo Grande-MS.*



Rubenio Marcelo e a legítima *essência poética*

Se 'navegar é preciso', tanto quanto "necessário é criar" - como bem intertextualiza Fernando Pessoa (parafraseando os antigos navegantes), a nova coleção de poemas de Rubenio Marcelo, a bordo do seu novo livro "*Veleiros da Essência*", representa a arte legítima da criatividade. O *fazer poético* é, antes de tudo, um ato de criação (do grego *poiesis*: produzir, fazer, criar, realizar, elaborar). E uma vez produzida, feita, criada, realizada, elaborada, a verdadeira poesia nos leva ao estertor de uma fascinante viagem num aprazível e confiável veleiro, singrando mares de palavras poéticas.

Versos treinados e bem amarrados com a essência da arte dão aos velames das embarcações literárias a resistência para enfrentar procelas culturais causadas pelas pseudopoesias à deriva, muito embora a inanição artística costume arrastar os infelizes e audaciosos poemas de primeira [ou *de longa*] viagem ao naufrágio ou ao isolamento de um

porto abandonado. Daí que, em contrapartida, pode-se exaltar o imo poético nos versos desse altivo marujo de "A Essência dos Veleiros". Nesta tripulação de oitenta seletos poemas, encontra-se uma profusão de estilos, demonstrando o sério ecletismo da poética rubeniana, pois viajam juntos – descortinando mares e céus – desde alguns sonetos (onde "a musa do parnaso sentencia: que só tem poesia aquele ser/ que já nasceu com ela pra viver/ num renascer dourado a cada dia!") ao atinado verso livre – a grande maioria – (de onde a poesia "vem em silêncio/ sobrepaira e vira pássaro..."), incluindo o *uivo* rebelde da poesia *beat* (em que "há presságios lógicos refletidos no vazio/ das ruas minguantes que lhe acenam.../ acolhendo o lapso que apazigua a dor/ .../ e a tácita taciturnidade da surpresa").

O novo livro do poeta Rubenio Marcelo traz Apresentação de Raquel Naveira e Prefácio do professor e crítico de arte José Fernandes (da Academia Goiana de Letras), que assim afirma, com sabedoria: "*Veleiros da Essência* trata-se de um livro maduro, de composições puramente estéticas. Por isso, um livro pensado, arquitetado, a fim de captar, com profundidade, todas as nuances do ser em existência, e da poesia, em sua essência poética, entendida como diálogo do ser consigo mesmo, porque transformado em linguagem. Não uma linguagem qualquer; mas uma linguagem que ascende à dimensão do metafísico, porque trabalhada desde dentro, desde as essências do Verbo que conjuga o ser".

O comentário de 'orelha' do livro é da autoria do ilustre poeta/escritor e acadêmico (presidente da Academia Mato-Grossense de Letras) Eduardo Mahon, que veio de Cuiabá especialmente para o lançamento do seu amigo Rubenio. Num trecho da 'orelha' assegura Mahon: "Um escritor pode ter um lance de sorte e a genialidade sorrir por um breve instante, num verso, numa estrofe, numa poesia. Ocorre que, nas poesias de Rubenio Marcelo, esse sorriso fica estampado a cada composição. A poesia rubeniana é dinâmica. O leitor balança com o mar, com o navio, levanta as âncoras da mesmice e parte para o alto mar".

Assim, 'Veleiros da Essência' se constrói com eufonia, tecendo águas e pássaros, e navega metaforicamente, transpondo ondas de

lembranças e transportando anímicos sonhos que se realizam no nirvana da arte celestial. E se o mestre da lusopoesia considera o ato de criar mais importante que a própria vida, seguindo a ótica dos ancestrais navegantes ("Navegar é preciso; viver não é preciso"), resta-me declarar que os versos do poeta (e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras) Rubenio Marcelo são incomuns frutos da mais pura criação artística. O comum é prosaico; só o essencial é poético.



Momento Irracional

A eleição povos divide
Com ódio, amor e paixão,
Sob o efeito da emoção,
Causando ofensa e revide!
Pois política reside
No poder, fama e ciúme,
Quando ao fedor e ao perfume
A mesma flor se declara:
– O interesse que separa
É aquele mesmo que une.

Após disputa agressora,
Volta a paz alvissareira:
Rival vira companheira
Da ala que foi vencedora;
E a tática fingidora
Nenhum dos lados assume,
Pois sabem que o povo pune
Quando o poder se mascara...

O interesse que separa
É aquele mesmo que une.

Infelizmente a eleição
É um momento doentio
Em que o grande desafio
É derrotar a emoção...
Mas, persistindo a paixão
Que à disputa se resume,
Do mal não se fica imune
E como doença se encara...
O interesse que separa
É aquele mesmo que une.



Rastro de Bandeiras

O Mato se martirizava.
Botas comiam léguas, abrindo caminhos
sobre terras puras e segredadas.
Braços abriam, a muque, o verde,
e verdes se dobravam aos machetes.
O silêncio, afoito, fugia;
penas, penando, batiam-se;
olhos saltavam de assalto;
folhas do alto quedavam;
e, desarmado, o ar cheirava a fogo e fuga.
As matas assistiam, sem pressa,
às procissões de coragem, bravura e miragem,
e as águas dos rios, das margens cheiravam
– cheiro de bornais, paus-de-fogo, suor, chapéus.

Era uma tribo dos céus ou das rochas surgida.
Eram bichos ou homens; eram cães ou deuses;
coragem ou medo.
O chão de limo negro espelhava
e abria a palma da terra.
Os espíritos, gargalhando, dançavam nos galhos,
atrás das folhas.
O urucum cheirava e pintava a guerra.
Paus zuniam, maus, voando contra a invasão.
A terra, farta, queria e brilhava, ardia e cedia.
Os caminhos cresciam e, neles,
rastros de outras bandeiras,
sonhos e bravuras escreveram histórias.
As serras, sentadas largas,
sorriam da sorte dos serrados,
e os fortes estranhos sumiram
nas entranhas dos sertões
– vilões que se viram vilas.
Mas, os rios já não cheiram mais suor,
choram químicas, navegando veneno.
Cansou o chão de brilhar e brigar.
Nas mãos finas dançam os espíritos detrás dos papéis.
Os sertões abortam florestas endurecidas.
Depredam as pedras.
E botas remarcham para rebuscar nas trilhas
a vida e o verde perdidos.





LUCILENE MACHADO

Nasceu em Terra Rica (PR) e reside em Campo Grande. Professora universitária e escritora. Publicou: "Plântula", "O Gato Pernóstico", "Coisas de Mulher", "Fio de Saliva", "Claricianas" (em coautoria), "Biografia de Amores" e "Desertos e outras infinitudes". Ocupa a cadeira nº 36 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.



Simulacro e essência

Desculpe João, se abro o coração em praça pública. Quando me apaixono, o nível de burrice se eleva enormemente e a Inteligência se fragmenta em milhares de partículas. Claro que eu nunca fui dotada de uma inteligência privilegiada, meu pensamento nunca ultrapassou as teorias já existentes, tampouco eu soube fazer uso delas nas horas devidas. Escrevo porque sou refém das palavras, preciso delas para unir os destroços de inteligência, fragmentados em letras dispares, que extrapolam as margens do meu entendimento. Escrevo para saber o que penso e sinto, e para ser aquela que não consegui ser. Escrevo sobre a metade das coisas, a metade que me pertence, a metade que entendo. A outra metade talvez seja a que me explique, mas não forço a vida. Sou condescendente com o improvável. Difícil compreender? Para os carentes de fantasia este relato é inútil. O que vou escrever nada mais é que um recorte da realidade atravessada pelo sonho. A arte de fantasiar é a mesma para produzir milagres, é a mesma que veste as palavras de emoção para serem vendidas em paginas de livros. Às vezes são vendidos em tendas, aos quilos, pesados em balanças, a preços módicos. Frases sofisticadas ou rústicas que atam, como cordas, até os mais avisados. Aprendi cedo que seria difícil lidar com isso. Comecei

com certa precaução. Media as palavras, palmo a palmo, para ver até onde elas poderiam chegar. Minhas mãos engrossaram pelo trabalho de lapidação. Espichava os vocábulos, puxava as tardes pelas beiras, moldava os sons com o fim de criar laços sinestésicos que fossem indissolúveis. Aprendi a diferenciar estruturas, a separar palavras pelo tato, a ousar nas envergaduras, mas nada foi bastante para me proteger, para me poupar dessa engenhosa armadilha inerente à realidade.

Não sei se existe explicação lógica para justificar os atos sentimentais, mas eu sabia, eu juro que sabia que os arcos daquele sonho iriam ruir. Eu sonhava e falava, e a palavra ia ficando maior do que o sonho. E o sonho ia entrando na palavra, e a palavra ia roubando o sonho... Fiquei cativa da palavra impiedoso e do seu tom racional.

Eu sempre soube, João, que o meu amor era maior que o seu, e isso já era uma dor antecipada. A memória do futuro me oprimia. Cada vez que você não era meu. Cada vez que nos amávamos, mesmo com toda sincronia de corpos, a sensação de distância era abissal. Sua cautela para que a sensibilidade não fosse dominada pela inteligência me atingia como uma faca cega diretamente no coração. Sua paixão por Kant me causava ódio. Kant nunca conheceu o amor. E você queria ser ele. Eu também quis ser ele por várias vezes. Quis ser aquele livro velho de folhas amareladas cujas palavras construía os seus argumentos. Faria qualquer coisa para garantir a sua admiração enquanto você me impunha um silêncio devastador. Um silêncio severo, teórico. Por certo, queria me enfraquecer para que eu não sofresse tanto a dor da morte. Mas, não há paliativos para a morte, nem para os simulacros da morte. O amor já havia engolido tudo.



O menino de asas

Conheci o homem pássaro quando eu tinha nove anos. Foi por meio de um livro, não muito conhecido, que instigou todos os meus sentidos de menina que andava de pés no chão. Chamava-se O menino de asas. Foi o primeiro livro “sem figuras” que li. Um marco no histórico de leituras de uma criança. Aquela procissão de palavras desfilando lentamente em preto e branco pareceu-me entediante. Não recordei a primeira frase, recordo-me, todavia, do contorcionismo mental que desenvolvi para desvendá-la. Percebi, logo nas páginas iniciais, que as figuras existiam, mas eu é que deveria contorná-las. Estavam subliminares ao texto, presas a algum tipo de código oculto revelado a cada leitor por formas muito diferenciadas. Fui logo instituindo o meu jeito particular de ver. Um jeito só meu. Atrevidamente meu. Vi o infinito com cores muito diferentes das que ilustravam os livros habituais. O céu poderia ser cor-de-rosa, a terra azul... e o mar poderia engolir o sol quando ele encostasse sua barriga vermelha no horizonte. Claro que fui influenciada pelo protagonista do livro que me emprestou suas asas para que eu pudesse ver o mundo por um prisma muito superior. Li a obra inúmeras vezes. Aprendi a entrar pela boca escancarada da noite e contar estrelas com as pontas dos dedos. Meus sonhos ficaram mais perto de Deus com a ajuda de umas asas que sequer me pertenciam. Cresci, o menino também, transformou-se num homem cuja vocação primordial ainda é voar.

Sempre julguei que voar é um exercício de beleza pouco compreensível à maioria (como é qualquer espécie de beleza). Conhecer as rotas invisíveis, as linhas que cortam o céu com suas cores retorcidas é de uma concretude e de uma subjetividade surpreendentes. Tudo é surpreendente para quem tem asas. Os traçados, as cores, as formas. A verdade voando nas coreografias sagradas abençoadas pelo céu e a solidão dando espetáculos em nuances nunca vistas da terra.

O forasteiro voador necessitava de novas leituras para seguir alimentando sua ficção. O lado humano esguichava seu fastio imemorial.

Precisava produzir outros enredos nas páginas inquietas do livro.

Foi assim que em uma noite de meia idade o homem pássaro me reencontrou. Eu era uma linha sinuosa desprendida das demais. Um rio caudaloso cujas águas ele quis beber toda de uma vez. Um rio inteiro em sua boca cheia de línguas, cheia de sede, cheia de desejos. Eu pensava que aquela fúria já havia sido domesticada, a imaginação disciplinada e um romantismo manso seria a máxima condição que eu teria de administrar. Mas que nada, as forças primárias seguiam se compenetrando. Ar e água. Voltei a examinar cada centímetro de suas asas. Frente e verso. Ossos e juntas. Esticava o olhar aqui e ali, em vários ângulos, como uma criança que faz da vida uma ficção. A morte é só uma catarse. A vida seguia fazendo curvas embaixo do meu travesseiro com sua linguagem atrofiada, inteligível, perdendo-se na placidez do escuro. Pois no escuro não se pode tatear as palavras.

Devo dizer que, a mímica vermelha do coração abriu seu paraquedas de dor. A minha consciência nua de gente crescida disse que eu deveria saltar. Para que inventar sorrisos e estrelas? Foi apenas uma imprudência reler o livro empoeirado que traz em suas linhas o fardo pesado de dias e anos. A frustração apareceu carregada de insônia deitando seus olhos compridos sobre uma história que já estava resolvida. Não há nada seguro na literatura. Nem mesmo nos livros infantojuvenis.





MANOEL DE BARROS

Membro titular da Cadeira nº 1 da ASL. Nasceu em Cuiabá/MT, em 19/12/1916, e bem cedo foi viver em Corumbá/MS, e posteriormente Campo Grande/MS. Morou também em países do exterior. Reside em Campo Grande/MS. É poeta que pertence cronologicamente à geração de 45. Publicou seu primeiro livro em 1937 ("Poemas concebidos sem pecado"). Autor de dezenas de livros e diversas premiações, sua obra - aplaudida com sucesso - tem sido objeto de teses, ensaios, filmes, peças de teatro e vídeos.



Árvore

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de
sol, de céu, e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor
o azul.
E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida
no tronco das árvores só presta para poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as
árvores são vaidosas.
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se
transformara, envaidecia-se quando era nomeada para
o entardecer dos pássaros.
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos

brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas.



Retrato quase apagado em que se pode ver perfeitamente nada

I

Não tenho bens de acontecimentos.
O que não sei fazer desconto nas palavras.
Entesouro frases. Por exemplo:
- Imagens são palavras que nos faltaram.
- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.
- Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser.
Ai frases de pensar!
Pensar é uma pedreira. Estou sendo.
Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo)
Concluindo: há pessoas que se compõem de atos,
ruídos, retratos.
Outras de palavras.
Poetas e tontos se compõem com palavras.

II

Todos os caminhos - nenhum caminho
Muitos caminhos - nenhum caminho
Nenhum caminho - a maldição dos poetas.

III

Chove torto no vão das árvores.
Chove nos pássaros e nas pedras.
O rio ficou de pé e me olha pelos vidros.
Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados.
Crianças fugindo das águas
Se esconderam na casa.
Baratas passeiam nas formas de bolo...
A casa tem um dono em letras.
Agora ele está pensando -
no silêncio líquido
com que as águas escurecem as pedras...
Um tordo avisou que é março.

IV

Alfama é uma palavra escura e de olhos baixos.
Ela pode ser o germe de uma apagada existência.
Só trolhas e andarilhos poderão achá-la.
Palavras têm espessuras várias: vou-lhes ao nu, ao
fóssil, ao ouro que trazem da boca do chão.
Andei nas pedras negras de Alfama.
Errante e preso por uma fonte recôndita.
Sob aqueles sobrados sujos vi os arcanos com flor!

V

Escrever nem uma coisa Nem outra -
A fim de dizer todas
Ou, pelo menos, nenhuma.
Assim, ao poeta faz bem
Desexplicar -
Tanto quanto escurecer acende os vaga-lumes.

VI

No que o homem se torne coisal,
corrompem-se nele os veios comuns do entendimento.
Um subtexto se aloja.
Instala-se uma agramaticalidade quase insana,
que empoema o sentido das palavras.
Aflora uma linguagem de defloramentos,
um inauguração de falas
Coisa tão velha como andar a pé
Esses vareios do dizer.

VII

O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos
em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa luxúria com a liberdade convém.

VII

Nas Metamorfoses, em 240 fábulas,
Ovídio mostra seres humanos transformados
em pedras vegetais bichos coisas
Um novo estágio seria que os entes já transformados
falassem um dialeto coisal, larval,
pedral, etc.
Nasceria uma linguagem madruguenta,
adâmica, edênica, inaugural
- Que os poetas aprenderiam -

desde que voltassem às crianças que foram
às rãs que foram
às pedras que foram.
Para voltar à infância,
os poetas precisariam também
de reaprender a errar a língua.
Mas esse é um convite à ignorância?
A enfiar o idioma nos mosquitos?
Seria uma demência peregrina.

IX

Eu sou o medo da lucidez
Choveu na palavra onde eu estava.
Eu via a natureza como quem a veste.
Eu me fechava com espumas.
Formigas vesúvias dormiam por baixo de trampas.
Peguei umas ideias com as mãos - como a peixes.
Nem era muito que eu me arrumasse por versos.
Aquele arame do horizonte
Que separava o morro do céu estava rubro.
Um rengo estacionou entre duas frases.
Uma descor
Quase uma ilação do branco.
Tinha um palor atormentado a hora.
O pato dejetava liquidamente ali.







MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA



Nasceu em Mombaca (CE). Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural nas segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligado a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Seu livro mais recente é “Antologia de Textos da Literatura Sul-Mato-Grossense” (2013) em parceria com Albana Xavier Nogueira e Maria Adélia Menegazzo. Ocupa a cadeira nº 19 da ASL.

Encontro com Manoel de Barros

Os anos 1960, nublados em diversos aspectos, revelaram-se para mim ricos de descobertas enriquecedoras do ponto de vista profissional.

Foi a década dos festivais de música e teatro, das semanas culturais na Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras da FUCMAT, onde lecionei língua e literaturas de língua portuguesa para jovens, que se tornaram grandes amigos e parceiros de futuros trabalhos.

Ensinar era para mim o palco de sucessivas aventuras, as quais se desdobraram em lembranças, que conservo até hoje como relíquias guardadas com o carinho dedicado a joias que rebrilham com o correr dos anos.

Uma das mais queridas foi conhecer o poeta Manoel de Barros, a quem fui apresentada na casa de Carolina Leite de Barros, sua cunhada, que me sugeriu chamá-lo para participar de um encontro com os alunos do Curso de Letras, convite que o poeta com o jeito modesto e a fala mansa, que o caracterizam, educadamente recusou.

Alguns anos depois, ao entrevistá-lo para o livro *Memória da Arte*

em MS, foi logo dizendo-me que, como Clarice Lispector, “detestava conversar com máquinas”.

Assim, durante 15 dias, registrei a mão o longo depoimento de Manoel. Lembro-me que, em outra ocasião, conversamos longamente sobre as virtudes do conto “Cara de Bronze”, de Guimarães Rosa, que ele julgava ser uma das mais perfeitas obras do grande mineiro, seu amigo, com quem já se encontrara no Pantanal.

Antes de nos despedirmos, ofereceu-me seu livro “Poesias” com carinhosa dedicatória. O presente deu margem ao meu primeiro mergulho no mundo de sua poesia, ainda pouco conhecida na época, apesar dos prêmios conquistados. Abriram-se para mim as portas de um universo misterioso, em que sons e imagens me invadiam como se me encontrasse aspirando as belezas recém-criadas no começo do mundo.

Penso que isso acontece a quem possui o talento de transformar cada palavra em símbolo de eternidade, coisa rara em nosso planeta.

A Academia Sul-mato-grossense de Letras, dando nova ênfase aos chás, realizados na última quinta feira de cada mês, em parceria com a Associação Campo-grandense de Professores, determinou que a literatura brasileira seria a nota dominante das palestras.

Assim, no dia 24 de abril p.p., a Prof^a Maria Adélia Menegazzo discorreu sobre o tema “Manoel de Barros e o sentimento lírico”. Foi uma grande oportunidade de ouvir os segredos poéticos de Manoel de Barros por uma escritora que já publicou inúmeros trabalhos sobre o grande autor sul-mato-grossense, inclusive no livro “Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda”, premiado em nível regional e nacional pelo Instituto Nacional do Livro.

Recentemente, Manoel de Barros assumiu a titularidade da Cadeira nº 1 da Academia Sul-mato-grossense de Letras, fato que engrandeceu a nossa instituição. Manoel escreve para divertir-se e quando isso acontece o mundo fica mais alegre.



Flora Thomé, a mulher que transformou a poesia em projeto de vida

Dia 1º de abril, a cidade de Três Lagoas amanheceu envolvida em névoa de profunda tristeza.

Flora Egydio Thomé, a educadora que ensinou a inúmeras gerações não apenas a desvendar os mistérios da leitura e da escrita mas acima de tudo a sobreviver com dignidade e extrema coragem, num mundo de contradições e incertezas, partiu de repente deixando-nos com os olhos na escuridão, privados dos raios de sol, que acendeu em nossas almas.

Nascida em Três Lagoas, em 14 de novembro de 1930, passou a longa existência na mesma casa da Rua Bruno Garcia 146, onde a entrevistei para o livro “A Literatura Sul-mato-grossense na ótica de seus construtores”, que Albana Xavier Nogueira e eu organizamos para valorizar e tornar conhecidos nossos escritores.

Extremamente culta, generosa, fiel aos amigos e à família, durante 42 anos lecionou língua portuguesa, tanto nas escolas como na Universidade.

Depois que se aposentou, encontrou na literatura e na música a razão de viver.

Não conseguia passar um dia sem ler, escrever ou provar o elixir das composições brasileiras de sua predileção.

Nas diversas vezes em que estive em Três Lagoas para lançamento de livros, lia-se no riso, no olhar de Flora, o entusiasmo de poder contribuir até com as despesas dos eventos.

A paixão pelo magistério ela traduziu em ritmo de poesia:

“Uma escola passou pela minha vida / E por vontade pedi carona / Virei giz, quadro-negro e apagador, / virei lição, virei aula”.

Seu primeiro livro foi Cirrus, depois do qual registrou as produções dos poetas do Estado em Antologia Dimensional dos poetas três-lagoenses, que recebeu apoio da Universidade, pelo caráter pioneiro.

Em *Canção Desnuda* tratou a poesia como parte viva da sociedade na qual pessoas de posses coabitam ao lado de serviçais, que ajudam na criação dos filhos e tornam-se amigos da família. Pensando na frase: “pinta tua aldeia e encontrarás o universo”, produziu *Retratos* (resgate lírico de momentos), no qual a memória afetiva da poeta faz o milagre de trazer de volta o passado com seu arco-íris de emoções.

A poesia de Flora é o reino da entrega, o que a torna parceira das inquietações e angústias de uma memória pessoal e coletiva. A consciência do nada (“o nada-eco do próprio tempo amplia a certeza da fragilidade da condição humana”), definida em metáforas e metonímias, que ferem a pele da sensibilidade do leitor e dão toque de beleza plástica aos poemas.

Nas *Águas do Tempo*: haicais, seu último livro, capta a transitoriedade do momento em versos curtos e concisos qual pintor impressionista capaz de fazer a sombra confundir-se com o verde da floresta e o sol apropriar-se do negrume da alma.

Sua obra foi objeto de teses e estudos que não lhe afetaram a modestia – um de seus traços distintivos. Quando a elogiavam costumava repetir: “Sou mais professora que poeta e escritora... Só os leitores podem opinar sobre minha competência como poeta.”

Durante longos anos fez parte do Conselho Estadual de Cultura, cujas opiniões davam força às decisões sobre os caminhos da cultura sul-mato-grossense.

Era com muita alegria que vinha de Três Lagoas a Campo Grande participar das reuniões da Academia, onde ocupava a cadeira 33.

Recordo-me da felicidade com que a conduzi no dia da posse, fazendo-lhe a saudação introdutória.

Flora Thomé, filha de libaneses, tinha orgulho da família de sete irmãos ligados por sentimentos de sinceridade, compreensão e respeito. Ao falar da mãe, guerreira que ficou viúva muito cedo, enfatizava ter sido educada na consciência da família como chão e sustentáculo.

Mato Grosso do Sul ficou mais pobre com o desaparecimento súbito dessa mulher de muitos talentos, fala mansa, sorriso repleto

de generosidade, cuja lembrança vive dentro de nós a indicar-nos os caminhos da tolerância, do amor ao próximo, da total dedicação às artes sem nada exigir em troca a não ser a satisfação interior.

Dentro de nós e no seio da literatura de MS, Flora Thomé continua a existir na força do exemplo e da saudade.



Como explicar Machado de Assis

Para descer ao conhecimento de um autor, nada melhor do que viajar por suas obras.

Machado de Assis está tão presente em seus livros como Van Gogh nos trigaís cintilantes, Bach nos acordes matematicamente construídos de suas sinfonias. Machado é Brás Cubas, viajando pela noite dos séculos, Rubião desesperado à procura de solução para o enigma da existência, Prima Justina com olhos que apalpam, cheiram e auscultam as tragédias alheias. Joaquim Maria Machado de Assis é a soma de todos os personagens, com uma vantagem sobre eles: a consciência do que fala, pensa e age.

Só um indivíduo dotado de tão perfeita lucidez, conhecedor dos homens e de seu intranquilo permanecer na face do mundo, poderia ter composto uma obra que disseca a ópera bufa a que chamamos vida. Cada romance, cada conto mergulha no fundo lodoso do ódio, da inveja, do ressentimento, tentando reunir os pedaços da unidade desintegrada, para justificar nossa passagem por um mundo sem nenhuma coerência.

Irônico, contempla os homens, digladiando-se por um campo de batatas, sorri das eternas promessas dos namorados, certo de que não resistirão ao tempo, esse devorador implacável de ilusões, para quem conta apenas o minuto que vem. Talvez por isso, sinta prazer em mostrar o que os anos fizeram a mulheres bonitas como Marcela na qual Brás Cubas observa surpreso o rosto devastado pelas bexigas.

O mesmo Brás Cubas encontra o mimado colega de infância, Quincas Borba, mal vestido e com a “barba pintada de branco”. Em cada uma das personagens, persiste o dínamo propulsor das ações que lhes deram a força de permanecerem vivas.

Os olhos de Marcela conservam o brilho da avareza, da ambição, do tempo em que era jovem bela e dominadora. Brás Cubas é o mesmo menino vaidoso, que gostava de sair nas procissões vestido de rei e na idade madura pensa tornar-se célebre, por meio da formulação de uma teoria sobre o comportamento humano: o humanismo.

Descobri, com meu neto Gabriel, que estuda literatura brasileira no ensino médio, que Machado de Assis, graças ao vestibular, continua tão divulgado como antigamente. O mais lido e discutido de seus romances é Dom Casmurro, conhecido através do cinema, da TV, da música e das histórias em quadrinho. No entanto, o mais bem construído dos romances de Machado foi lido por pouquíssimos alunos. A organização dos acontecimentos, o desenho das personagens, enquadram-se em plano predeterminado, sem elementos escassos ou supérfluos que escapam à atenção dos leitores cujo conhecimento da história não vai além da superfície.

Lembro-me da primeira vez em que percorri a história de Bentinho, desde a viagem de trem em que um poeta de maus versos o denominou Dom Casmurro. Vivi intensamente seu romance com Capitu a amiga de infância, mais tarde sua mulher, que o “traiu” com Escobar também seu primeiro e seu melhor amigo.

A narrativa em primeira pessoa, caminha ao sabor das recordações de Bentinho, homem dominado pela imaginação e por impulsos repentinos, o que leva o leitor a duvidar de muitas de suas afirmações, ainda mais se considerarmos a distância temporal dos fatos. Obcecado pelas lembranças do passado, tentou reunir a adolescência à velhice, mandando reconstruir a velha casa de Matacavalos, onde viveu o melhor de seus dias. Dom Casmurro projeta-nos num mundo de indagações, a maioria sem resposta. Afinal o que pretende o livro é descobrir as razões da existência.

Aconselho alunos e professores a percorrerem as surpresas de uma história que até hoje é motivo de polêmica. Millor Fernandes era um dos que acreditava firmemente na narrativa de Bentinho. Para ele a verdade transpirava das palavras de Bentinho com quem se solidarizou. Machado eternizou Bentinho e Capitu.



Madame Bovary, o livro que abalou estruturas sociais

Na França de 1857, país que abriu os olhos do mundo para o sentido da liberdade, da igualdade e da fraternidade, um autor e seu editor foram condenados por causa de um livro que, segundo as autoridades judiciais da época, feria os princípios da família, da religião e dos bons costumes. Autor e editor foram liberados, o que transformou o livro numa das obras mais procuradas, lidas e comentadas de todos os tempos.

De que trata Madame Bovary, esse romance capaz de abalar estruturas morais e sociais, no qual o autor teve a audácia de abordar assuntos que naquela época eram proibidos de serem comentados e muito menos divulgados em romances?

Seu autor, Gustave Flaubert, levou mais de 53 meses a escrevê-lo, preocupado em documentar o comportamento das personagens. De tal modo experimentou em si mesmo as sensações de Ema Bovary, que chegou a definir-se como alter ego da heroína.

O enredo gira em torno de Ema Bovary, jovem sonhadora, criada numa aldeia francesa, onde sua única distração eram os livros de aventuras amorosas, em que a realização da mulher consistia em aguardar a aparição de um cavaleiro montado num cavalo branco que a arrebataria para o reino da felicidade. Na falta desse personagem, aceita casar-se com Charles Bovary, médico medíocre, que detestava e humilhava.

Sempre em busca de ilusões, entrega-se ao adultério, descuida-se da única filha, torna-se vítima das próprias ilusões. Depois de contrair dívidas, que não sabia como pagar, termina por suicidar-se.

O que parece uma novela barata é ao contrário estudo dos mais profundos do comportamento de uma péssima esposa e mãe, vítima do egoísmo que a tornava desprezada nos círculos sociais em que vivia.

O livro, objeto de censura no seu tempo, na verdade é um tratado moral contra o romantismo, que alienava as mulheres, impedindo-as de realizarem os próprios desejos.

Dia 21 do corrente, a Aliança Francesa, projetou em seu auditório o filme *Ema Bovary*, dirigido por Claude Chabrol o qual foi precedido de comentário e debate ao lado do livro.

Apesar de terem linguagens diferentes, o filme traduz as tramas do livro. A cena final, em que Ema desesperada por não conseguir pagar as dívidas, mantém o espectador preso ao drama de uma mulher sem rumo, que ingere arsênico para fugir à vergonha. Entre dores atrozes, Ema sentia apenas a intermitente lamentação doce e indistinta de seu pobre coração, como o último eco de uma sinfonia que ao longe se afastava.

Nenhum dos amantes teve a generosidade de socorrê-la. Um deles, apesar de imensamente rico, alegou não dispor dos oito mil francos necessários.

Ao sentir-se tomada pelo desespero, Ema negligencia totalmente as obrigações de esposa e mãe. Charles Bovary, ao descobrir as traições da mulher, arrasta inconsolável existência e morre, por sua vez, após tê-la perdoado.

A arte tem dessas surpresas. Quem hoje condenaria Ema Bovary? Quem censuraria Gustave Flaubert? Quem não compreenderia Charles Bovary? Mudaram os tempos, mudaram os critérios da moral.

Só a arte permanece fiel aos ditames que a definem como luz da humanidade, dando-nos confiança e coragem em tempos de tormenta. A arte precisa iluminar a vida, já dizia Oswald de Andrade.

Livro e filme funcionam como atestado da força da arte, que atravessa séculos para dar sentido à vida neste nosso planeta.

Rubenio Marcelo, Velejador de Sonhos

O que é a poesia? De onde o poeta retira a força que lhe permite debruçar-se sobre o mundo para transformar e reinventar a realidade? Quem é esse estranho criador, que caminha em direção oposta à lógica, cultiva estranhos sons, valendo-se apenas da própria força interior para atingir o cerne da vida, definir estratégias, que o levam ao mais distante dos caminhos, convertendo o tempo em matéria de sonhos, que sustentam as razões do viver?

Faço estas considerações, enquanto releio “Veleiros da Essência”, o livro mais recente de Rubenio Marcelo, que, desde a capa, atraiu-me pelo jogo de cores e a proposta estética de comparação da poesia com um barco carregado de ilusões, que vai corajosamente singrando os mares carregando “no ventre nu da memória”, “por entre verdes aragens” – um timoneiro de olhar seguro.

Sem medo, ele ganha o mundo, sem perder a obsessão de fazer das palavras a razão maior de permanência num planeta, que perdeu a direção.

O leitor sente-se parte da atmosfera teatral dessa obra na qual passa a figurar como um dos atores, encantado pelas invenções que, a cada momento, surgem diante de seus olhos em resposta à beleza, que permeia as infinitas criações, traços distintivos do autor.

Se nas obras anteriores Rubenio Marcelo definiu-se como exímio conhecedor das formas clássicas da poesia universal, neste último faz da modernidade o signo indicador de uma criatividade, que se renova a cada linha.

Jogos de palavras (sol da resistência / da existência), metáforas surpreendentes “enovelando os flocos da solidão”, “sou semente natural de capim urbano”; metalinguagens: “sou floema avatar/sou semente do meu sonho a viajar”, apreço pela poesia concreta, pelo jogo de oposições: “Não quero o frisson carmim dos shoppings centers; títulos invertidos, como no poema espelho: “ah esse espelho reflete cada traço/ cada gesto/ cada cor...”

Caminha, valendo-se apenas da luz interior, da própria força para construir o caminho. Para ele, o tempo é matéria de construção de sonhos, de diálogo com as palavras.

Segundo Mário Quintana, “o verso é a loucura cantando sozinho, o assunto o carinho inventado pelo autor, que fez da poesia uma escolha de vida”.

Escrever é para Rubenio Marcelo uma sina, a certeza que o guia por entre tentações, certo de que a felicidade é brinquedo com as palavras, recriação de novos jogos e nada mais. Ousado, alma aberta à reinvenção da realidade, nunca quis outra coisa senão debruçar-se sobre os problemas da existência para transformar o efêmero em eterno.

Com os olhos voltados para o infinito, vai a cada minuto reavivando o fogo do poder criativo, certo de que para ele todo o resto é fogo de palha, na consciência de que poesia é processo dos mais exaustivos de uma construção que prevê luta renhida e permanente com as palavras para atingir o ponto desejado da perfeição em que o elemento surpresa precisa estar presente como estrela a cintilar na escuridão da noite.

Discípulo de João Cabral de Melo Neto, sente a poesia como uma ave que vai a cada segundo conquistando o voo.

Viajante de longos e estranhos mares, Rubenio percorre horizontes infinitos entre códigos, gaivotas e plenilúnios para fecundar correntes e levar-nos à paz das alvíssimas florações dos portos longínquos.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras viaja no veleiro da felicidade, neste dia de grande vitória das letras em que, como Drummond, seguimos o poeta que carrega algo indescritível, que nos ajuda a retomar a essência da adolescência luminosa.

Florescemos infinitamente e navegamos com Rubenio Marcelo buscando a essência nas asas da poesia.





Marisa Serrano



É formada em Letras e em Pedagogia. Foi Secretária de Educação de MS, Delegada do MEC-MS; Presidente da OMEP/MS; Diretora-Presidente do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Sócio Educacional-MS. É autora de duas coleções de livros didáticos: Novos Rumos em Comunicação (ed. do Brasil) e Comunicação em Língua Portuguesa (ed. Ática). Foi Vereadora de Campo Grande, Deputada Federal, Vice-Prefeita de Campo Grande e Senadora da República por MS (2007-14). É Conselheira do Tribunal de Contas do Estado de MS. Ocupa a cadeira 30 da ASL.

Discurso de Posse de Marisa Serrano na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

A linha do tempo, sinuosa e inexorável, nos trouxe até aqui. O reconhecimento por uma vida de trabalho e dedicação não bastaria somente para a escolha que esta Academia fez. Esta é uma Casa para guardar fragmentos da história, sentimentos transbordantes, olhares atentos, criações, talentos, mas também para abrigar os que contribuíram para a manifestação de tantos saberes. Acredito que esse tenha sido o toque que transformou uma sugestão em realidade.

Caberá a mim a Cadeira n.º 30, cujo Patrono é o jurista pernambucano, Otávio Cunha Cavalcanti, jornalista e poeta, que em Mato Grosso criou duradouros laços afetivos e recebeu a inspiração para muitas de suas poesias.

Quis o destino, que essa Cadeira no nosso Estado Mãe, tenha, além do próprio Otávio Cavalcanti, a figura de Francisco Leal de Queiroz, ex-Presidente desta Casa, que hoje me acolhe em nome desta Academia,

a quem eu agradeço as palavras generosas.

Agradeço também aos acadêmicos, agora meus confrades, a minha escolha. Um misto de orgulho e surpresa ver meu nome e a trajetória de minha vida inscritas nesta Casa. Não cheguei aqui sozinha. Trago nas veias a determinação e a coragem de desbravadores. Avós que saíram do Rio Grande do Sul, em carro de boi, para ajudar a construir este Estado e de um pai que atravessou o Atlântico, vindo de Portugal, cheio de sonhos e esperança. Mas também fui construída pelo exemplo, pela amizade e ajuda de tantas pessoas que vocês hoje aqui representam.

Essa sou eu. Fronteiriça como tantos, nascida às margens do Apa, amante das letras, da música, da cultura enfim!

Ocupar a Cadeira nº 30 confirma a tessitura do destino. Antes de mim, um homem, forjado no balaio de culturas que se misturam, no encontro de paraguaios, índios, gaúchos, campeiros, crioulos e ervateiros, marcou com ferro em brasa seu nome nesta Casa.

Ao tomar posse na Academia Mato-Grossense de Letras e depois nesta Academia, Hélio Serejo se definiu assim "Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento (...) Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos "barbaquás", do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do por-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distancias perdidas."

Nascer na fronteira é ser portador de uma simbologia incomparável. É ter, como Serejo, uma singularidade cultural que ajudou na formação da identidade Sul-Mato-Grossense, miscigenada, híbrida e multi-étnica. É conviver e transformar, as angústias e as dificuldades de uma vida árdua, de integração constante, de escassas oportunidades profissionais e às vezes, possuir um sentimento de abandono e desamparo. Mas na fronteira, aprendemos a ter orgulho de nossa terra, de defendê-la sempre e continuar lutando e honrando nossos antepassados, nossas tradições e costumes.

Como Serejo "Os ventos do destino - maus e bons - levaram-me a pagos diferentes. Os meus pés dilacerados trilharam muitos caminhos."

Construir o caminho, escolhendo as veredas que acreditamos mais tranquilas, nem sempre é a garantia de sucesso. Mas eu tenho que confessar, na minha caminhada, como na de Drummond, havia pedras no meio do caminho, algumas que julguei intransponíveis, mas a convergência de oportunidade com trabalho e tenacidade garantiram a passagem e consolidaram o futuro.

Muito jovem, fiz uma escolha. Fui em busca do conhecimento para fortalecer o espírito e adquirir ferramentas que me ajudassem a crescer, fazendo também com que outros crescessem junto. Encontrei na Educação a razão de luta e a convicção da esperança.

Alimentei o sonho de acompanhar o desenvolvimento das crianças, desde os primeiros passos. Fortalecer o locus escolar, garantindo o direito ao respeito, à autonomia e ao saber.

Também nessa trajetória, a estrada foi pavimentada por aqueles que me instigaram a conhecer o pensamento de grandes escritores, a me sensibilizar com o belo, a respeitar a história e a cultura de tantos povos, a aceitar as diferenças.

Devo muito aos professores e amigos do Auxiliadora, do querido Estadual Campo-Grandense e da Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras.

Embora sem as paredes cheias de garatujas, das conversas e risadas, das descobertas fantásticas, outra escola, um pouco mais difícil, me deu régua e compasso! E eu aproveitei para olhar a minha escolha de juventude com um olhar mais crítico, procurando ver na criança amazônica a mesma dos pampas e daquela que eu fui um dia. O Estado virou o meu País e conhecê-lo passou a significar compromisso e responsabilidade de agir.

Vivemos dias nublados! Há quebra de valores que supúnhamos estratificados, as fronteiras não são mais regionais, são globais, as transformações tecnológicas acontecem como um raio. Nosso país não tem como ficar alheio a tudo isso, passamos de subdesenvolvidos para

uma Nação em desenvolvimento. O que isso significa? Mais oportunidade de trabalho, de melhoria de renda, de inclusão social e cultural? Menos impunidade e mais segurança?

Assim, com o pensamento atemporal e contemporâneo, seguimos construindo novos caminhos na interação com o outro, formando nossa individualidade.

E tantas mãos e tantos rostos me acompanharam, ofereceram-me confiança e solidariedade, enfim, entreabriram portas por onde vislumbrei luz.

Na minha vivência e em todas as experiências compartilhadas, um liame sólido garantiu a tranquilidade, a paz interior e a certeza do caminho a seguir. Procurar sempre a verdade, fundamentá-la na ética e no bem comum, ser coerente!

Ter fé em Deus e acreditar no ser humano e no seu desejo de ser feliz.

Afinal, todos nós estamos de passagem e nesta Casa, reunindo a sensibilidade e o conhecimento de tantos luminares, poderemos contribuir efetivamente não só na guarda da memória de tantos acontecimentos, mas principalmente na construção de pontes e escadas ligando as pessoas que fazem essa história.

Discurso proferido em 12/12/2013.





PAULO NOLASCO



Nasceu em Dourados (MS), em 1958. Formado em Letras pela UFMS, é Mestre em Teoria da Literatura pela UnB e Doutor em Literatura Comparada pela UFMG. Atualmente é diretor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD. Publicou: Ensaios farpados: Arte e Cultura no Pantanal e no Cerrado, O Outdoor Invísivel: Crítica Reunida, Divergências e Convergências em Literatura Comparada, entre outros. Ocupa a cadeira nº 20 da ASL.

Dourados, terra d'O Progresso

Estou lendo o Jornal O Progresso, na sua Edição Número 1, de 21 de abril de 1951. Com atenção e reverência leio o texto de autoria do escritor/cronista A.C., uma crônica que se intitula “Crônica das Ruas”. Que sentimento singular é o de revisitar a nossa cidade de Dourados num tempo já longínquo: 51 anos de história; 51 anos de vida que testemunhou intensos acontecimentos envolvendo a história de vida de tanta gente, 51 anos do jornal O Progresso, que produziu um amplo acervo de fontes primárias sobre a gente que fez história neste canto do Brasil meridional. A crônica é, por excelência, um gênero devotado ao registro do cotidiano, não são poucos os cronistas que, atuando diretamente sobre os eventos, ajudaram na construção da história, da memória dos povos; neste caso, tanto o jornal propriamente dito como a crônica sobrepõem-se em importância pelo acesso direto e vivo que têm sobre os fatos que envolvem uma comunidade quotidianamente. A leitura dessa crônica de A.C., “Crônica das Ruas”, faz-me refletir hoje sobre o excelso lugar que jornal O Progresso ocupa na região sul-

-mato-grossense, em nossa Dourados de modo particular. Essa crônica bem merecia ser reproduzida na sua íntegra, uma vez que sua lavratura constitui documento e testemunho em duplo aspecto: primeiro por referir o mapa das ruas de Dourados, fazendo derivar das ruas os nomes de pioneiros e cidadãos insígnies que aqui viveram e ajudaram a construir a cidade monumental que conhecemos hoje em dia, em segundo lugar pela própria escrita, arcaizante, testemunha da evolução da língua que acompanha a evolução das comunidades e da sociedade. Documento ímpar para o professor que ensina e demonstra as transformações da língua, seu caráter diacrônico, espelho da historicidade dos povos. Dois aspectos mereceriam especial destaque no texto em análise: a alusão a nomes de ruas que foram sendo substituídos neste intervalo de 51 anos, espaços geográficos que foram sendo remodelados, e a evocação de uma memória que sobrepaira no espaço da cidade, urbi et orbi. Dourados, que numa de suas praças abrigava um busto em homenagem ao colono, ilustre desconhecido que alicerçou nossa história agro-pastoril, principalmente quando assistimos hoje à revolução da soja, notadamente a partir da década de 70, advento das profundas transformações presentes no meio social de Dourados. No silêncio de suas praças, novas ou remodeladas, a memória de Dourados quer me lembrar que aqui já houve uma fonte luminosa cercada de anjinhos e efefantes que em nossa infância representavam em seus jatos d'água o acalanto de menino que espera, que nutre esperanças em sua terra e na gente guaicuru. Ah! As brincadeiras nesse parquinho que dava para o Grande Hotel; o Patronato de Menores, bem ali em frente, copiar a tarefa, apagar o quadro de giz e limpar a sala... O dia das mães, grande festa comemorativa no Clube Social. Bem ali próximo, dobrando a esquina revejo A Decoradora, com seus santinhos, os decalques para os trabalhos escolares, os bibelôs e as miudezas em geral... Lembranças são assim como colchas de retalhos, quanto mais antigas, menos coradas, mais belas e agudas; têm o olor sagrado dos baús e doces escondidos. E

o Cine Ouro Verde, o primeiro filme que assistimos na infância, depois na adolescência... Foi-se o Ouro Verde para fazer desabrochar o Ouro Branco, promessa de resistência às intempéries. Deveria ser assim; um álbum sobre os 51 anos do Jornal O Progresso seria um autêntico álbum de retratos da vida douradense, principalmente no seu aspecto físico, dos seus espaços da memória que, como uma câmara em zoom nos fizesse rever, ainda uma vez, o colégio estadual com sua rica história de centro educacional que formou gerações de cidadãos e homens ilustres que hoje representam nossa cidade. Como se vê, a história de uma cidade, da nossa Dourados, encontra-se amalgamada com os fatos, como os textos escritos sobre ela, assim como cimento e cal na construção de um edifício. Não teria sido à toa que um importante volume que se intitula “Memória de Dourados” elegeu justamente suas ruas, edifícios e logradouros públicos como registro da rica ciranda do tempo (Gressler, Lori. “Memória de Dourados”. 1996)



Manoel de Barros, “Poesia, quase tudo”

Dia desses eu conversava com uma amiga jornalista, em Brasília, quando me ocorreu citar os versos “Um rio esticado de aves o acompanha” e “O escuro encosta neles para ter vaga-lumes”, ao que ela me fez estacar, olhando-me de soslaio: de pronto disse-lhe que eram versos do autor da mais recente grande voz da poesia brasileira, assim, meio sem pensar nos outros que também admiro. E fui logo lhe advertindo que não se enganasse porque não estava me referindo a nenhum pantaneiro, não... É um mato-grossense, do Pantanal, que foi buscar no **carrefour** “Europa, França e Bahia” o genuíno material de sua

poesia - e, então, citei outros dois versos querendo com eles oferecer um halo de luz sobre Manoel de Barros: “Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina. / No osso da fala dos loucos há lírios”. Assim, tentei passar para a amiga o resto dos “Passos para a transfiguração”, e ela, amiga e admiradora do saudoso Leminski e de Haroldo de Campos, agradeceu-me pela alegria da descoberta daquela hora.

É que acaba de ser publicada a primeira edição da obra completa do poeta Manoel de Barros: Gramática expositiva do chão (Poesia quase toda), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

E eu me lembro, agora, lendo na obra completa de Manoel de Barros, de duas outras amigas, também professoras em Campo Grande: Glorinha Sá Rosa que me homenageou, em 1988, com o Livro de pré-coisas, já incluído na obra completa, quando tive o primeiro contato com o mundo do poeta, mundo semovente do poema “Agroval”. A outra, que encontrei no Aeroporto, também embarcava para Belo Horizonte, estampava sua perplexidade diante de tantos outros versos de Manoel de Barros: “Paulo, como é que se ensina, como é que se explica um verso como este - “Com cem anos de escória uma lata aprende a rezar?”.

Sabemos de que estofos são feitas essas conversas “itinerantes”: nos pusemos a falar de Literatura, de teoria literária, e eu com a cabeça cheia de ideias para minha tese - o real, o palpável e concreto, pois, naquele momento essas ideias eram minha maneira de também ser poeta, parasita, mas poeta.

Agora, estou admirando o estofos autêntico da poesia de Manoel de Barros, e compartilhando da sensação de estar hipnotizado pela vida, sobre a qual Manoel de Barros age/reage esporeando os flancos da linguagem, levando-a a espumar do galope. Vida e poesia que se confundem - “Nossa realidade são apenas pedaços costurados”, como diz Montaigne. E Shakespeare: “Somos feitos da matéria dos sonhos”. Daí, o olhar de soslaio - desconfiado, pantaneiro? - de Manoel de Barros, cuja linguagem que conhece é a de um feixe de imagens fraturadas, batidas

pelo sol, pelas ondas. Que parece dizer como o autor de A terra estéril: “Com fragmentos tais foi eu escorei minhas ruínas”.

Ah! Nem falei do filme consagrado, “Caramujo-flor”, do douradense Joel Pizzini, com quem tive o prazer de falar, de passada, na Rodoviária de Dourados.



Marcel Proust: a literatura como orgia perpétua

Férias. Por várias razões não gostamos que este período seja mera continuação do que fazemos no resto do ano. Por isso nos obrigamos a buscar alternativas diferenciadoras da mesmice, da rotina e da repetição do ano todo. Dentre as soluções mais comuns estão viajar, breve retiro no campo, aventurar-se pelas praias, ler um livro novo, cuja leitura não coube nas mil e uma atividades do ano, ainda quando a nossa atividade principal esteja ligada aos livros, à comunicação, à leitura, ao ensino, à troca e à produção de conhecimento. Para quem já viveu o estresse anual, potencializado pelas catástrofes de toda sorte, inclusive o mal-estar do cenário econômico em nível planetário, agravado pela política e manchetes de corrupção no próprio país, uma boa alternativa parece ser a escolha de alguns livros e a fuga com eles para um retiro no campo; o que lembra aquela belíssima canção de Elis Regina! Foi isso que eu fiz – voltei satisfeito e revigorado, pois o mar não estava pra peixe. Quem foi à praia não encontrou o sol tão desejado, mas enchentes inclusive de gente, escarpas caindo, mil acidentes e péssimas rodoviárias, voos cancelados e atrasos nas partidas e até greve de aeroviários. Apesar da Lei da Felicidade, é difícil ser feliz assim..., por aqui..., desse jeito... Dediquei-me em especial à leitura de dois livros

biográficos, um novíssimo sobre Virginia Woolf e outro também novo sobre Marcel Proust, *“Como Proust pode mudar sua vida”*, título do filósofo Alain de Botton, sucesso mundial, que de tão bom causa até um mal-estar, uma leitura tão instrutiva que até chega a valer como autoajuda, principalmente para quem não leu pelo menos *“No caminho de Swann”*, um dos sete volumes de *“Em busca do tempo perdido”*, memorável obra proustiana do modernismo. Dentre a riqueza de “lições” do livro de Botton, ressalto a erosão dos clichês, frases feitas, que não só Proust, mas toda grande Literatura tem o poder de escrutinar revelando as “idiotices” cometidas contra a língua e as formas de “pensamento viciado”: “Os clichês são prejudiciais na medida em que nos inspiram a acreditar que descrevem adequadamente uma situação quando estão apenas arranhando sua superfície. E, se isso tem alguma importância, é porque nossa maneira de falar está, em última instância, ligada ao nosso modo de sentir, a maneira como ‘descrevemos’ o mundo deve, em algum nível, refletir o modo como o ‘vivemos’.” (p.118)

Daí podemos extrair duas consequências desastrosas, tanto para o que lemos quanto para o que ouvimos no cotidiano: o erro no emprego da língua portuguesa, ainda mais agravado quando o próprio Estado sinaliza erradamente os nomes de rodovias, com placas que deveriam grafar “Ithaum” em vez de Itaum e tantos outros – custa consultar um manual ou os Mestres em Língua, antes da tarefa do mestre em obras, este que de língua-representação-pensamento não é de seu ofício entender? Não, para horror e escárnio dos alfabetizados, que passam por ali todo dia, muito dinheiro público resulta desperdiçado; de outro lado, ouvimos pessoas falarem, tentando se expressarem, como próprios idiotas nativos, lembrando-me o “cidadão” que, da mesa do restaurante, gritava ao celular dizendo que “tinha acabado de pôr pra dentro”, quando, na realidade, o cidadão queria dizer que tinha terminado seu almoço. E por aí vai... Claro que a forma como indivíduos e cidadãos utilizam a própria língua está em estrita relação

e “reflete em última instância” o modo como vêm e como agem sobre a vida, sobre os seus atos e atitudes numa ordem de espaço público, politizado, da “pólis” civil(izada). Enfim, isso tudo nos leva a reconhecer que, hoje em dia, a impostura não é mais fruto da pura “ignorância”, ou seja, de nascença, a qual compreendemos e frequentemente até reconhecemos algum colorido de cultura e educação nela entranhado. Trata-se de “ignorância” fruto do “besteirol” de cada dia, dos “*reality show*” e “bate papos” que alimentam indivíduos aparvalhados, muitos dos quais, até em nível superior, ignoram o fato de que “uma coisa é uma coisa e outra é outra”, o mar emaranhado e a devassa de lama que chegam aos nossos olhos e ouvidos não servem em nada para a redação de uma petição nem tampouco para a escrita de um trabalho acadêmico, que exigem domínio da “língua” longe dos clichês e que a própria interpretação da realidade, inclusive do cenário político, da queda de braços entre poderes que não aceitam ser “discutidos” nem mostrar “suas caras” tão enlameadas como a dos bichos que chafurdam na hora do banho. Dentre esses, o ano de 2012 iniciou com uma produtiva discussão, um dos poderes da República, o Conselho Nacional de Justiça, finalmente, ergue o véu de Tanit na tentativa de mostrar que inclusive o Rei está nu...







RAQUEL NAVEIRA



Raquel Naveira é escritora, professora, formada em Direito e em Letras, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Mackenzie/SP, membro do PEN Clube do Brasil e diretora cultural da UBE/SP. Escreveu, entre outros, os livros de poemas Abadia e Casa de Tecla, além de livros de ensaios e crônicas como Literatura e Drogas - e outros ensaios e Caminhos de Bicicleta. Lançou recentemente os livros "Sangue Português" e "Álbuns de Lusitânia". Ocupa a cadeira 8 da ASL.

As artes plásticas na poesia de Raquel Naveira

Nave Arte: Poemas de Raquel Naveira dialogam com quadros da pintura universal:

Guernica, de Picasso

Guernica

Guernica é obra tríptica:/Centro,/Dois painéis laterais,/Quase retábulo de vitrais.//

Guernica,/Exibição pública/Da guerra,/Da força cega,/Da calamidade e da dor universais.//

Guernica/Empapada no sangue/Que brotou das botas e das bicas/Dos generais.//

Aqui o touro selvagem/Recua,/Abana a cauda,/Prepara o próximo movimento/Em direção à malha vermelha/Atirada por canibais.//

Uma criança morta/Pende dos braços da mãe/Que grita/Com sua língua de vidro,/Furacão que aniquila/Cóleras abissais.//

Rolam cabeças decepadas,/Braços segurando espadas quebradas/

Em embates infernais.//

Um cavalo/É o povo/Solto pelo pasto, /No sol a pino,/Agonizando em funerais.//

Há uma flor nascida/Tão simples,/Tão delicada/Em meio ao horror/E alguém de mãos erguidas/Querendo deter as bombas/Que caem do céu/Como estranhos vegetais.//

Em Guernica,/Na manhã seguinte,/As casas jaziam/Cobertas de cinza,/Inabitadas,/Forradas de restos mortais.//

O enterro do Conde de Orgaz, de El Greco

O enterro do conde de Orgaz

No enterro do Conde de Orgaz,/Guerreiro de valor,/Cavaleiro espanhol,/Estavam os nobres/De roupas negras,/Golas brancas/E o clero/Com paramentos dourados;/Havia lanças,/Escudos,/Archotes,/Uma cruz de prata/E um monge de capuz.//

Quem ouviu de repente,/Na abóbada do castelo,/A música celeste?/ Coral de anjos,/Santos e profetas?/O tilintar das chaves na mão de São Pedro,/Os murmúrios carinhosos da Virgem,/A voz jubilosa do Cristo?//

No enterro do Conde de Orgaz,/O Céu/Quase tocou a Terra,/É sempre assim/Quando a vida de um justo se desfaz.

Sansão e Dalila, de Rubens

Sansão e Dalila

Dalila reclinou-se sobre o divã,/Entre sedas e cetins,/O vestido de veludo vermelho rasgou-se,/Os seios volumosos, /Maças douradas,/Brilharam no escuro,/Sansão tocou-os como se fossem lâmpadas:/No

alto,/Num nicho da parede,/A deusa Vênus/Observa a cena.//

Cheia de prazer,/Toda lisa,/Cor de carne,/Cor de sangue,/Cálida Dalila./Tentara prender Sansão/Com cordas de nervos,/Frescas e úmidas,/Com fios urdidos no seu tear de intrigas,/E agora,/Ei-lo ali,/Adormecido,/O torso curvado de paixão/Sobre seus joelhos.//

Dalila sorri,/Segura as rédeas,/A crina,/Mechas de cabelo/Do homem que ela domina.//

Afia a tesoura,/Corta a corrente de força/Numa estranha cirurgia,/Fura-lhe os olhos/Enquanto ele geme,/Cego de desejo.

As meninas, de Velásquez

Retrato de uma infanta

Este é o retrato de uma princesa,/Uma infanta,/Que jamais foi rainha/Mas que guarda/Na palidez da face/Uma tristeza oculta,/Um sofrimento/Que a torna imortal/E santa.//

O retrato da princesa,/Pequena infanta/Vestida de negro,/Diz que ela nunca se casou,/Que sucumbiu/No auge da vida/A uma febre,/A uma chama/Que a consumiu/E fechou-lhe a garganta.

O retrato da princesa,/Pobre infanta,/Mostra um corpo frágil,/Uma cabeça erguida,/Uma testa ampla,/Gerada por príncipes,/Talvez das Astúrias,/Há no seu olhar/Um fascínio que encanta.//

No retrato da princesa,/Um espelho ao fundo/Devora a sua imagem,/O seu sonho de infanta.//

Seria ela Margarida?/Amélia?/Maria?/Teria sido solitária,/Exilada,/Sem reino,/Sem destino,/Decapitada?//

O que há nesse retrato/Que tanto me espanta?

Moça com brinco de pérola, de Vermeer

Moça com brinco de pérola

Como é bela a moça/Com brinco de pérola!/A pele alva,/O pescoço de cisne,/O olhar leitoso,/O cabelo oculto/Sob o turbante azul-noite.//

A face brilha como lua nas águas,/De sua orelha pende/Uma gota de orvalho/Que se cristalizou/Numa concha madrepérola.//

Moça com brinco de pérola/É um retrato,/Um pintor fascinado por um rosto,/Ele a amava.../E nesse momento/Deve tê-la pedido em casamento.

O efeito do outono em Argenteuil, de Monet

Monet

Nossa casa era cor-de-rosa,/Mistura de leite e sangue,/Aurora radiosa,/Em volta dela plantei um jardim:/Verde/Das folhas do salgueiro;/Azulzinho/Das flores de linho;/Vermelho/Das papoulas.//

Havia um lago/Onde a água mudava de tom:/Ora transparente,/Ora amarela,/Ora escura,/Puro chumbo,/Onde coloquei ninfeias,/Ninfas aquáticas,/Nenúfares.//

Construí uma ponte japonesa,/Um arco imitando tronco/Pelo qual se enrolavam glicínias/E dali observava/As carpas do lago,/Os matizes das escamas.

Como era belo meu jardim/Pleno de ar!/Mulheres vagavam com vestidos de gaze,/Sombrinhas,/Ramos de hortênsias no decote;/A primavera passava entre os galhos,/As balsaminas,/Aromatizando a ponta dos hibiscos;/Um bote vagava vazio/Até atracar/Numa moita de agapantos.//

A impressão dessas cenas,/As sensações,/A delicadeza do sol,/Levavam-me a pintar/Em pinceladas rápidas/Como se quisesse captar/O

momento em que a onda de quebra/E tudo se torna cambiante,/Cheio de chuviscos/Como champanhe/Em taça de cristal.//

Bebi tanta luz/Que me embriaguei/E me ceguei,/Herói trágico,/Vazados os olhos/E minha visão de Arte.



Flamas e Veleiros: a Poesia de Rubenio Marcelo

Barcos, veleiros singrando mares e espumas, carregando dentro de si a alma e a mente do poeta, sua transcendência, sua fixidez numa estrela. *Veleiros da Essência* é a imagem que Rubenio Marcelo escolheu para título do seu novo livro e do poema de abertura: é a metáfora da viagem, do deslocamento, da ordem de comando que força a navegar, pois “navegar é preciso, viver não é preciso”. Esses veleiros *vêm de horizontes nunca vistos/ e trazem à proa/ o mapa das messes inabituais/ num tempo infinito/ de invictas bandeiras...*

Assim como Fernando Pessoa é “guardador de rebanhos” e Manoel de Barros, “guardador de águas”, Rubenio Marcelo é “desguardador de dores”, espantando os males com a “contemplanção do segredo das auroras” e com “sabiás de voos dourados”. Dribla o cotidiano com “colibris do sonho”. Ele é também o “contemplador de silêncios”, aquele que encontra paz para sua dor na ausência do desejo, no autodomínio de poeta que, dessa forma, domina o leitor.

O poeta é um ser assombrado, perplexo com a realidade, mas busca apoiar-se na lógica, quando afirma que *a árvore má/ não frutifica/ nem sombra dá/ e não assombra a ação do bem*. O bem é coragem, atitude, gesto. O bem é criar uma poesia generosa que “dá bons frutos” e “boa sombra”. Uma poesia solidária.

Ora Rubenio Marcelo é clássico, ora é experimentalista como no poema “Em falso”, em que joga na página com a palavra “cadafalso”; ou

em “Entes e Mentres”, em que trabalha expressões como “plena mente” e “ara a mente”. Vai construindo sua *Poiesis*, sendo “floema-avator” e semente. Prova que é necessário conhecer o idioma até mesmo para subvertê-lo, pois a linguagem é um mistério. Busca as raízes, os matizes, a língua de fogo “que lança palavras ardentes”.

“O poeta é um insubmisso e o mais são nuvens”, disse Carlos Drummond de Andrade. A rebeldia irrompe no poema que trata da “Geração Antiflogistina”. Uma geração (a nossa) marcada pelos mais diversos interesses e influências: bossa, *blues*, Beatles, *rock and roll*, Alighieri, Raulzito, Dante, Floyd e Tina. Somos, ao mesmo tempo, “jovens-velhos-moços”.

Rubenio Marcelo crê na poesia como documento da existência de determinado povo em certo lugar e período histórico. É fiel porta-voz da terra onde vive (e da qual é cidadão honorário): o Mato Grosso do Sul. Faz um passeio noturno pelas luzes de Campo Grande: anda pelo Parque das Nações Indígenas e pelo Belmar Fidalgo interagindo *com a Natureza*; vai para Corumbá ver o Rio Paraguai entre *aves e camalotes*; reverencia a paisagem *de beleza* da Av. Afonso Pena. Contextualiza seu cenário de vida e é absorvido por ele.

O poeta é mesmo mago, Prometeu, alguém que carregou o fogo. A Poesia de Rubenio Marcelo é lâmpada, é luzeiro, é quente, como ele declara: *Não é fogo de palha é fogo imenso/ O fogo que azuleja a poesia.*

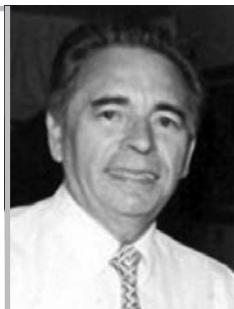
É preciso caminhar levando a tocha, a chama, a flama, o fogo perenal da poesia. É mister permanecer enlevado, como numa visão apocalíptica: *“naquela manhã de final de estio/ me peguei mirando a flama convidativa/ das pontes inexploradas/ havia clarins sedentos de sonhos...”*.

Miremos com Rubenio Marcelo a imortal flama da poesia e o desfraldar das esperadas velas brancas de seus *Veleiros da Essência*.





REGINALDO ALVES DE ARAÚJO



Natural de Itabaiana (PB), nasceu em 1946. Professor e escritor. Presidente da Associação dos Novos Escritores de MS (ANE) e fundador do Jornal Arauto. Dentre suas obras destacam-se: “Saga Pantaneira”, “Futebol - Uma Fantástica Paixão”, “Futebol Campo-Grandense”, “O Paladino do Pantanal” e “Águas do Povo”. Ocupa a cadeira nº 21 da Academia, da qual é o atual presidente.

Santo e poeta

Outro dia visitei o Horto Florestal da nossa capital, no contorno da Rua 26 de Agosto com a Avenida Ernesto Geisel. Lugar ideal para apreciação do belo, da harmonia da natureza, do silêncio confortante que sempre resulta em ricas meditações e afáveis reflexões. Este paraíso é densamente ensombrado por um renque de árvores das mais variadas espécies, umas viçosas, outras caducas, sem contar com vários ensaios de jardins em espaços preciosos em toda a extensão do verdejante parque. Um mundo maravilhoso aos meus olhos. Vaguei inebriado em suas veredas. Havia alegria saltando dentro de mim. Lembrei-me das palavras do Padre Venildo Trevizan: “Felizes os que fazem do dia de hoje o primeiro dia do resto de sua vida. Felizes os que vivem o hoje com gostinho de eternidade”.

Deslumbrado ouvi canto mavioso de pássaros no cocuruto das árvores esguias. Lembrei-me do poeta canonizado São Francisco de Assis que agarrado aos ciprestes da Itália, numa mensagem telepática, soprou em meus ouvidos docilmente: “Louvado sejas, meu Senhor, com

todas as tuas criaturas, e sobretudo, pelo irmão sol que nos dá luz do dia, pela irmã lua e pelas estrelas... Pelo irmão vento, e pelo ar e pelas nuvens, pelo irmão fogo, pela irmã terra, que nos sustenta e alimenta, com ervas e flores de tanta cor, pela água, pelas plantas, pelos irmãos de asas ou patas, os que rastejam no chão, os que nadam nos lagos, rios e mares”.

No fundo da alma vem a certeza de que toda a natureza estava em São Francisco de Assis – O Santo dos Poetas.

Fim do passeio. Um lustroso sarau poético. Última vereda, última árvore, último jardim. Resolvi encher os bolsos de flores, com as mãos felizes e os olhos escorrendo lágrimas de felicidade.

Na Rua Alexandre Fleming, no prolongamento do bairro Amambai, um outro poeta me esperava. O fulgente empresário Sinval Martins recebeu-me, com notável fidalguia, no escritório de sua empresa já com suas poesias à mostra. Com um dócil sorriso me fez sentar. Ouvi-o atentamente. Emanava serenidade na mansidão com que falava e se movia, na discrição quase invisível de como confeccionou seus poemas e na busca incessante de afinar-se a tão cobiçada inspiração poética.

Pousei os olhos nos poemas: “Percepção”, “Amigo”, “O João de Barro”, “O Bem-te-Vi”, “O Dia e a Noite”, “Noite Poesia” e “Uma Noite que Dói Mais”. Luminoso momento aquele. Páginas admiráveis, encantadoras, como, aliás, são todas dos louváveis poetas.

Com palavras sinceras opinei que o conjunto de seus versos enche o coração dos leitores de um esplendoroso hálito telúrico, como se fosse o primeiro sorriso do recém-nascido que só ensina na pureza e educa na essência. Disse-lhe que a sua vontade de escrever aliada à garra e à paixão é, indubitavelmente, uma atitude intelectual, bem como um celebrado ato pedagógico.

O estimado amigo Sinval Martins, que na sua trajetória vitoriosa de vida ocupou cargos públicos, dirigiu entidades importantes no nosso estado, administra suas empresas com justiça e dignidade, tem, por excelência, o espírito de guiar-se por si mesmo, proba em suas decisões e generoso nos angelicais desígnios da solidariedade .

Não tenho dúvida de que este é um ano de felicidade na vida do poeta Sinval Martins – com a edição de seu primeiro livro. Chegou a hora da despedida. Última golada do saboroso cafezinho, última palmadinha nas costas, último aperto de mãos e minhas últimas palavras: Um livro de poesias põe nas almas aflitas um pouco de jardim, um pouco de céu, o perfume das flores e o sorriso dos anjos.



Dois Valorosos Ambientalistas de MS

Aproximava-se o dia 1.º de Janeiro de 1979, data escolhida pelo Governo Federal para inaugurar o novo Estado da Federação, que foi batizado com o nome de Mato Grosso do Sul, tendo como capital a cidade de Campo Grande.

O Estádio Moreirão lotou para recepcionar o General Ernesto Geisel, Presidente da República e, com admiração, o engenheiro Harry Amorim Costa, Governador indicado pelo Presidente, para governar os destinos do povo sul-mato-grossense. Na entrada dos governantes a multidão que estava no estádio se ergueu em aplausos longos e gritos de euforia, enquanto no ar espocavam foguetes de todos os lados, era a chamada “salva de 21 tiros”. Rádios e canais de televisão transmitiram, ao vivo, as cenas inapagáveis da inauguração. Os últimos documentos foram assinados pelos dois mandatários quando, de forma solene, com voz pausada, o locutor anunciou a entrada do ambientalista Astúrio Ferreira dos Santos que, emocionado, entregou nas mãos do Governador Harry Amorim Costa a pasta contendo milhares de assinaturas. Era o famoso “abaixo-assinado” pro defesa do pantanal, já de conhecimento do Presidente General Ernesto Geisel.

O Governador apertou a mão do ambientalista e o convidou para visitá-lo, numa ocasião propícia, em seu gabinete. O público ergueu-se

outra vez em efusivos aplausos. Dias depois, já se enfronhando com os problemas do novo Estado, principalmente com o movimento vigoroso dos ambientalistas, decidiu criar um órgão no seu governo para defender a fauna e a flora e tudo o que há de belo e sagrado da ecologia sul-mato-grossense. Assim surgiu o INAMB (Instituto de Preservação e Controle Ambiental) que tanto colaborou na fiscalização dos rios e matas, intimidando os depredadores da natureza. Aconselhado pelos assessores e pelas constantes visitas dos ambientalistas do Estado, especialmente do conceituado Astúrio, Harry Amorim convidou e empossou como Diretor Geral do INAMB, o Coronel Flávio Américo dos Reis, corajoso militar que comandou a Unidade do Exército sediada na cidade de Coxim, implantando um trabalho de fiscalização, sem precedentes, nas águas dos rios Coxim e Taquari e nas florestas da região, varrendo da localidade os morféticos criminosos da ecologia.

Foi uma retumbante vitória dos ambientalistas de todo o Estado. A população acompanhou satisfeita a alegria dos ecologistas. Na visita de agradecimento ao Governador, Astúrio prontificou-se, juntamente com seus companheiros, a colaborar com as atividades do INAMB, em todos os recantos do Estado.

Na saída do Palácio do Prosa, Astúrio deu de cara com o amigo Curiel. Abraçaram-se. Caminharam conversando ao longo da margem do Córrego Prosa. Astúrio sabia o quanto Curiel foi importante nas incursões contra os depredadores, nas margens do Rio Aquidauana.

Adir de Jesus Curiel nasceu em Campo Grande no ano de 1944, serviu o exército na Brigada Militar na cidade de Corumbá, onde aprendeu a admirar a beleza pantaneira, depois tornou-se motorista da potente Viação Cometa e, seis anos depois, através de concurso, ingressou na Polícia Rodoviária Federal, indo prestar serviço em São José do Rio Preto. No ano de 1976, conseguiu transferência para a cidade de Campo Grande. Já no finzinho de 1977 passou a integrar o valoroso grupo montado por Astúrio para fiscalizar as águas do Rio Aquidauana, intimidar e prender os inescrupulosos depredadores ambientais. Foram seis meses de intensa luta até a chegada dos fiscais do

INAMB. Na intensificação dos patrulhamentos e barreiras realizados pelo INAMB, o destemido Curiel, requisitado para aquela batalha, lá estava e nunca negou fogo.

Hoje aposentado Adir de Jesus Curiel reside na cidade de Jardim, onde, com muita disposição, tem um escritório de compra e venda de gado.



Revelação surpreendente de José Couto Vieira Pontes

15 de dezembro de 1956 notabilizou-se o Estado da Paraíba, numa noite de muitos fogos e regozijo, com a posse do escritor paraibano Jose Lins do Rego na augusta Academia Brasileira de Letras, na cadeira nº25, substituindo o acadêmico Ataúlfo de Paiva.

Eu tinha 10 anos quando Itabaiana, situada no agreste paraibano, engalanou-se para, no dia 19 daquele dezembro, receber, com pompas, o autor de “Menino de Engenho”, “Banguê”, “Moleque Ricardo”, “Usina”, “Pureza”, “Riacho Doce”, “Cangaceiros”, “Água-mãe”, “Fogo Morto” e especialmente “Doidinho”: romance escrito e vivido em Itabaiana.

José Lins do Rego, após ser ovacionado de forma estrondosa na capital João Pessoa e em sua terra natal Pilar, chegou às 19 horas acompanhado do governador José Américo de Almeida, escritor, autor do aplaudido romance “A bagaceira”. O palanque foi armado frontal ao colégio Professor Maciel, instituição de ensino onde o escritor estudou na infância descrevendo, com perfeição, cenas vividas por ele ali. Uma multidão imprensada, atenta, eclodiu em aplausos quando o homenageado assomou ao palanque. Vivi sentadinho no chão, juntamente com dezenas de outras crianças, aquele momento de intensa emoção, de um deslumbramento indescritível. Diante de nós o autor de “Menino de Engenho”, o orgulho da literatura paraibana, introduzido, por unanimidade, na Academia Brasileira de Letras, saudado que foi pelo então

presidente da Casa Austregésilo de Ataíde. Ele acenou demoradamente para o povo quase em choro.

O governador José Américo de Almeida foi muito feliz ao incluir no seu discurso as palavras elogiosas do eminente escritor Otto Maria Carpeaux, que diz: “ São os romances de José Lins do Rego um grande monumento. A sua Obra é mais, muito mais do que um documento dum mundo que se foi, é o seu monumento.”

O nosso herói faleceu 9 meses depois, no dia 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro. No último sábado, numa visita prazerosa, relatei ao Acadêmico José Couto Vieira Pontes, com maiores detalhes, o luminoso acontecimento Literário de 1956 na minha terra natal. Ele soltou um sorriso longo, silencioso, de rara felicidade.

- Você ficará radiante com o que vou lhe dizer...

E numa revelação surpreendente foi me dizendo que, no ano de 1950 como acadêmico de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, foi escolhido para saudar, em nome da famosa instituição, o notável romancista José Lins do Rego, pelo fato dele, o Couto, estar desenvolvendo fecunda atividade literário, convivendo com cultores das letras, órgão literários e, convidado, passou a dirigir a Revista “A Época”. Compareceram à solenidade escritores nordestinos, o professor Castro Rebello, professor Haroldo Valadão e o reitor da universidade Pedro Calmon, além de intelectuais cariocas, inclusive o próprio José Lins do Rego.

Após a palestra, com direito a aplausos demorados, José Lins do Rego foi à tribuna agradecer ao novel escritor mato-grossense, hoje sul-mato-grossense. A partir de então se travou uma forte e duradoura amizade entre os dois. Ambos assistiam a filmes, especialmente no cine Leblon, saraus literários, visitavam bibliotecas e, para atender ao amigo, acompanhava-o nas partidas do Flamengo no monumental Maracanã.

No final da minha visita senti uma telúrica emoção. Que privilégio o meu de abraçar um dos fundadores da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, detentor de vários prêmios nacionais como

contista, como ensaísta e cronista, advogado de renome, juiz de direito, Primeiro Procurador Geral de MS e presidente da Fundação de Cultura de MS, dentre outras cargas que engradeceram o nosso Mato Grosso do Sul.



Crônicas de Um Tempo - *Década de 1960...* *Por onde andava você?... E mais...*

O convite de J. Paulo Villalba para escrever o prefácio do livro: *“Década de 60... Por onde anda você?... E mais”*... não só me envideceu, como, também, me emocionou. O relato apaixonante desse ainda “menino”, de Bela Vista (MS), baila como poemas telúricos, onde, num solfejar inebriante da inesquecível infância, permite que a alma, em delírio, fale de cenas imorredouras, como se fosse o barulho inconfundível do marulhar do Rio Apa, privilegiando o ávido leitor do ineditismo cotidiano dos anos 60, sublimando fatos corriqueiros vividos por protagonistas reais que ainda vivem para confirmarem as assertivas do autor.

De conteúdo saboroso, não se pode iniciar a leitura do livro sem se sentir o insopitado desejo de ir até o fim, tal a sucessão de cenas, fatos e incidentes jocosos, uns empolgantes, outros dramáticos, que o autor desdobra diante dos olhos do leitor. Depois de lê-lo e meditá-lo, fica-nos um sentimento de simpatia pelo povo ordeiro de Bela Vista.

A obra de Paulo Villalba, emblemática, trata de um entesouramento de memórias da cidade natal, e de tantas outras em que morou, de pessoas que com ele conviveram, sendo um enfocamento de fatos ligados aos familiares e aos inesquecíveis amigos de infância e juventude. Chega a ser mesmo um misto de saga comunitária e autobiografia do autor.

O livro, quanto ao gênero, não se constitui em romance ou novela. Com todas as letras, pode ser definido como uma das melhores prosas

memorialistas já escritas nos últimos anos, no Estado de Mato Grosso do Sul. Nota-se, perfeitamente, o gosto clássico da narrativa, enriquecido pelo simples, pelo humilde, pelo telúrico e, às vezes, pelo majestático. O escritor, nas cenas vividas, injeta saborosas pinceladas do folclore local, onde as tradições gotejam em cada página, em cada palavra.

J. Paulo Villalba, um sul-mato-grossense, escreve com tempero de poeta, quer na inspiração que descreve as cenas, quer no admirável carinho com que as selecionou, realizando o que deve representar a aspiração de todo artista: o farol que ilumina os anseios e o destino de sua gente e o eco que repete a voz do seu povo.

Concluindo, afirmo que o livro servirá de apoio e auxiliará na avaliação de todos aqueles que desejarem eternizar as suas lembranças, as suas memórias, através de uma narrativa. “Década de 60... Por onde anda você?... E mais”... Obra notável, de cunho memorialista, enriquecerá, em muito, o acervo literário de Mato Grosso do Sul.





RÊMOLO LETTERIELLO



Nasceu em Campo Grande (MS), em 20 de março de 1941. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Exerceu vários cargos de grande relevância, e aposentou-se recentemente como Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso do Sul. Publicou diversas obras jurídicas: “Ação Reivindicatória” em coautoria com Paulo Tadeu Haendchen; “Ação de Usucapião Ordinário” e “Repertório dos Juizados Especiais Cíveis e Estaduais”. Ocupa a cadeira nº 22 da ASL.

Recepcionando Wilson Barbosa Martins *

Agradeço o gesto benevolente do eminente Presidente Reginaldo Alves de Araújo, de indicar o meu nome para saudar o novo membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Wilson Barbosa Martins, por ocasião da sua admissão nesta Casa de cultura e saber. É uma honraria aspirada por todos que, como eu, gostaria de viver um momento como este, singular em nossas vidas, de falar sobre uma personalidade tão destacada por tantos títulos e méritos.

Quem poderia imaginar que um jovem e obscuro estudante dos Colégios Dom Bosco e Oswaldo Cruz, envolvido nos embates da União Campo-grandense de Estudantes, um dia viesse louvar quem foi o ídolo da sua geração e das que vieram depois?

Permiti, Senhoras e Senhores, a suave recordação daquela época em que a mocidade da minha terra, idealista das fermentações cívicas, se recusava ficar à margem das discussões políticas e sociais e a manter-se neutra e indiferente com os problemas que afetavam Mato Grosso e o Brasil. Que saudades daqueles tempos em que saíamos às

ruas e praças, mobilizados em defesa de sublimes ideais, inspirados em legendárias e impolutas personagens do nosso meio, como Wilson Barbosa Martins, dele tomando exemplos de combatividade, dignidade e de resistência aos maviosos cantos das sereias.

Era tempo em que nos sentíamos como aqueles jovens a quem Émile Zola, na sua “Carta à Juventude” inserida no livro “*J'accuse*”, sobre o caso do Capitão Dreyfus, um dia indagou:

“Aonde vão vocês, jovens, aonde vão, estudantes, que correm em bandos pelas ruas manifestando vossas cóleras e entusiasmos, sentindo a imperiosa necessidade de lançar publicamente o grito de vossas consciências indignadas?

“Vão protestar contra algum abuso de poder? Ofenderam a ânsia de verdade e equidade que ainda arde em vossas almas novas, ignorantes dos cambalachos políticos e das covardias cotidianas da vida?

Vão corrigir um erro social, pôr o protesto de vossa vibrante juventude na balança desigual em que são falsamente pesadas a sorte dos felizes e a dos deserdados deste mundo?

Juventude, juventude! Lembra-te dos sofrimentos que teus pais passaram, das terríveis batalhas que tiveram de vencer para conquistar a liberdade que desfrutas nesta hora. Juventude, juventude! Fica sempre com a justiça. Juventude, juventude! Seja humana, seja generosa”.

Permiti, Senhoras e Senhores, a reminiscência daquela fase trepidante das nossas vidas, quando andávamos em busca de definições para traçar os projetos da longa estrada a percorrer e cultivávamos os sonhos de nos tornar, um dia, seres humanos iguais àqueles que já faziam história, como homens de ação e pensamento, como profissionais honestos, como políticos virtuosos e sem manchas, como verdadeiros padrões morais e intelectuais da nossa contemporaneidade.

O modelo de vida pública e particular de Wilson Barbosa Martins, refletiu sobre nós, não como sombras diáfanas de árvores bizarras, mas como luzes fulgurantes a iluminar caminhos de perseguição de

horizontes mais amplos e mais claros. A propósito, recordo-me dos conselhos do meu sábio e saudoso pai, cabo eleitoral e amigo pessoal do Dr. Wilson, que recomendava aos seus filhos que se espelhassem sempre em pessoas dotadas dos mais altos valores como honestidade, fidelidade, perseverança, hombridade, respeito, ética e dignidade, porque se assim fizéssemos, encontraríamos a felicidade de uma vida tranquila e construtiva.

Caríssimos ouvintes: do passaporte literário para a sagração acadêmica de Wilson Barbosa Martins - seu precioso livro “Memória: janela da história”, afloram revelações que nos fazem sentir desmedido orgulho deste “abensonhado” chão e daqueles que marcaram a sua história com lances indelévels de idealismo, de sacrifícios, de patriotismo e de altos propósitos. Tais revelações dão conta da saga de Vespasiano Barbosa Martins na sua obstinação e incansável luta pela primeira divisão de Mato Grosso e a sua governança do Estado de Maracaju, como diz o escritor a “gênese de nova unidade federativa, Mato Grosso do Sul”, da qual foi o seu primeiro governador eleito.

Rememoram-se acontecimentos marcantes, como o fim da revolução Constitucionalista de 1932, e as grandes conquistas da cidadania contempladas na Constituição Federal de 1934, como a obrigatoriedade do Estado na manutenção e expansão do ensino público e o estabelecimento da sua gratuidade, o deferimento do voto feminino e os notáveis avanços no âmbito do direito do trabalho, quando se passou a estabelecer o salário mínimo, a consagrar a autonomia sindical, a jornada de oito horas, a implantação da previdência social e a considerar a Justiça do Trabalho como integrante do Poder Judiciário Nacional para resolver as questões trabalhistas, inclusive os dissídios coletivos.

Na descrição da sua vida pública, registrada também em “Memória: janela da história”, o nosso querido confrade nos dá conhecimento de que o primeiro galardão que recebeu do nosso povo foi o mandato de Prefeito Municipal de Campo Grande e todos sabemos que no exercício dessa função teve atuação superior, distinguida e realizadora e que o móvel determinante dos seus atos de administração não foi outro senão o interesse público, por amor à coisa pública.

Não é possível que deixemos de assinalar o acontecimento alta-

mente significativo da grande notoriedade da sua atuação no Congresso Nacional, como verdadeiro embaixador do povo mato-grossense, lá trabalhando arduamente pelo engrandecimento desta unidade brasileira e ombreando com políticos da mais alta dignidade e estirpe nas empreitadas heroicas contra as investidas da mediocridade, os assaltos da força e os projetos de conspirações antidemocráticas. Na Câmara dos Deputados, não fez da jornada parlamentar de mais de sete anos, uma ostentação de mercenários (com já se fazia àquela época e agora se faz mais intensamente) e nem se debruçou às mesas oficiais para desfrutar das migalhas da merenda; antes, levou sempre consigo o privilégio de trabalhar por um povo e não por uma situação. O sentimento nacionalista que sempre caracterizou as suas atitudes de homem público, extravasou-se com toda intensidade quando, despontando com um dos mais acreditados políticos brasileiros, propagou a necessidade premente de se implantar no país, como lembra em seu livro, as reformas “constitucional, eleitoral, urbana, dos recursos minerais (inclusive do petróleo), da energia elétrica, bancária e administrativa” e sustentou a defesa intransigente “da democratização do ensino, do planejamento da administração pública, do combate à inflação e aos privilégios” bem como de “uma política externa independente”.

A sua vida política sofreu abrupta interrupção quando foi cassado pelo regime ditatorial militar, no início de 1969, em razão de manifestar-se constante, pública e veementemente em favor da democracia e do estado democrático de direito. A violência contra o notável deputado exteriorizou-se pela cassação do seu mandato e suspensão dos seus direitos políticos. Calava-se a voz de um guerreiro que sempre caminhou na direção de nobres objetivos de defender a liberdade e de servir à grandeza moral, espiritual e política da nossa gente.

Voltaria às atividades parlamentares, dezoito anos após, quando se elegeria Senador da República, iniciando o seu mandato em 1º de fevereiro de 1987, participando de forma direta e propositiva do grande movimento de soerguimento do regime democrático brasileiro, a Assembleia Nacional Constituinte onde, valendo-se da sua excepcional cultura humanística e notável saber jurídico, ajudou a escrever a Carta Magna

de 1988, a nossa Constituição Cidadã. Fomos testemunhas juradas de que o nosso Senador, nas trincheiras cívicas que abriu para o acesso do combate, jamais esmoreceu na luta para estruturar a existência jurídica do Brasil, dando-lhe uma Constituição que realmente garantisse os direitos individuais do seu povo, e disciplinasse efetivamente os reclamos das necessidades dos cidadãos, quer na ordem política e social, quer na ordem econômica.

Antes de exercer o mandato de Senador, havia conduzido, por quatro anos, os destinos do novo Estado de Mato Grosso do Sul, na condição de seu primeiro governador eleito pelos sul-mato-grossenses, e no exercício de tão alta função, marcou a sua administração com realizações estupendas, aqui plantando verdadeiros monumentos no cumprimento de uma agenda de louváveis políticas públicas, principalmente a que cuidava da inclusão social e educacional dos nossos coestaduanos mais carentes.

No âmbito da assistência social, para o êxito dos seus empreendimentos, contou com a sensibilidade e o altruísmo da sua querida esposa e grande companheira, nossa saudosa confreira Nelly Martins, sempre presente e atuante nos misteres de incentivar, implantar e coordenar um sem número de órgãos e entidades assistenciais e comunitárias em todo o Estado, gastando todos os seus desvelos em prol de crianças e adolescentes, de deficientes de toda ordem, de idosos e de desempregados.

No campo da Educação, para melhor garantir o acesso aos direitos do povo à educação e à cultura, sacudiu conceitos caducos, promovendo moderna e elevada política educacional, na compreensão de que a educação deve inspirar-se nos princípios de liberdade e de solidariedade humana e de que esses princípios devem estar presentes na formação do homem desde o ensino infantil até o superior. Permito-me destacar a grande providência governamental de soerguer a extinta Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, ouvindo e atendendo o justo pleito dos setores ligados à arte e à cultura do Estado.

A apurada atenção para com a educação continuou e se acentuou mais ainda no seu segundo governo, colocando em prática inúmeros programas de acessibilidade à educação e cultura, visando, não só a

diminuição do déficit educacional, mas também a ampliação das condições de aproximação ao aprendizado, dos estudantes hipossuficientes ou desprovidos de condições socioeconômicas.

Os governos de Wilson Barbosa Martins se impuseram ao respeito público; foram intensamente identificados com a sua ideologia desenvolvimentista, e graças à sua superior formação política, de legítima e pura fonte democrática, abriram os mais belos horizontes para a grandeza de Mato Grosso do Sul.

O nosso empossando, antes de ingressar na vida pública, passou pela advocacia por muitos anos. A sua banca, integrada pelos notáveis advogados Plínio Barbosa Martins, Plínio Soares Rocha e Amantino Soares Rocha, sempre se destacou como uma das mais tradicionais e reverenciadas do Estado, quer pela alta competência, quer pela correção e extrema dedicação às causas sob seu patrocínio, granjeando o respeito e admiração daqueles que diuturnamente militavam no Foro e se constituíam na força viva e dinâmica da Justiça - os advogados. E esses mesmos advogados, coincidentemente no ano em que Wilson Barbosa Martins recuperou, com a anistia, os seus direitos políticos - 1979, o elegeram primeiro Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional de MS.

Podemos dizer que tanto ao político como ao advogado, o povo e o jurisdicionado muito ficaram a dever pelo que fez de bem à sua terra e à sua gente e por conservar uma existência de trabalho honesto, de inteligência fecunda e de nobreza idealista. Todos lhe são eternamente agradecidos, pelo muito que realizou a bem da coletividade a que serviu.

Senhoras e senhores: em ocasiões semelhantes, ao acadêmico que profere a oração de recepção ao novo titular de uma das cadeiras da Academia, cumpre fazer breves referências aos seus escritos literários que vão se somar ao acervo das obras produzidas pelos demais confrades. Para o desempenho dessa função, venham em meu socorro as manifestações autorizadas dos ilustres pares que, magistralmente, chancelaram o “Memória - janela da história”, como a do brilhante Professor Hildebrando Campestrini que, ao prefaciá-lo, escreveu:

“o autor vem vivenciando a história de nosso estado há quase um século, privilégio de pouquíssimos cidadãos. Uma vivência consciente, sempre de luta pela liberdade, democracia, justiça e supremacia da lei – traço histórico da família Barbosa, demonstrado especialmente na Revolução Constitucionalista. Nisto fica claramente definido o compromisso desses próceres com o destino de nosso povo”.

Na apresentação da obra, registra a festejada Professora Maria da Glória Sá Rosa, nossa querida consóror, que

“... o livro escrito na primeira pessoa reivindica a responsabilidade das afirmações de quem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de ações descritas em uma linha de veracidade e coerência” [...]

... É uma longa viagem em que se cruzam dois planos: o do autor/emissor, que volta aos campos da Vacaria para reencontrar, na infância, o sabor das cores, dos doces, do cheiro das frutas do mato, e, acima de tudo, o prazer de sentir-se livre, e o do leitor preso ao encantamento das histórias. E, como uma imagem puxa outra, surge das névoas das lembranças, a figura da esposa Nelly Martins, com quem gostava de plantar árvores e que foi a grande incentivadora e a responsável pela maioria de suas realizações”.

O acadêmico Valmir Batista Corrêa em magistral arrazoado de introdução ao importante registro de memórias do novo acadêmico, consigna que

“Wilson Martins encerra a sua escrita com uma explícita declaração de amor a sua ‘terra dadivosa’, no alto de seus 92 anos de vida e de lutas. E parece ser esse amor plenamente correspondido, pois segue sendo um cidadão amado e reverenciado por uma grande parcela da população sul-mato-grossense.

Basta acompanhá-lo em suas andanças nas ruas da cidade ou em eventos no interior do estado, para ver como é recebido com sinceras manifestações de carinho e respeito. Poucos políticos e governantes desfrutam desse privilégio hoje em dia”.

Induvidosamente, a obra de Wilson Barbosa Martins, além de representar o marco inicial da sua atividade literária que, se Deus quiser será longa e extremamente profícua, vem engrandecer, sobremaneira, a nossa prestigiosa literatura e laurear o grande acervo cultural do nosso Estado depositado nesta Casa que é a expressão máxima da intelectualidade sul-mato-grossense.

Caros ouvintes: por feliz coincidência, Wilson Barbosa Martins vem ocupar a Cadeira nº 38, na qual teve assento sua extremada esposa Nelly Martins que tanto dignificou e elevou esta Academia e de quem todos nós relembramos e dizemos das suas virtudes, que mais hão de perdurar na exaltação da sua memória.

Finalizando, quero dizer que a esta solenidade se imprimem duas finalidades: a de receber com todas as honras o novo e admirável membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, e a de render-lhe as homenagens que se rendem às grandes celebridades. A ele afirmamos que existem pessoas que vem ao mundo para engrandecer a terra e invariavelmente a terra lhe é dadivosa na retribuição. Com certeza, esta foi a realidade do nosso homenageado.

À saúde e vida do nosso querido Wilson Barbosa Martins.

** Saudação proferida pelo Acadêmico Rêmolo Letteriello, a Wilson Barbosa Martins, por ocasião da sua posse na ASL.*





RENATO TONIASSO

Formado em Engenharia Agrônômica (pela Universidade Federal de Santa Maria), em Administração e em Direito (pela FUCMT), é Juiz Federal Titular da JF-MS, ocupando o cargo de Diretor do Foro da Seção Judiciária de MS, e Juiz Federal Titular do TRE-MS. Escritor e contista, é autor de grande quantidade de textos literários, e publicou o livro “Rede de Espera - contos e crônicas”, lançado no ano de 2011. Ocupa a Cadeira n° 23 da ASL.



A Bússola

Durante a primeira fase da minha vida profissional, trabalhei por algo em torno de quinze anos, como engenheiro agrônomo, em Mato Grosso do Sul, e, dentre outras atividades, atuei nas áreas de topografia, em especial, medindo terras, inclusive na região do Pantanal. Essa foi uma época plena de vigor da juventude e de contatos com homens que trabalhavam no amanho da terra, e que, em geral, são lhanos, solícitos e brincalhões, quer sejam patrões ou empregados. Tenho que o contato com a natureza faz com que o homem do campo se mantenha mais consciente das nossas limitações e da necessidade de se viver em harmonia com os seus semelhantes e com os fatores que sustentam a vida. O homem rural, mesmo sendo, em geral, mais pobre, em termos materiais, do que o homem urbano, é, também em geral, mais rico do que este em termos de solidariedade; talvez porque não fica submetido aos mesmos níveis de pressão a partir de fatores de estresse suportados pelo seu semelhante citadino. Daí, presumo, as características anteriormente referidas.

Pois em uma medição de terras em uma fazenda na região do Pantanal, preocupado com a possibilidade da minha equipe vir a se perder

por conta da ausência de referenciais físicos no horizonte (morros, serras, canhadas etc), indaguei de um peão, já de certa idade e que nascera nas imediações, se alguém já havia se perdido no meio da mata e dos corixos ali existentes, e ouvi do mesmo o seguinte relato: na década de 1970 estiveram no imóvel, para pescar e tirar fotografias, três senhores do Rio de Janeiro, sendo que um deles era piloto aposentado da Pan Air do Brasil e trazia consigo uma bússola. Por determinação do dono da fazenda, o peão foi encarregado de levá-los, de trator, até um ponto na margem de um rio onde "dava" muito peixe e havia muitas belezas naturais e animais silvestres passíveis de serem fotografados. A viagem foi feita ao clarear do dia e os hóspedes foram deixados no local, já com uma matula para o almoço; e combinaram com o peão que o mesmo voltaria ao final da tarde para apanhá-los. O peão recomendou-os de que não se afastassem muito do local, pois poderiam se perder, uma vez que o pantanal, naquela região, "é tudo igual". O piloto disse-lhe para não se preocupar, pois ele tinha a bússola. O peão ouviu e foi embora.

Ao final da tarde o peão voltou ao local e nada dos cariocas; só encontrou rastros na margem do rio e dos corixos próximos; gritou, assoviou, subiu no trator e olhou para longe, mas não viu e nem ouviu ninguém. Depois de muito procurar, não teve alternativa senão retornar à sede da fazenda para receber orientação. Mesmo já estando escuro, uma equipe foi mandada em busca dos visitantes, mas sem sucesso. Diante da situação, os membros da equipe resolveram voltar para a sede do imóvel, para dormir um pouco, visando recomeçar as buscas no amanhecer do dia seguinte. Todos sabiam que havia muitos perigos em se andar à noite por aqueles lugares ermos e infestados de animais selvagens, e, bem assim, que os visitantes não estavam imunes a isso; muito ao contrário. Os próprios peões poderiam se perder, serem picados por cobras etc, mas os riscos em relação aos visitantes eram ainda maiores: em especial, se dormissem, eles poderiam ser atacados por onças ou sucuris. Mas não havia outro jeito. No dia seguinte as buscas foram iniciadas logo cedo, mas os visitantes só foram encontrados no meio da tarde, bem longe do local combinado. Estavam pálidos, pois

não haviam comido nada e nem dormido; e encontravam-se muito arranhados por espinhos e pontas de paus que os tinham alcançado ao caminharem pelos brejos e pela mata.

Perguntei ao peão como os tinham encontrado - se gritando, avistando-os de longe ou por acaso?

Recebi dele a seguinte resposta - com adaptações meramente linguísticas: resolvemos andar em silêncio, por dentro da mata, e escutar, de "tempos em tempos", para ver se ouvíamos alguma "fala de gente". É que tínhamos notado que, quando gritávamos, a bicharada entrava em algazarra e praticamente inviabilizava a comunicação à distância através da voz humana. Ao meio da tarde escutamos, ao longe, alguém xingando alguém. Aí foi só seguir o rumo dos xingamentos.

Por imaginar que os três, por estarem perdidos, deveriam ser solidários entre si e não teriam motivos para se xingarem, perguntei: mas que tipo de xingamento?

O peão, meio encabulado, pensou um pouco e respondeu: "é que um dos doutores falava para o piloto, seu filho da (pip), pegue essa bússola e (pip)".

Fiquei um pouco preocupado, pois eu usava um equipamento conhecido como teodolito, que nada mais é do que uma bússola acoplada a uma luneta e apoiada em um tripé.



O nosso general

No final da década de 1970, a minha família morava em Cassilândia, MS, e, durante as férias escolares, jovens, que éramos, ao trabalharmos na propriedade rural dos meus pais, um dos meus irmãos, além de começar a fazer corpo-mole, passou a trocar dos que se mantinham firmes no batente; coisa de moleque, só para “encher o saco”; tanto que logo depois voltou às tarefas que lhe cabiam, ainda que, ao me-

nos em parte, muito provavelmente por força da ameaça que lhe foi feita. Como, por estar se tornando contumaz em tal prática, o mesmo era chamado de “Dentinho”, em alusão à personagem da revista em quadrinhos intitulada “Recruta Zero”, muito popular à época, e que ironizava o ambiente da caserna. Outro dos meus irmãos, referindo-se ao nosso pai, que estava para chegar a qualquer momento, advertiu-o, mais ou menos nos seguintes termos: “olha, se você não parar com isso, quando o General Dureza chegar eu vou contar para ele o que você está fazendo, e aí você vai ver o que é bom”. Ao menos naquele momento, a advertência funcionou, e, com exceção do admoestado, os demais ali presentes acharam graça da situação; o novo apelido pegou: embora continuasse sendo chamado de pai, pelos filhos, e de “Seu”, pelos empregados, nas conversas paralelas o “Velho” passou a ser referido como “o General”; o que, apesar de encerrar certa dose de irreverência – o que é comum, de parte da juventude -, por certo representava um sinal de respeito e de reconhecimento pelo papel de condutor da manada que ele tão bem desempenhava. O general tinha representatividade e era até amado pela tropa. Às vezes era obrigado a tomar providências mais enérgicas, mas em geral apenas a lembrança do seu nome bastava.

Com o passar do tempo, o apelido foi se tornando mais natural, tanto que, em família, tornou-se comum dirigirmo-nos diretamente ao nosso pai, com expressões do tipo: “General, o que vamos fazer agora”? Ele, que sabia da entonação carinhosa e da situação em que o apelido havia surgido, apenas dava um leve sorriso e nos orientava; não se insurgia, “pois se você fica brabo com apelido, aí é que ele pega”. Mais adiante até alguns amigos já o chamavam de general, em situações em que a coloquialidade o permitia. Não tinha mais jeito; o apelido pegara. E, para isso e para o desfecho final da presente história, tinha contribuído, além do ambiente familiar, conforme já referido, os fatos de que o Brasil estava sendo governado por militares - o que exponenciava a figura dos generais-, e, bem assim, as características pessoais do nosso personagem: por volta de 50 anos

de idade, porte atlético para a idade, cabelo curto e barba sempre bem escanhoadada.

Pois bem. Certo dia o meu pai e dois amigos seus viajaram a negócios, de Cassilândia para a região de São José do Rio Preto, SP – os dois amigos iam no banco dianteiro e ele no banco traseiro do automóvel. Ao entrarem no estado de São Paulo, deram de cara com uma barreira instalada por militares, que vasculhavam todos os veículos que por ali passavam (“e das grandes”, disseram depois). Não passava ninguém e eles foram parados por um soldado que fazia sinal para que os carros entrassem em uma fila, no acostamento da pista, à espera de serem vistoriados. Enquanto esse soldado se aproximava, possivelmente pra passar mais alguma orientação ou pedir documentos, o motorista do veículo, de forma absolutamente natural, sem malícia e até um pouco nervoso com a situação, no momento imediatamente anterior à abordagem, olhou para o meu pai e falou: “e agora General? Com essa parada, vamos chegar atrasados ao nosso compromisso”. O “General”, também não se apercebendo da dimensão que o caso poderia (e iria) tomar, apenas respondeu: “calma” fulano! “No final tudo vai dar certo”.

O soldado, que ouvira a conversa, parou “de soco” e falou para os passageiros do veículo: “os senhores, por favor, me aguardem aqui”. Passados alguns minutos e ele voltou acompanhado de um sargento. Ambos bateram continência para o meu pai e o sargento disse: “General, o nosso comandante não está presente, mas ele, por telefone, pediu que o Senhor aceite as suas desculpas”. Em seguida dirigiu-se ao motorista: “e o senhor siga a viatura com sirene, que está parada na pista, ali na frente”. Os três olharam-se e acharam conveniente não desobedecer à ordem. Seguiram o batedor, que os escoltou até a cidade mais próxima. Não chegaram atrasados ao compromisso.

Pelo menos naquele caso, o nosso “General” estava com a razão: no final tudo deu certo.



A bola nº 2

A escola primária era humilde e situava-se ao lado da estrada "de terra", sequer encascalhada, em minúsculo povoado da zona rural, e os dez ou doze meninos que ali estudavam, na hora do recreio, jogavam bola descalços, com uma trouxinha arredondada feita a partir de uma meia enchida com palha ou serragem, em um "campinho" improvisado, onde as traves "do gol" eram feitas com dois tijolos ou pedras dispostos em distâncias adequadas entre si. O suor escorria e a poeira grudava nos rostos e nos pés dos meninos, mas no final do recreio a professora exigia que todos se lavassem em uma bacia, com água do poço da escola, e as aulas recomeçavam em clima de felicidade. Os alunos estudavam pela manhã e, à tarde, ajudavam os pais nas tarefas familiares. A vida, enfim, era pobre, mas boa, considerados o contexto socioeconômico e a idade em que os seus atores se encontravam.

Um dia, porém, um menino com certa liderança sobre o grupo, teve uma ideia e submeteu-a aos demais: que tal se *comprássemos uma bola de couro?* (o "couro" saiu com um tom mais acentuado, pois uma bola com tal material parecia representar uma atitude de audácia para aqueles meninos que nunca tinham possuído sequer uma bola de plástico ou borracha). Os demais meninos entreolharam-se e responderam: *não temos dinheiro suficiente. Ao que o líder argumentou: vamos fazer uma "vaquinha"; cada um dá o que pode, mesmo que sejam algumas moedinhas economizadas na compra de balas, e a gente vê que tamanho de bola dá pra comprar* (as bolas de couro, ao que se sabia, iam do número 1, para a menor, até o número 5, para a maior, que seria aquela utilizada nos jogos "profissionais", dos adultos).

A "vaquinha" foi feita e o líder foi, com a sua mãe, até a cidade, para comprar a dita bola de couro. O dinheiro arrecadado era pouco e "quase" dava para comprar apenas uma bola nº. 2 - um pouquinho maior do que uma laranja grande - pois, mesmo para isso, ainda faltavam alguns trocadinhos. O dono da loja, provavelmente sensibilizado com a situação, deu um desconto na exata extensão do dinheiro que

faltava, e vendeu a bola para o menino. A volta para casa foi triunfante e, melhor ainda, a apresentação da bola aos demais sócios, no início das aulas do dia seguinte. Naquele dia, o jogo foi muito animado, embora os jogadores repreendessem que chutasse a bola com muita força e de "bicuda", pois isso poderia fazer com que a mesma viesse a se chocar com algum objeto pontiagudo e sofrer um furo ou rasgo. O perigo era pressentido por todos. Inobstante essa preocupação, a alegria era geral e o índice de falta às aulas caiu muito, após a compra da bola. No final do recreio, a bola era cuidadosamente entregue para a professora, que a guardava em um armário da escola.

Passados mais ou menos dois meses da aquisição, e a bola já se encontrava um pouquinho murcha, pois o dinheiro arrecadado não dera para adquirir a bombinha com o bico, necessários para inflá-la através da injeção de ar na sua câmara; mas os meninos jogavam mesmo assim, à espera de que alguém se dispusesse a resolver o problema.

Pois não é que um dia, durante o jogo, um menino chutou a bola para o meio da estrada que margeava o "campinho", bem no momento em que por ali passava um caminhão Ford F-600, "dos grandes" e com pneus em duplicidade no rodado traseiro. O caminhão trafegava a baixa velocidade e a bola rolou entre os seus rodados dianteiro e traseiro, sem que o motorista se apercebesse. O coração dos meninos apertou-se na esperança de que a mesma escapasse ilesa, de volta, para eles, mas não foi bem isso o que ocorreu: até porque se encontrava murcha, a bola entrou no espaço existente entre os dois pneus de um dos lados do rodado traseiro do caminhão e ali ficou presa. Como o motorista não se apercebera dos fatos, prosseguiu viagem e os meninos ficaram olhando a bola ir-se embora, até que o caminhão desapareceu ao longe, em uma curva da estrada. A bolinha aparecia a cada volta do rodado do veículo, e aquela cena, como um caleidoscópio de matizes de uma cena de angústia, provavelmente ficou gravada na memória de cada um deles. A perda da bola foi uma das suas primeiras grandes perdas.





RUBENIO MARCELO



Poeta, compositor e revisor, é autor de dez livros publicados (o mais recente: “Veleiros da Essência”) e dois CDs musicais. Foi Conselheiro Estadual de Cultura de MS (membro titular). Participou - como convidado - da I Bienal Internacional de Poesia - Brasília, que reuniu os grandes nomes da poesia nacional e do exterior. Ocupa a Cadeira nº 35 da ASL, da qual é o atual secretário-geral. É Cidadão Honorário Sul-Mato-Grossense, Campo-Grandense, e Anastaciano.

Abrigo

Apenas quero que me deixes
[em tua tenda branca]
clarear a visão para levar o graveto caído
do bico do pássaro ao ninho do destino.

quero apenas saciar o cio da minha sede
no filete indiferente que azuleja a fonte
e revela o refúgio seguro das pedras...

apenas quero que me olhes
com retinas em partituras de pardais
para que eu me redima
dos passos escassos de horizontes...

quero apenas que me acolhas
que recolhas as partilhas e contestações
e que me tenhas em tuas senhas...

apenas
a chama da intuição
– a despretensão de suscitar o fascínio
e o autossacrifício do silêncio

apenas sentir-te sem finitudes
e encontrar-me...
apenas quero o sol do teu abrigo,
poema meu!



Gaivotas

Na barca veleira dos meus sentimentos
gaivotas pousam cansadas,
como a procurar as luzes efêmeras
das pálpebras do tempo...
Em revoadas, tecem auroras
no vértice das chegadas e partidas
que me eternizam lembranças...

Estas gaivotas
me ardem palavras matinais
e, à noite, confundem-se
com as estrelas irrequietas
do meu espaço mental...
Deixam-me insone
para vigiar as minhas intenções
e o sarcástico segredo do fogo dos desejos
ante as dádivas das direções anunciadas
pelos anjos sem trombetas...

Estas gaivotas
emprestam-me suas asas para que eu sinta
|por entre as sombras das realidades caolhas|
a leveza de um novo olhar
no claro-azul das mutações circundantes...

Estas gaivotas
reinventam rotas nas minhas retinas...
Adornam a minha solidude:
entendem as certezas dos meus desalentos
e equilibram o voo das minhas incertezas...



Veleiros da Essência

vêm de horizontes nunca vistos
e trazem à proa
o mapa das messes inabituais
num tempo infinito
de invictas bandeiras e constelações...
trazem o lábio astral e o astrolábio
das meditações azuis
que tecem sublimes maréações...
têm adriças de sol e cordoalhas de mitos
que atesam a fruição
de transcendentales singraduras...

chegam altivos e sem defensas
traçando itinerários coesos
afinados com insólitas conhecenças...
transportam sagas ancestrais

e trazem nas gáveas
núncios de auroras ressurgentes...

com místicos galhardetes
mirando os destinos cor de nuvens
afagam elísios
que sibilam prelúdios e vilancetes
e sabem dos seus timoneiros
trajados de brim em brancas manhãs...

planam em silêncio na crista do verbo
|atentos ao mínimo aceno|
ao barlavento da criação
entre códigos, gaivotas e plenilúnios...
singram íntimas dádivas
para ampliar as escotilhas do sonho
e plenificar faróis nos estais da vaguidade...

vêm do estro
para nos desancorar das ilhas perdidas
vêm para fecundar correntes
no estio das vigílias e para nos (e)levar
à paz das alvíssimas florações
dos portos longínquos...



Contemplador de silêncios

branco de sonhos
ele não brinca de senhas
e enovelando os flocos da solidão
busca a meada e o fio
das nômade coerências da silencitude

ausências retesadas não leem suas linhas
nem alinham suas mãos
que driblam o casulo dos desejos...
qual voo desfeito na falésia
é a sensação do agora
– há presságios lógicos refletidos no vazio
das ruas minguantes que lhe acenam...

acolhendo o lapso que apazigua a dor
ele recobra o estatuto da aurora
e clareia-se em passos de cirandar...
comete dádiva dourada
e a tácita taciturnidade da surpresa
que instiga a desinquietude
pelos postigos da essência...

e tirando os véus do seu mergulho
ele renega as setas do delírio e da angústia
retornando ao imponderável instante
fincado no desvelo inconsciente
– seus pilares neurônicos latejam
sem excessos e sem punhais...

ante a libido esfarelada da emoção
e a pulsão das estranhezas reveladas

ele queima a carta de despedida
vai ao espelho
recolhe a lágrima banal e insana
reprime o transgressivo grito
desmelancoliza-se, reordena o seu vir-a-ser
e renova-se em estado de silêncio...



Sal da existência

I.

no latente diário de bordo
da estação das verdes aragens
desadormecem
revelações e sagas desveladas...
sangram clepsidras
e flutuam pontiagudos espasmos...
[antigas inquietudes avivam
o ventre nu da memória].

II.

há ilusões, tesouros e querubins
nas rotas dos albatrozes perdidos
há sortilégios e salmos esquecidos
em tardes carmins...
há pendões de segredos brotando
das lanças fincadas no tempo
demarcando ilhas
arenas e praças ressurgentes...

III.

inexiste a justificativa
do eco azul
que excita o penhasco...
é inútil o penhor do asco que foi volúpia
sem cópia pelos divãs...
não há nenhuma razão no empenho
e nas reprocuras
que perecem no tombadilho
sombrio das maresias...
não há rimas e romãs
nem travessias.

IV.

infundas esperas | em fendas | em eras |
já não reaprendem o que era
o cio das íntimas expectativas
nas quilhas dos dias...
entre o cenho do devenir
e a lividez do silêncio
um terçado espreita as horas...
|faz-se estio o entressonho|

V.

no aguardo da caravana do crepúsculo
a certeza medonha
de anúncios e desolação.
em cristais transfigurados
vem a brisa que edifica a lágrima
vêm os dardos que demarcam
o sol da resistência
o sal da existência.

Caravelas

E descubro nestas caravelas
as paisagens levitadas em sintonia
com os pássaros e estrelas...
naturalmente translúcidas
não precisam de carta das marés
talvez das auras que arejam o espírito
e edificam passadiços para
a estesia do ser... ...
de repente milhares de milhas são vencidas
sem as incursões de corsários
e sem os rangidos das noturnas lendas dos mares

nos ares
os ecos azuis dos vilancetes
desancorados das amuradas
e refletidos nos rochedos flamejantes
convocam os ventos para turnos extras de renovos
e para embalar a solidão
das sonâmbulas nuvens cravejadas de elegias...

e vejo sobre o convés principal destas caravelas
vistosos cavaletes
 com telas tridimensionais
 e nelas prismas e pincéis de sóis
a delinear símbolos lúdicos
e a recriar elos de primazias intermináveis...

há códigos discretos
nas velas dianteiras destas caravelas...
inconvencionais mensagens
[quais champanhas com sabor de segredos]
aos legítimos navegantes da essência.

Velessências

que venha na nudez e no silêncio
das intuições indecifráveis
o acorde ressurgente que desperta o ritmo
das partículas do íntimo liberto...

e esta liberdade une confidências
de caminantes e engenhos de destinos...
esta elevação restaura o mister
das alvas embarcações
que demarcam pilares azuis e brancos
no verde brilhante dos enleios renovados...

testemunhar o segredo das paisagens levitadas
no pomar das inéditas claridades
é velejar o essencial anunciando
as parábolas erguidas nas asas da manhã
e o prelúdio dos pássaros
que re/pousam na ramagem dos sonhos...

nos mares ou nas avenidas
há o leme
o traçado confidencial
o horizonte nas persianas do tempo
a quase-súplica do desconhecido
as mutações...

repentinas incertezas não desconstroem
a rota da primazia que alimenta o eterno...
sempre haverá ilhas no ventre livre do cotidiano
e sempre há o vento nas rosas e a rosa dos ventos...

– há sempre a viagem
e o rumo para o mirante das conquistas...

para todo o sempre há um porto e um veleiro
uma lira e uma chama
na amplidão inexplorada de cada navegante.

** Os sete poemas autorais acima são do novo livro “Veleiros da Essência” (de Rubenio Marcelo), lançado recentemente.*



Cora Coralina – a imortal ‘feiticeira do verso’

Num especial final de semana distante (início da década de 80) tive a honra de visitar Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Sim, ela mesma: Cora Coralina. Na sua morada (a conhecida ‘casa velha da ponte’), em Goiás Velho, às margens do Rio Vermelho, falamos de assuntos do cotidiano, da cultura popular, e de poesia. As lembranças daquele encontro com a carismática poetisa goiana (de fala meiga, sorriso franco e olhar profundo) ficaram em mim, timbradas no meu íntimo e, assim, fazem-me sempre reviver a emoção que senti ante a suprema energia daquele momento mágico, quando ali tive a certeza de vivenciar a cândida seara que desperta as mais sublimes dádivas da alma, delinea as raízes singelas da beleza e resgata a transcendente doçura dos sonhos fecundos. Tenho (até hoje na minha pequena biblioteca) um exemplar do seu marcante livro (sua publicação inaugural) ‘Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais’, considerado uma das obras literárias mais importantes do século XX.

A primeira edição deste livro circulou no mês de junho do ano de 1965 (pela Ed. José Olympio), quando Cora Coralina já estava com

76 anos de idade. Em 14/07/1979, quando já havia sido lançada a 2ª edição da obra (1978) pela UFG, o poeta Carlos Drummond de Andrade – após ter acesso aos ‘*Poemas...*’ – assim escreveu (conforme consta na contracapa de algumas edições do livro): “*Cora Coralina: ... Admiro e amo você como alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu verso é água corrente, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do seu Goiás! Dá alegria saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina. Todo o carinho e admiração de Carlos Drummond de Andrade*”. Posteriormente, o vate de Itabira tece comentários (no Jornal do Brasil - Cad. B, de 27/12/80) sobre o livro pioneiro de Cora e, num trecho, afirma: “*Se há livros comovedores, este é um deles*”.

Realmente desperta especiais emoções a leitura de ‘*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*’, volume este dividido em duas partes e 37 poemas, dentre os quais textos antológicos de Cora Coralina, como a esplêndida “Oração do Milho (Introdução ao *Poema do Milho*)” e o próprio “Poema do Milho”, além de “Minha Cidade”, “A Escola da Mestra Silvina”, “Rio Vermelho”, “Becos de Goiás”, “Velho Sobrado”, “Caminhos dos Morros”, “O Prato azul-pombinho”, “Cântico da Terra” e outros.

Nascida na Cidade de Goiás (Goiás Velho), em 20/08/1889, e falecida em Goiânia (10/04/1985), Cora Coralina foi uma artesã de versos genuinamente telúricos, e soube, com singeleza e sensibilidade, além das entranhas das suas evocações, expressar (em notável poetização) o cerne da natureza, bem como o cheiro e a cor da sua terra-mãe. Num dos seus poemas, ela assim se define: “Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,/ sou graveto, sou mato, sou paiol/ e sou a velha tulha de barro” (...)/ Sou a espiga e o grão que retornam à terra (...)/ Mulher da roça eu sou./ Mulher operária, doceira, abelha no artesanato...” - (in ‘A gleba me transfigura’).

Cora publicou outros livros de sucesso, como “*Meu Livro de Cordel*” (1976) e “*Vintém de Cobre - meias confissões de Aninha*” (1983) – obras estas cujas edições originais também integram a minha estante. Estudou apenas “as primeiras letras”, entanto, pelo reconhecimento da sua obra, foi agraciada, em 1983, com o título de Doutora Honoris Causa (pela UFG) e – eleita *intelectual do ano* – recebeu o Prêmio Juca Pato (UBE).

Ave, ó Aninha, Ana-Cora, “*Cora dos Goiases*”, Cora Coralina, doutora das causas do Brasil interior, autêntica Rapsoda, imortal ‘feiticeira do verso’! - A ela escrevi este poema:

Coralina

Dos becos de Goiás eu sei a cor...
estórias de Goiás eu sei de cor
de cor ainda
em tez cristalina
pois ouvi Cora Coralina...
Dos moinhos do tempo eu sinto a dor...
ao som do rio vermelho abrigador
abrigo a dor / e ancorei ainda
pra viver Cora Coralina...
Do velho Goiás Velho vem renovo
nos pendões que me fecundam de novo
e me trazem da paz todo o rebrilho
na Oração do Milho
em coro ainda... em Coralina
Cora Coralina!



“Grupo Casa - Coletivo de Artistas” [o talento da arte eclética em Campo Grande]

Originária da Casa da Poesia Dr^a Alda Garcia, a ‘Casa de Cultura Nildes Tristão Prieto’ foi inaugurada recentemente em Campo Grande (Rua Mar das Caraíbas n^o 8, Chácara Cachoeira), onde é estabelecida atualmente a sede do “*Grupo Casa - Coletivo de Artistas*”, que é formado por ecléticos e talentosos atores, dentre estes a atriz e psicóloga Lígia Prieto (filha da saudosa poetisa Nildes Prieto), que estava estudando e trabalhando no Rio de Janeiro e veio para a nossa *Cidade Morena*, após o falecimento de sua mãe (em 01/10/2013), para a continuidade das atividades culturais da Casa. Com Lígia vieram também (do RJ) Fernando Lopes Lima (diretor, ator e dramaturgo carioca) e Philipe de Faria (ator e dramaturgo mineiro), que se uniram a Vini Ferreira (ator e DJ) e Marcelo Leite (ator e diretor), formando o Grupo.

A missão do ‘*Grupo Casa - Coletivo de Artistas*’, conforme consta no site oficial, é “a pesquisa cênica fundamentada no estudo teórico das nossas raízes culturais e históricas, através da literatura dramática clássica, moderna e contemporânea, dividindo questões através do experimento de materiais não convencionais de dramaturgia, da arte do palhaço, na apropriação das novas mídias e na exploração dos espaços alternativos de representação”.

O *Grupo Casa* ministra oficinas e cursos (de iniciação teatral e desinibição, curso livre de teatro e poesias para crianças, técnicas vocais para atores e não-atores, teatro musical – aulas de canto, dança e interpretação, ‘palhaçaria’ para atores), apresenta leituras dramatizadas, recitais de poesias, peças e outros encontros artísticos, e os eventos especiais “Dramas e Vinhos” (leitura dramatizada aberta) e “Caldos e Poesias” (edição mensal apresentando performances de poemas de dois poetas escolhidos – sendo um regional).

Constam como objetivos primordiais do *Grupo Casa*: - fomentar a criação artística regional com produções constantes; - formar e informar o público visando à conscientização crítica coletiva e estabelecendo o

harmônico diálogo artista/espectador; - capacitar artistas locais; - contribuir para a inserção de Campo Grande e o MS no cenário artístico/teatral brasileiro.

Assistir aos espetáculos diversos (e apresentações performativas) do Grupo Casa é vivenciar as expressões multifaces das artes cênicas manifestadas com talento ingênito (e harmonizadas com outras artes, como a poesia e a música) – é afagar a sensibilidade aos desígnios da emoção e da beleza que transcende e fecunda a alma. Outrossim, com espontaneidade, há elegante descontração e os sublimes requisitos do humor nas performances do *Coletivo de Artistas*, o que faz com que o público seja envolto naturalmente pelo sopro mágico do deleite e da leveza espiritual. Verdadeiramente compromissado com a legitimidade artística, o ‘*Grupo Casa*’ abriga arte pulsante e autêntica (arte feita por gente de lídimo pendor vocacional e que trata a cultura com dignidade).

Fernando Lopes e Lígia Prieto participam também, como atores (em duas peças), do famoso projeto ‘Palco Giratório’ (circuito nacional) do SESC, uma das mais aplaudidas iniciativas culturais do nosso país.

Ademais, a ‘Casa de Cultura Nildes Tristão Prieto’ possui uma bem-organizada biblioteca com obras literárias (principalmente de autores regionais), livros estes que podem ser emprestados (sob cadastro) para leituras e pesquisas. Maiores informações no site: www.grupocasa-teatro.com.br. Vale a pena conferir!

** Artigo publicado no Jornal Correio do Estado (Suplemento Cultural) em 17.05.2014.*





VALMIR BATISTA CORRÊA



Nasceu em Maracai (SP), em 1946. Professor licenciado por Faculdade de Filosofia, Mestre pela USP em História Econômica e Doutor pela USP em História Econômica do Brasil. Ocupou os mais diversos cargos no Estado e colabora com várias mídias. Publicou “Coronéis e Bandidos em Mato Grosso”, “Corumbá: Terra de Lutas e de Sonhos”, dentre outras. Ocupa a cadeira nº 17 da ASL.

Uma copa de cólera

Em outubro de 1693 abateu-se uma fanática e mística violência sobre a pequena vila colonial de Salem, Massachussetes (Nova Inglaterra, atual EUA), tragédia cuja história é lembrada até hoje. Uma negra antilhana, Tituba, espalhou histórias sobre o vudu (uma religião de matriz africana) entre crianças locais que, muito impressionadas, passaram a ter pesadelos. A comunidade puritana, mesclada de ignorância, medo e misticismo, em pouco tempo passou a viver episódios de histeria e suposta bruxaria. Com isso, alastrou-se uma paranóia coletiva, com pessoas acusadas de praticas de bruxarias, sem nenhum fundamento. Porém, isso bastou para um juiz, um pregador puritano fanático, a acusar moradores locais, atingindo um grupo de vinte pessoas, em sua maioria mulheres, declaradas culpadas e sumariamente executadas. Esta manifestação de intolerância e fanatismo religioso motivou ainda a prisão de mais 150 pessoas. Dai se originou a expressão “caça às bruxas”, como ação inconsequente à procura de culpados.

Depois de mais de 300 anos, esta trágica e triste história parece estar presente em nossas vidas. Na periferia pobre do Guarujá, uma dona de casa, casada e mãe de dois filhos, Fabiane Maria de Jesus, teve

o mesmo fim das jovens da antiga Salem. A página de um site irresponsável publicou um antigo retrato falado de uma bruxa que roubava crianças, o que levou Fabiane a ser confundida com a referida mulher, sem qualquer explicação plausível. Numa atitude de total irracionalidade, populares lincharam Fabiane com extrema crueldade, fato que repercutiu em toda a imprensa nacional.

Dias depois, em Araraquara (SP), um servente foi confundido com seu irmão e massacrado na rua por mais de 30 pessoas após uma briga familiar. Nesta semana, aqui em Campo Grande, um bêbado foi confundido com um estuprador e foi linchado por um grupo de imbecis que decidiram fazer (in)justiça com as próprias mãos. O pior é que não é de estranhar tal violência, visto que, segundo estatísticas divulgadas, no município, adolescentes cometem 2,6 mil crimes por ano.

Também tenho acompanhado diversos “justiçamentos” nas ruas pelo Brasil afora, onde a população está desesperançada com a impunidade. Isso porque existe violência e insegurança em todos os lugares deste país. A população está refém (e até conivente) com a ação da bandidagem e com o tráfico de drogas, como acontece nos morros do Rio de Janeiro. A cada confronto entre bandidos e policiais, com vítimas das chamadas balas perdidas, imediatamente surgem acusações de que partiram apenas das armas dos policiais. Em nenhum momento vejo nas telas de televisão e da imprensa em geral maiores acusações contra os bandidos e traficantes.

A fragilidade, a inoperância e a ineficiência das instituições encarregadas de assegurar a integridade dos cidadãos levam-nos a crer que estamos convivendo no seio de dois mundos paralelos, desenhando um conflito sem precedentes entre uma população desassistida e marginal e um estado frágil voltado para a manipulação política e eleitoral.

Desde junho do ano passado, quando as massas tomaram as ruas de grandes e pequenas cidades para protestar contra a situação vigente, há a impressão de que o governo está completamente perdido no que tange à segurança do país. E, até agora não se vê uma ação ostensiva e

concreta de controle deste perigoso cenário, a não ser medidas específicas para a Copa Mundial de Futebol, que em má hora, estamos sediando. O que se vê nas ruas, de fato, são centenas de ônibus queimados, atos diversos de vandalismo, saques, sequestros, furtos e roubos em proporções inéditas e crescentes e violência de toda espécie.

Ao contrário de termos a Copa das Copas, o que temos no momento é uma assustadora Copa da Violência. Grande parte da população vitimada pela bandidagem, ou simplesmente assustada, está reagindo sistematicamente à megalomania do governo que está gastando bilhões em estádios de futebol, muitos inacabados e cheirando a corrupção. Basta usar o exemplo do estádio de Manaus, para 44 mil pessoas, que tem um futebol insignificante e um público potencial miserável de aproximadamente 8 mil pessoas. Neste caso, este estádio é o “elefante branco” de Manaus e milhões de reais estão sendo jogados no ralo. Enquanto isso, a população de todo o Brasil precisa de muitas obras de infraestrutura, educação, saúde, etc, etc.

A Campanha “Fora Copa” é fruto de tudo isso, com resultados imprevisíveis. As manifestações de rua estão aí para quem quiser ver, a despeito de todo esforço do governo de minimizar seus efeitos. O preço, entretanto, será alto e deverá ser quitado nas próximas eleições. Ou não? Será que a ignorância vencerá o desejo de mudanças na condução deste país? Ou poderemos ter uma grata surpresa elegendo políticos comprometidos com a cidadania?

Em verdade, vive-se um clima de guerra civil no Brasil. Caos e barbárie são palavras que estão sendo cada vez mais usadas em nosso cotidiano. Incerteza e clausura involuntária são atitudes comuns às pessoas de bem. Isso é perigoso e existem tristes exemplos na história do mundo, quando uma população tangida pelo medo e desespero escolhe beber um copo de cólera.....

** texto postado no facebook em 18/05/2014*

Corumbá continuará a ver navios...

Quando os pioneiros encontraram um local, em fins do século XVIII, na margem direita do rio Paraguai, estratégico e, segundo documentos antigos, “aprazível”, perceberam que o seu solo não era viável para a agricultura. Desceram o rio rumo a uma região próxima e favorável à implantação de uma produção de subsistência e um núcleo colonial. Foi o início da histórica e bela cidade de Corumbá.

Esses pioneiros não tiveram a real dimensão da riqueza em que estava assentada a futura povoação. Foi observado, de início, o extenso solo calcário que até hoje é explorado e que parece não acabar nunca. Um exemplo disso é a existência de uma fábrica de cimentos que há décadas vem explorando o pródigo solo corumbaense. Porém, esta exploração começou muito antes. Em 1782, saiu do porto de Corumbá uma primeira partida de pedras de calcário, subindo o rio Paraguai, chegando até o rio Jaurú e dali demandando o rio Guaporé. Eram blocos necessários à construção do Forte Príncipe da Beira. Parece loucura dos súditos portugueses da época colonial, mas foi assim que se construiu boa parte dos edifícios da capitania de Mato Grosso.

Bem mais tarde, no período pós Revolução Industrial, políticas imperialistas estrangeiras passaram a focar outras riquezas de Corumbá. Primeiro foi a criação da “Compagnie des Produits Cíbils”, empresa belga que teve como maior acionista o capitalista uruguaio Jaime Cíbils Buxareo. Nesse momento, entretanto, estavam os empresários belgas mais interessados na fazenda *Descalvados*, ao norte de Corumbá, para a criação de gado bovino e exportação de seus produtos. Em 1906, foi criada a “Compagnie de l’Urucum”, também belga, obtendo concessões para a exploração de minérios na região. Mas, uma série de obstáculos desestimulou essa experiência, restando a Corumbá grandes fendas no seu belo maciço do Urucum. Contudo, a exploração de minérios de ferro e manganês continuou, como um destino cruel, sem grandes benefícios à cidade. Alegava-se sempre que as empresas abriam muitas vagas de

trabalho, mas aos corumbaenses só restavam mesmo as funções de trabalho desqualificado, braçal e com baixos salários.

Em 1953, no governo de Fernando Corrêa da Costa, foi assinado um contrato de arrendamento dos direitos de lavra, exploração e venda de minério das jazidas de ferro e manganês de Corumbá, com o grupo Sobramil que deveria durar até 1990, novamente sem reais benefícios para a cidade e para o estado. Em 1974, em atitude corajosa, o governador José Fragelli tornou nulo esse decreto leonino. No ano seguinte, o mesmo Fragelli criou a Metamat – Cia. Matogrossense de Mineração que ficou com a maioria das ações, com o objetivo de promover a exploração dessas jazidas de ferro e manganês do Morro do Urucum, abrindo extensas galerias que continuaram a sangrar o interior deste belo maciço. Na década 90, as minas do Urucum também não escaparam da onda de privatizações da política neoliberal. Hoje, várias concessionárias continuam a explorar o rico minério corumbaense, isso sem contar a atuação de empresas falidas que, em detrimento dos interesses nacionais, também controlam a maioria das riquezas minerais do país. Porém, deixo de analisar no momento a montanha de calcita ótica na região do Pantanal do Jacadigo, um dos mais importantes minérios estratégicos do mundo.

Em Corumbá, no entanto, a história continua a mesma, assim como ainda é o mesmo o apetite guloso de empresas estrangeiras nas suas minas de ferro e manganês. A ONG Wikileaks, aquela que provocou uma crise internacional ao divulgar correspondências sigilosas das embaixadas norte americanas, colocando a nu a mediocridade e as ambições absurdas da diplomacia ianque, destacou estrategicamente as minas do Urucum. Para os EUA, esta riqueza é considerada de grande importância à sobrevivência de seu parque industrial.

Corumbá vai continuar a “ver navios...” carregados de minério, esvaindo-se pelas águas do Paraguai. Que Deus tenha piedade.



Você já foi fisgado?

Confesso que já fui um pescador inveterado, ainda jovem no estado de São Paulo e, depois, durante os 26 anos que vivi na minha bela e querida Corumbá. Cheguei até a ter motor de popa e barco de alumínio. Foram tempos bons de convivência com a natureza. Quantas vezes, após as aulas do período noturno do Centro Universitário, eu descia com amigos até o porto da cidade, subia em “chatas” e barcos ancorados e passava horas “jogando conversa fora”, ouvindo o estalar dos peixes que pulavam fora d’água e, o que era melhor, pegando belos exemplares de peixes. Eram tempos de abundância da fauna aquática, de todos os tamanhos e espécies.

Hoje, distante de Corumbá, leio e ouço noticiais sobre o desaparecimento dos peixes nas margens da região portuária, que não resistiram a uma exploração predatória sem fim. Foi uma conjunção de fatores que fragilizou o estoque pesqueiro da região pantaneira corumbaense. O grande responsável foi a omissão governamental que, mesmo com denúncias e fortes evidências, pouco fez para coibir o desastre que se avizinhava. Depois, como atividade econômica da “indústria sem chaminés”, implantou-se ali um turismo inconsequente que privilegiava o turista sem consciência preservacionista e ganancioso, que não se contentava com alguns exemplares de peixes, depredando cada vez mais e mais. Dizia-se até que falsos turistas levavam grandes quantidades para a comercialização em suas cidades de origem. Isso sem contar com a atividade de frigoríficos. Tudo com a convivência óbvia de pescadores, ditos profissionais.

A tudo isso veio se somar o lixo das cidades do entorno do pantanal, que sem qualquer pudor continua(va) sendo escoado para os rios pantaneiros, apesar das promessas de instalação de usinas de despoluição das águas servidas.

Com o tempo, e com manifestações da sociedade, intelectuais, estudantes e até organizações não governamentais, foram criadas políticas e legislações para conter a poluição, a pesca predatória e o

assoreamento da bacia pantaneira. Mas um grande estrago já está feito. Algum tempo atrás uma legislação aprovada na Assembleia Legislativa para disciplinar a pesca, apesar das boas intenções, assustou a todos por liberar apetrechos predatórios.

Também têm aparecido ideias que merecem uma ampla discussão pela sociedade que, em última análise, deve ter a opinião final sobre o assunto. Uma delas, radical em sua concepção, prevê simplesmente a proibição da pesca por um número determinado de anos. Uma ideia que já foi testada em outras regiões pesqueiras com resultados definitivos para a política preservacionista. Porém, traria em seu bojo uma grave consequência social. O que fazer com os pescadores artesanais que dependem, com suas famílias, desta árdua e solitária atividade? Nesta perspectiva, deve haver então uma profunda transformação, comprometimento político e, acima de tudo, muita coragem dos governantes estadual e municipais, para propor saídas para este impasse mesmo porque o peixe é um alimento vital à sobrevivência humana. Esta eu quero ver...

Outra prática implantada é o “pesque e solte” que atende principalmente à atividade turística e esportiva, mas também é uma proposta polêmica. A pergunta que fica é como deve ser o procedimento a ser usado para não prejudicar o peixe ao soltá-lo? O próprio pescador sabe como fazê-lo?

Tenho lido que em muitos casos os peixes soltos não conseguem sobreviver aos ferimentos provocados pelas fisgadas. Fico a pensar se alguém perguntou a um pintado, por exemplo, se isso dói. Nos meus velhos tempos de pescador levei várias fisgadas no dedo e doeu pra burro.

Continuo a gostar de comer peixe, mas não quero mais ser pescador e muito menos ver programas de pesca na TV. Perdeu a graça...





NOTÍCIA ESPECIAL DA ASL

POSSE DE MARISA SERRANO



Acadêmica Marisa Serrano - Cadeira 30 da ASL

"Todos nós estamos de passagem e nesta Casa - a ASL - reunindo a sensibilidade e o conhecimento de tantos luminares, poderemos contribuir efetivamente não só na guarda da memória de tantos acontecimentos, mas principalmente na construção de pontes e escadas ligando as pessoas que fazem essa história."

(Marisa Serrano)

Em noite de gala, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras empossa Marisa Serrano

Em memorável solenidade (12/12/2013), a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras empossou a acadêmica Marisa Serrano, que – eleita por unanimidade – assumiu a titularidade da Cadeira nº 30, que tem como patrono Otávio Cunha Cavalcanti, e foi ocupada anteriormente por Hélio Serejo.

A concorrida Sessão Magna de Posse contou com as presenças de acadêmicos da ASL e outras autoridades de diversos segmentos da sociedade, além de vários órgãos de imprensa.

Na ocasião, a nova imortal foi saudada em belo discurso, em nome da Academia, pelo acadêmico F. Leal de Queiroz.

Marisa Serrano é formada em Letras e em Pedagogia (Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras - Campo Grande). Ocupou, dentre outros cargos, os de Professora, Supervisora, Diretora de escola, e Secretária de Educação de MS. Foi Delegada do MEC-MS; Presidente da OMEP/MS; Diretora-Presidente do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento Sócio Educacional-MS. É autora de duas coleções de livros didáticos: Novos Rumos em Comunicação (ed. do Brasil) e Comunicação em Língua Portuguesa (ed. Ática). Foi Vereadora de Campo Grande (1977-82), Deputada Federal (1995-99 / 1999-2003), Vice-Prefeita de Campo Grande (2004-06) e Senadora da República por MS (2007-14). É Conselheira do Tribunal de Contas do Estado de MS.

A seguir, alguns registros da solenidade:



*Entrada de Marisa Serrano, acompanhada dos acadêmicos
Henrique de Medeiros e Theresa Hilcar*



Mesa das autoridades na solenidade



Leal de Queiroz saudando, em discurso, a nova Acadêmica Marisa Serrano



Rubenio Marcelo (ao centro), Secretário-Geral da ASL, lendo Termo de Posse de Marisa Serrano



Marisa assinando o Termo de Posse da ASL



Secretário-Geral da ASL, Rubenio Marcelo, e Marisa Serrano, após assinar Termo de Posse.



Marisa Serrano em frente à mesa de honra da ASL



Marisa com Diploma da ASL



Marisa recebendo o Diploma da ASL



Presidente Reginaldo Araújo e acadêmicos Couto e Glorinha entregam o Colar Acadêmico à nova Imortal Marisa Serrano



Marisa Serrano na ocasião do seu Discurso de Posse na ASL



Marisa discursando na sua Posse na ASL



Marisa Serrano com Abílio de Barros



Marisa Serrano e o presidente da ASL, Reginaldo Araújo



Marisa Serrano e Rubenio Marcelo



Geraldo Ramon e Marisa Serrano - com Neuza Orro (Cerimonial)



Marisa Serrano e José Pedro Frazão



Acadêmicos da ASL - com Marisa Serrano (ao centro)



Marisa Serrano e Henrique de Medeiros



Acadêmicos Abrão Razuk, Geraldo Ramon, Leal de Queiroz e Rubenio Marcelo



Acadêmicos Abrão, Guimarães Rocha, Marisa e Henrique Medeiros



Acadêmicos da ASL



Acadêmicas Elizabeth, Glorinha, Theresa, Marisa e Maria Adélia



*Reginaldo Araújo, Ruben Figueiró, Marisa Serrano,
Carla Stephanini e Reinaldo Azambuja*



*Neuza Orro
- a competente chefe
do Cerimonial
(na solenidade)*



*Oscar Martinez
- Cerimonial
(na solenidade)*



Marisa Serrano - feliz, após posse na Academia Sul-Mato-Grossense de Letras



RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS



Academia
Sul-Mato-Grossense
de Letras

(Patronos e Titulares
das Cadeiras)



"Creio que o trabalho executado pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras acabará servindo de exemplo para que outras Academias de Letras do Brasil também se disponham a abrir suas portas, lançando-se a serviço dos que necessitam de aprimoramento literário e cultural"

(Elpídio Reis)



CADEIRAS

- Nº 01** | Patrono: Nicolau Frageli
Titular: **Manoel de Barros**
- Nº 02** | Patrono: D. Francisco de Aquino Correia
Titular: **Padre Afonso de Castro**
- Nº 03** | Patrono: Ulisses Serra
Titular: vaga
- Nº 04** | Patrono: Joaquim Duarte Murtinho
Titular: **Guimarães Rocha**
- Nº 05** | Patrono: José Ribeiro de Sá Carvalho
Titular: **Enilda Mougenot Pires**
- Nº 06** | Patrono: Arnaldo Estevão de Figueiredo
Titular: **Theresa Hilcar**
- Nº 07** | Patrono: José de Mesquita
Titular: **Américo Calheiros**
- Nº 08** | Patrono: Itúrbides Almeida Serra
Titular: **Raquel Naveira**
- Nº 09** | Patrono: Mal. Mascarenhas de Moraes
Titular: **Maria Adélia Menegazzo**

- Nº 10 | Patrono: Argemiro de Arruda Fialho
Titular: **Henrique de Medeiros**
- Nº 11 | Patrono: José V. Couto de Magalhães
Titular: **José do Couto Vieira Pontes**
- Nº 12 | Patrono: Mal. Cândido M. da S. Rondon
Titular: **Orlando Antunes Batista**
- Nº 13 | Patrono: Patrono: Estevão de Mendonça
Titular: **Antônio João Hugo Rodrigues**
- Nº 14 | Patrono: Patrono: Severino Ramos de Queirós
Titular: **Hermano de Melo**
- Nº 15 | Patrono: Patrono: Pandiá Calógeras
Titular: **Paulo Corrêa de Oliveira**
- Nº 16 | Patrono: Patrono: Rosário Congro
Titular: **Paulo Tadeu Haendchen**
- Nº 17 | Patrono: Patrono: Eduardo Olímpio Machado
Titular: **Valmir Batista Corrêa**
- Nº 18 | Patrono: Patrono: Aguinaldo Trouy
Titular: **Abrão Razuk**
- Nº 19 | Patrono: Patrono: João Guimarães Rosa
Titular: **Maria da Glória Sá Rosa**
- Nº 20 | Patrono: Patrono: Visconde de Taunay
Titular: **Paulo Sérgio Nolasco dos Santos**

- Nº 21** | Patrono: Arlindo de Andrade Gomes
Titular: **Reginaldo Alves de Araújo**
- Nº 22** | Patrono: Vespasiano Martins
Titular: **Rêmolo Letteriello**
- Nº 23** | Patrono: Sabino José da Costa
Titular: **Renato Toniasso**
- Nº 24** | Patrono: Lobivar de Matos
Titular: **Francisco Albuquerque Palhano**
- Nº 25** | Patrono: Arnaldo Serra
Titular: **Elizabeth Fonseca**
- Nº 26** | Patrono: Pedro Medeiros
Titular: vaga
- Nº 27** | Patrono: Antônio João Ribeiro
Titular: **Lélia Rita de Figueiredo Ribeiro**
- Nº 28** | Patrono: Raul Machado
Titular: **Augusto César Proença**
- Nº 29** | Patrono: Elmano Soares
Titular: **José Pedro Frazão**
- Nº 30** | Patrono: Otávio Cunha Cavalcanti
Titular: **Marisa Serrano**
- Nº 31** | Patrono: Henrique Cirilo Correia
Titular: **Hildebrando Campestrini**

- Nº 32** | Patrono: Weimar Torres
Titular: **Abílio Leite de Barros**
- Nº 33** | Patrono: Ovídeo Correia
Titular: vaga
- Nº 34** | Patrono: Tertuliano Meireles
Titular: **Altevir Soares Alencar**
- Nº 35** | Patrono: Múcio Teixeira
Titular: **Rubenio Marcelo**
- Nº 36** | Patrono: Franklin Cassiano da Silva
Titular: **Lucilene Machado Garcia Arf**
- Nº 37** | Patrono: Padre José Valentim
Titular: **Francisco Leal de Queiroz**
- Nº 38** | Patrono: Enzo Ciantelli
Titular: **Wilson Barbosa Martins**
- Nº 39** | Patrono: João Tessitori Júnior
Titular: **Geraldo Ramon Pereira**
- Nº 40** | Patrono: Lima Figueiredo
Titular: vaga



ASL

Fundada em 30/10/1971







O papel utilizado neste livro é biodegradável e renovável.
Provém de florestas plantadas que dão emprego a milhares de
brasileiros e combatem o efeito estufa, pois absorvem gás carbônico
durante o seu crescimento!

Esta obra foi composta em Georgia,
impressa pela Gráfica Viena em papel
Pólen Soft para a Life Editora em julho de 2014.

